

BIBLIOTECA — I. S. A.

— R-4004

Reg.<sup>to</sup> N.º

Est.<sup>te</sup>

Div.<sup>ão</sup>

7094  
2ª anj.  
48

# ANALYSES

OF THE

MINERAL WATERS OF THE  
RESORT OF

1870

BY

DR. J. J. COCHRAN,

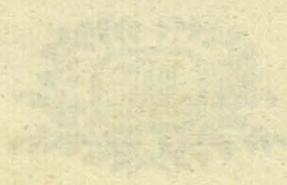
PHYSICIAN TO THE RESORT,

1870

NEW YORK:

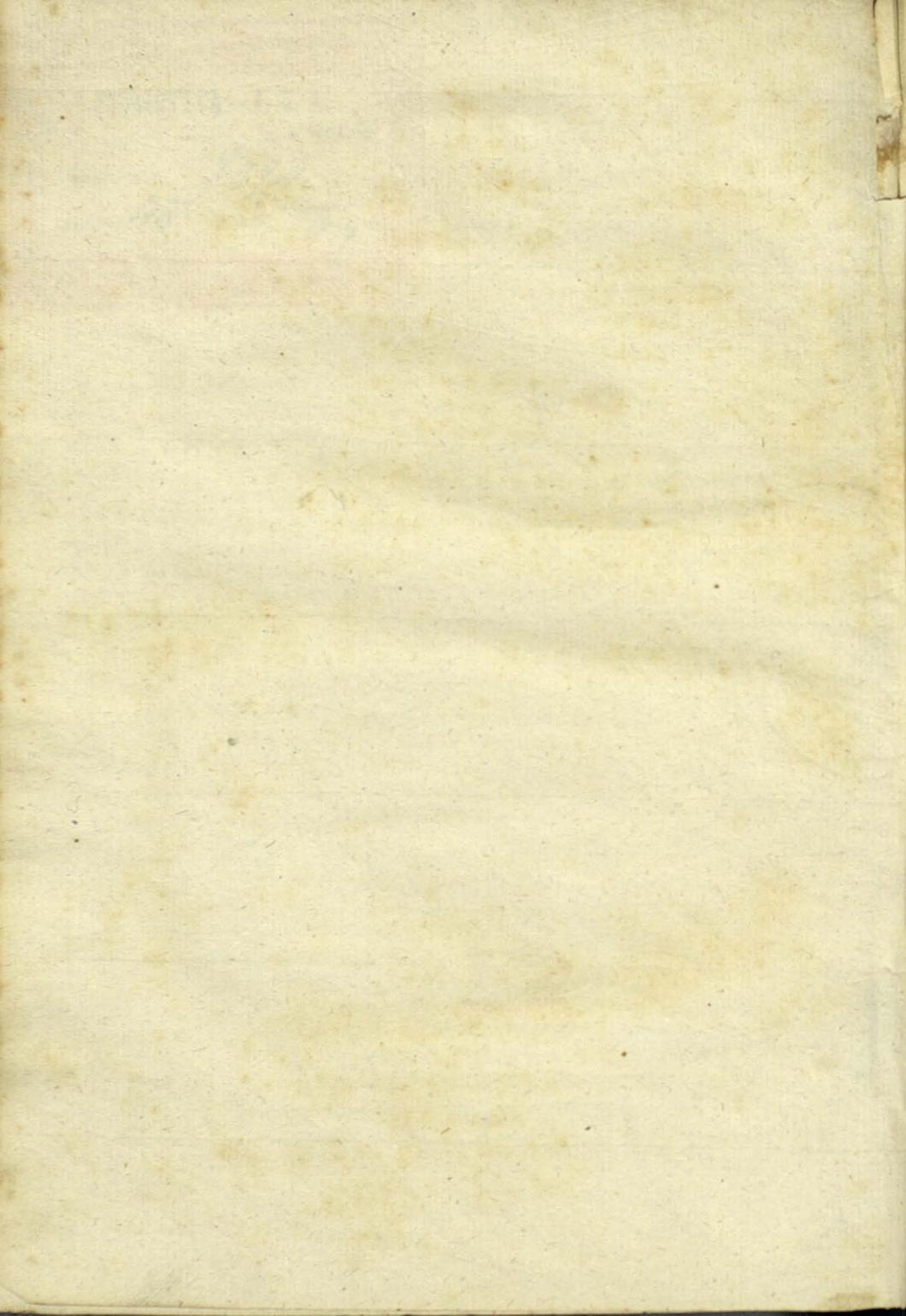
1870

Published by the  
Author, at the  
Resort of



NEW YORK:

1870



# ANALYSES

CRITICAS, ECONOMICAS, E POLITICAS

OU

CAUZAS VERDADEIRAS DAS MENORES PRODUC-  
ÇÕES DO ALEMTEJO, A MAIOR E MELHOR  
PROVINCIA DE PORTUGAL, E SEU AR-  
MAZEM PROVIZIONAL.

ASSIM COMO A DA

ESTREMADURA

FOR MUITO SIMILHANTE AQUELLA

Notadas e publicadas a beneficio do Reino, e do Estado

POR

AONIO—OU CIDADÃO CAMPONIO.

1806

Embaraçadas pelos Censores então ; agora  
vão apparecer por beneficio da Liberdade  
da Imprensa.



LISBOA :

NA TYPOGRAFIA DE JOÃO BAPTISTA MORANDO.

ANNO 1823.

Rua da Barroca N. 19 ao Bairro Alto.

# ANALYSES

CRIMINAES, ECONOMICAS, E POLITICAS

de

CAUZAS VERDADEIRAS DAS MEMORES TROUBAS  
DO ALIMENTO, A MAIOR E MELHOR  
LABORAL DE PORTUGAL, E SEU AR-  
MAZEM PROVINCIAL

ASSIM COMO A DA

ESTREMADEIRA

COM NOTAS SUPPLEMENTARES

(Notas e publicadas a pedido do Reino, e do Estado)

por

ANTONIO DE CIDADÃO CANTONIA

1805

Impressões pelas Officinas da  
Impressão Real, e do Estado  
na Imprensa



LISBOA

NA TYPOGRAPHIA DE JOAO BAPTISTA MORANDI

ANNO 1805

Rua da Barroca N. 19 ao Bairro Alto

## LEITORES AMIGOS

**S**E muito faz quem nestes tempos offerece o que não serve; creio que quem vos offerece, e vos dá o que presta tem avançado sobre os costumes do Seculo. Só vos prejudicará no preço da Obra; que se vos dezagradar acrescentará o monte das muitas que em mim tem achado tal ventura. Mas lembrai-vos que tudo he bom, ou máo, relativamente; e que nenhuma cousa deixa de ser prestavel se della sabemos fazer uzo, e dar-lhe applicação.

Quem dá o que pode mostra o que dezeja; e neste meu caso faz o que deve á Sociedade que tem direitos a nossas aptidões. Provar-se-ha por mim — que não são os ricos os que mais dão — Muitos milhares acabarão os seus dias com amontoadas capacidades sem que, ou suas ambições, ou seus temores os dechassem repartillas por tantos, e com tantos precisados do que elles levarão ás Sepulturas! A desgraça me fez dar tarde o que devia, e podia servir mais cedo. Morrerão meus avizos naquellas mãos que devião conduzillos á publicidade. Tenho com tudo a vaidade, de que acharão Tumulos magnificos na sua boa morte, de cujo Tumulo nascerão Traducções Inglezas.

Pouparei a despeza do rezumo na certeza de que acharei desculpas. Obra piquena, e resumida poderia ficar huma quinta essencia odiosa. Sirva o Indice neste logar. Piqueno Volume curiosidade, e

rivalidade grande: quem duvidará que será tão bem lida como ponderada?

O estilo he novo; o Metro não he velho; a Obra nasce agora: Logo offereço huma Creada que bem pode servir a todos; e de que todos tanto precizão segundo o estado das culturas e producções, cujos resultados são molestias que só achão remedios nas sangrias demaziadas do sangue girante do Estado qual he o immenso Ouro que exhibe por Pão, e mil outros generos que suas terras podem, e devem produzir. Que meus divertimentos ( não trabalhos ) sejam ou não attendidos, quanto a mim, por costume, o mesmo he; porem para Senhorios, e Lavradores ( ou á Nação ) muito

Vale

## ANTE PROPOZITO.

Ouvi oh Lavradores  
As verdades que vos tocão; meus clamores!  
Senhores, vós também  
Ouvi queixas que a todos nos convem!  
Políticos ouvi  
Meus systemas, só dos bens; e reflecti!  
E vós oh curiosos  
Revertei-vos com as Praticas dictosos!  
Todos vejão, anallizem, observem  
E escrevão os dictames bons que servem.

Das Artes a melhor  
E que serve de d'alicerse a Monarchias  
Não seja o menor  
Dos cuidados que embebem vossos dias!  
Culturas estudei:  
As Lavouras com criterios conheci  
Systemas observai  
Praticai, combinai, e escrevei;  
Tirareis, e nós todos tiraremos  
Resultados que mister tanto havemos.

E vós Eterno Deos  
Que o homem para terras degradaste  
E do genio de Cultura o dotaste  
Fazei os termos meus.  
Capazes de persuadir  
O que util aos homens possa ser  
E que chegue minha Obra a bem fazer  
Em termos de servir!  
Eu as graças vos darei; e os louvores  
Tantos Povos precizados, Lavradores!

## ARTIGO I.

*Os Lavradores promovem a incultura por temerem os rivais, que dobrão as rendas das Herdades beneficiadas fazendo incertas as suas estabíldades, e conservações etc.*

## DÉCADA I.

**L**ARGUISSIMOS Terrenos  
 Mui diversos, mas que são produtores  
 Dos generos precizos  
 Com mais legoas, do que são dez vezes cento  
 He Provincia Trastagana. Eu intento  
 Mostrar os prejuisos  
 E as causas de ter máos Agricultores  
 Ou grandes, ou pequenos  
 nenhuns fazem nas Erdades tratamentos  
 Beneficios, plantações, melhoramentos  
 Sem o susto de ser logo despedidos  
 Ou ficarem, com demandas, bem perdidos.

II.

A causa he primeira  
 Porque vemos Bosques Brenhas, Silvas, matas  
 E poucos Arvoredos  
 De chaparros, Sementeiras, Plantações  
 São remedios, só as Leis, e Provizões  
 Que tirem sustos, medos  
 A Cultores; para isto os pondo aptos,  
 Sem duvida ligeira  
 De perderem os trabalhos, e Despezas:  
 Devem ter dos desfructos as certezas  
 Ou por longo, durador Arrendamento  
 Ou fazendo do que paga Aforamento.

III.

Erdade que tem Matos:  
 De chaparros, tem immensa producção:  
 Promette beneficios:  
 Para Arvores, e Fructos produzir  
 Se Cultor os aproveira, vê subir  
 A renda, por Officios,  
 Por tratantes de qualquer occupação  
 ( Até fazer Saparos )  
 Lavrador que o Bem fez he despedido,  
 E quem dá Renda maior introduzido  
 Se sustenta com Demanda conservar-se  
 Chovem logo Provisões: vai arrastar-se.

## IV.

Não faltão proviões  
 Nem pretextos para prontas despedidas  
 Do que agricultava  
 A Erdade muito bem, e com proveitos  
 Contra quem benefícios faz perfeitos!  
 Ou ja porque cortava  
 E madeiras dos desbastes são vendidas  
 De lenhas faz carvões  
 He barata por antigas Escripturas  
 A Erdade? Despedidas tem seguras.  
 Lavrador, perde quanto bem gastou  
 E se fica; he por que renda dobrou.

## VI.

Bem conta lhe faria  
 A qualquer bom Lavrador na solidão  
 Plantar as Oliveiras  
 Fazer Orta, e de vinha ter bocado  
 Em alguma triplicar o seu Montado  
 Plantar as Larangeiras  
 Que de tudo Lavrador tem precisão  
 No anno, e cada dia  
 Mas se faz beneficios e bens taes  
 A Erdade certamente valle mais  
 E que deve esperar, isto fazendo?  
 Despedida: ou que rendas vão crescendo.

Eis-aqui as primeiras das razões  
 Porque faltão pão, e fructos producções  
 O remedio de huns, outros augmentar  
 Será Lei de Cultores conservar;  
 Porem esta determine a Lavrador  
 Como deve ser hum bom Agricultor.

## NOTA-SE

1. Alemtejo tem muitos Lavradores ricos; e com animos de beneficiar Erdades em todos os pontos relativos a suas intelligencias, e poderes. A maior parte com tudo não tem estas qualidades. Todos, e cada hum certamente erão capazes de satisfazer a hum plano regular de beneficios, e plantações, de melhores culturas, e limpações de terras &c. quando espirasse a firme, e permanente conservação disfructante, ou por arrendamentos de vinte, trinta e mais annos; ou porque as rendas actuaes se reduzissem a fóros, como já disse o Doutor Antonio Henriques da Silveira na sua discreta Memoria offerecida á Academia Real das Sciencias em 1790. He digno de notar que sendo hoje tantos os pertendentes, e rendeiros de Moigados, e de Erdades; tão notavel he o monopolio que se conhece pelas culturas! Ou são poucas, ou nenhuma; e os Lavradores da casta, e raça se achão redusidos á terça parte dos que se chamão assim. As duas são de Homens as quaes a occasião, e o dinheiro fez intruzos com orgulhos &c.

2. Nem todas as Erdades são capazes, e dignas de igualdades de beneficios. Attendida esta razão parece util haver huns Inspectores habilitados em todas e cada huma das Comarcas; e a estes se deveria encarregar o exame de cada Erdade; pelo qual se conhecesse quaes seriam as bemeifeitorias mais uteis; procedendo a informar o Soberano Augusto, para decidir, ou por Decretos, ou com Provisões da Academia Real, em conformidade da Lei que devia authorisalos. Os beneficios primeiros deverião ser rela-

tivos á natureza de cada terreno, em suas diversas partes ; e qualidades ; tendo em vista os generos de primeiras precisões do Estado 1. para sua fértil subsistencia. 2. para negocios exportativos ; e 3. para Fabricas precisas , e uceis.

3. Quando se diz — Aforar as Erdades &c. — só se deve entender quando seus Senhorios se negão a fazer os beneficios determinados pelos exames, e Regias Ordens. Deve então ser desatendida toda, e qualquer allegação de impossibilidade, ou objeção &c.

4. Aquellas Erdades que por suas naturezas se julgão Ecclesiasticas desde logo deverião suas actuaes rendas passar a fóros ; mas sujeitas a novas avaliações cada 20 = ou 30 annos. Os Efiteatas assim beneficiadores se embolçavão das despezas pelos desfructos, e os Senhorios receberião os productos devidos em parte a suas terras.

ARTIGO II.

As causas primeiras originão outras, pelas quaes vemos diminutã as producções. Nenhum Lavrador tem as forças animaes relativas aos tempos, e sazões das terras bem indicadas; porque não tendo estabílidades permanentes, desconfiados não tem os Bois precisos.

**S**EGUNDO; nenhum tem (Lavrador) animaes forças bastãntes

A terras das Erdades  
Ou Morgados de maiores extenções  
Lavrãr bem, quando mandão as sazões

E nem para metades.  
Ou as lavrãõ mui depois, ou dias antes

Mas poucos lavrãõ bem  
As culturas, producções, são alteradas  
Quando terras lavrãõ sêccas ou molhadas  
Em lugar de darem pão, té não dão pastos  
E os povos perdem pão, Lavrador Gastos.

II.

Duplicação-se Pastages  
 Quando folhas, porque tarde não semeião;  
 E terras sem culturas  
 Acrescentão. Então temos o expolio  
 Do pão util; temos logo monopolio  
 As rendas são seguras  
 Pelos pastos, se lavar tarde receião  
 Se terras dão ervages  
 Para gados servem mal ao Estado  
 Que do pão vemos sempre precisado  
 Cada anno hum pedasso vai ficando  
 Por lavar; e o Pão a mais faltando;

III.

No fim de alguns annos  
 He o Povo, e Lavrador arruinado:  
 Erdade se arrendou  
 A cruel Monopolista, que prestando  
 Os dinheiros, vai só pastos disfructando  
 Com Gados que comprou.  
 He Erdade já inculta (ou Morgado)  
 Recrescem novos damnos!  
 Se he disto Senhorio advertido  
 Tãobem he monopolista despedido  
 Outro entra que empresta mais dinheiro  
 E cultiva o segundo qual primeiro.

IV.

Andando neste giro  
 As Erdades as Fazendas, os Morgados  
 Recebem os augmentos  
 De que temos todos tanta precisão?  
 Lavradores pódem ter em proporção  
 As forças? Bons intentos  
 De culturas? Estar pódem animados?  
 Que não suspeito, infiro,  
 E mais provo, que nem mesmo os devem ter  
 Se não quando os fizer a Lei manter  
 Porque temem Senhorios orgulhosos  
 Mil tratantes de Erdades cobiçosos.

V.

Não ha cem Lavradores  
 Na Provincia que não sejam inquietos  
 Ou pelos Senhorios  
 Ou visinhos, traficantes, usurarios  
 Os successos da justiça são bem varios,  
 De alguns as teimas, brios  
 Produzido tem em tempos huns Decretos  
 Que são conservadores.  
 Os da Casa de Bragança, invejados,  
 Devem ser! Ser devião imitados!  
 Os das Ordens Militares tambem são  
 Mui louvaveis porque dão conservação.

## VI.

Remedio excellente:  
 São Decretos referidos bem capazes  
 D'augmentos de culturas?  
 Que sim creio. Seirão logo universaes  
 Com preceitos de culturas mais formais  
 Com penas fortes duras  
 Por trinta annos seirão estes efficazes  
 De renda permanente  
 Quem não fez beneficios e augmentos  
 Soffra penas, logo, já despedimentos  
 E aquelles que Erdades melhorarem  
 Pela Lei, justo he se conservarem.

## N O T A

He tão universal e commum o monopolio de Terras para pastos e barregáas, quanta he a necessidade de pão, e os altos preços dos fructos. As medidas por onde se conheessem as inculturas sempre são as precisões dos Estados. A melhor legislação conhecida na Europa desde o Seculo quatorze foi transtornada, e fica inutil, ás culturas pelos abusos originados do luxo desordenado, do qual nascem os monopolios protegidos dos Grandes que delles se servem. As Leis Agrarias, Ordenação, tantos Decretos, e Ordens para culturas tudo se illude; e os Ministros, e Cartorios já não tem mais exercicios do que as Leis Criminaes, e Civís, Orfãos &c. lhes dispõem Regimentos de Vereadores, e dos Concelhos, ou Camaras quanto a Baldios, Estradas, Pontes, e Servidões não tem uzos. Jurisdições penaes; ou de Izibições são só attendidas. O Supremo Tribunal do Desembargo expede mais Provisões para despedir Lavradores, e Rendeiros de Predios do que mesmo para Tutorias que hoje todos pertendem. Se he possivel

humã relação daquellas que forão impetradas pelos Senhores com pretexto de = quererem cultivar = &c. de vinte annos até hoje não ha, de dois mil Senhorios, hum, que conserve culturas nessas ditas Fazendas. Arruinarão Lavradores despedidos; perderão as Fazendas; e traspassando-as a quem mais rendas offerencia, para o traspasse; vem de tudo a conseguir-se a existencia do monopolio, e a precisão continua dos Generos de primeiras necessidades, que compradas vão extenuando as forças da Nação; e a decadencia, em tudo, será o seu fim.

Para culturas regulares = para conservação dos Lavradores = para limitar rendas de Erdades = para ratificações de Edificios = e até para subrogações de posses, ou transacções dos Predios incultos &c. &c. para tudo ha Leis que não forão derogadas; mas que são desatendidas. Parece quer o monopolio redusir Alemtejo ao Systema dos Tartaros, e Bárbaros Centraes da Europa, Asia, e Africa, só tendo Gados, e nada cultivando! Não são sómente os Tratantes monopolistas de Erdades: grossos Lavradores diminuem as culturas por acrescentar rebanhos de Gados de Negocio. Falta o Pão, e as carnes deverião abundar, com farturas; porem humã Providencia mysteriosa castiga os dollos, a perguica, e ambição desordenada. Nunca Portugal comprou tantas carnes e mais generos, como nos tempos em que seus Póvos presumirão de astuciosos em negocios despresando as agriculturas. Meia duzia de Homens em cada Comarca formão casas grossas; e o resto dos Póvos se olhão miseraveis, e oprimidos com as usurpações dos universaes monopolios. Este Reino precisa de mais cultores, que Negociantes. Muitas classes de Empregos se devião diminuir, porem taes discussões pertencem a Politicos.

ARTIGO III.

*Carecem os Lavradores de forças animaes porque faltão Bois, e tem grandes valores, razões por que faltão.*

I.

**T**ERCEIRO dos motivos

De Culturas, e mais forças não haver

He serem os Bois poucos;

Muito caros se se comprão, e não crião

Que baratos, e que muitos, Bois serião

Não sendo Homens loucos

Que os fazem antes d'anno padecer

Seus fins, e positivos?

Cada anno serão menos numerosos

E taes males só se devem a Gulosos

Nossas Vaccas crião muitos; porém morrem

Por que nascem; para mezas logo correm:

## II.

Que barbaro defeito  
 Bem provado na impia crueldade  
 Com que a gulosina  
 De Vitellas quatro mil no anno mata!  
 Dos bons Bois assim vemos que se trata!  
 Queichosos da ruina  
 Lastimamos ser a sua quantidade  
 Pequena! Que defeito!  
 Que havia poucos Bois, a Reis disserão  
 Mas as cousas não lembrou que estas erão  
 Que Alemtejo lhe faltavão Bois e Gentes  
 Mas as causas não buscarão diligentes.

## III.

Que muito he se vejão  
 Poucos Bois, poucos Homens, se elles tem  
 Consumos, distracções  
 E cuidados huns, e outros não merecem?  
 Bois, Vaccas, em nascendo já perecem  
 Por luxo dos Glotões  
 Faltão Homens, e dos luxos a culpa vem  
 Que Campos nos despejão  
 Nas Provincias não ficão as metades  
 Que precisão as Culturas das herdades:  
 Os Bezerros vendem pobres Creadores  
 Que Bois, Homens, achar pôdem Lavradores?

IV.

As contas lhe faremos  
 Só por vermos se são poucos Bois nascidos  
 Se muitos pôde haver.  
 Sem que Vaccas haja mais, ou creações.  
 Eu supponho quatro mil comem Glotões  
 E mais cá a meu ver,  
 Cujos numeros ser pôdem bem sabidos  
 Por livros que acharemos  
 Mais supponho erão maxos ametade  
 Cada anno he dois mil a quantidade  
 E servindo té fazerem doze annos  
 Vinte mil erão bois, e quatro em danos.

V.

Das femeas metade  
 Poderião, ou morrer, ou desgraçar-se  
 A outra sim parir.  
 Nesses annos, que são doze, os calculados  
 Muitos Bois ser devião escapados  
 Em termos de servir  
 E que podem quatro mil avaliar-se  
 Segundo a igualdade.  
 Alguns mais certamente escaparião  
 Que nem tantos descontados morrerião  
 E por tanto bem podemos calcular  
 Vinte quatro mil de mais a trabalhar.

VI.

Talvez, que em metade  
 Da Provincia, sejam menos existentes  
 Que puxem por Arados.  
 Que despezas a seus donos tinham feito?  
 O valor do Bezerro em venda acceito,  
 Até vinte cruzados  
 Chegaria, o dos bons, e excellentes  
 Por grã felicidade,  
 Hum Bezerro que té anno he comido  
 Por Vitella nunca he por mais vendido;  
 Se faz doze tendo sido Lavrador  
 Sinco vezes dobrará o seu valor.

VII.

Trabalho foi perdido:  
 Carne, Couro de Vitella não cresceu:  
 Valor foi o menor:  
 Não pezou dez arrobas, pezou huma.  
 Vendedor fez fortuna nisto alguma?  
 Ficou pouco melhor  
 Do que estava quando preço recebeu  
 Do ante Boi vendido!  
 Cada anno perde sete quem o vende  
 Se a vida té dez annos se estende:  
 Perde Boi para carro, para arado,  
 E pão perde, carne, couro, o Estado!

VIII.

Remedio bom seria  
 E mui facil de fazer , experimentar  
 Em annos sinco , seis  
 Só as vendas das Vitellas prohibindo  
 E das Vaccas que bem pôdem ir parindo  
 Vedadas pelas Leis  
 Que se pôdem bem fazer , e observar  
 Por boa economia.  
 A quem tem os Bezerros tão precisos.  
 Não faz Lei conservatoria prejuisos.  
 Os que pôdem ser por Lei prejudicados  
 São amigos ( não dos Póros ) dos bocados.

NOTTAS.

1. Justissimo parece que cada hum se sirva do que lhe agrada; e que cõma do que mais satisfaz a sua gulla, orgulho, e vaidade! Porem quando ha Terceiros prejudicados parece tambem justissimo toda a moderação. Ora hum Terceiro como he hum Reino, hum Estado bem merece as contenções de appetites que tocão em toda a massa popular. Tambem os appetites desta natureza devem ser attendidos pelas boas Policias, e infringidos pelas Legislações. Todos dizem = faltão Bois, e não sei que digão = porque faltão = A molestia muitos acusão; o remedio poucos lembrão.

O appetite ocioso sempre lembra o exquisito, o saboroso; mas o discurso prudente deve accusar os prejuizos. São estes, ou proprios, ou communs. Sofrão-se aquelles, e não se causem estes; aliás teremos o mais decidido egoismo. Elle deve ser tão prohibido quanto he seguido. As vontades são hoje por tal systema desordenadas; quanto lembrão querem conseguido; mas ou devem conceder-me a razão,

ou dispensar-me para que julgue mal de sua moral, politica, e religião se conhecendo o mal, arguirem quem o manifesta!

O animal Boi he credor aos Estados de immensas auxilios infinitas commodidades. He a nossa força, he o nosso braço laborioso! A sua estructura, construcção, e volume parecem feitos positivamente para ajudadores dos Homens. Quanto tem lhes he prestavel. Entregão as forças, e aptidões na vida: carnes, couros, e todos os restos na morte.

Mas quanto mal retribuem os Homens tão energicas, e preciosas qualidades á raça providente dos Bois? Orgulho, vaidade, mascarados em esplendores faz morrer os precisos nas Praças, com repiques de instrumentos! Que barbara impiedade! Os Glutões assassinão as innocentes Vitellas; e com alegrias destroem os Póvos. Os Lavradores, e seareiros indiscretos sacrificão nas mãos dos Marchantes os seus prestaveis Bois, e Bezerros, quando as suas precisões erão bem remediadas com os brincos da mulher, ou das filhas! Vão depois lavrar; metade semeão; metade recolhem. O progresso continua: brincão com btincos, e morrem de fome que Ourives lhe fazem padecer, e a falta de seus Bois.

Alguns Governos, a que chamamos — Barbaros — comem, e vendem Bois, e Vacas; porem destas as infecundas, e daquelles os defeituosos. Prasa a Deos que tal systema tenha a sorte do Diamante!

## ARTIGO IV.

*Homens são poucos. Faltão Trabalhadores. Porque faltão?*

## I.

**D**os Homens que diremos?  
 Que são poucos como dizem geralmente  
 Os bons Trabalhadores  
 Porque luxos tem metades em bebidas.  
 Mil empregos tem o luxo, cujas vidas  
 Não dão sustos, temores  
 Como dão as culturas certamente.  
 Por isso tantos vemos  
 A empregos, só de luxos, offerecidos  
 E dos Campos a maior parte fugidos  
 Fabricantes, os Lacaio, Escudeiros  
 Escusados, talvez fação huns milheiros.

## II.

Por força hão de ser  
 Muitos menos os precisos a culturas  
 Dos Campos, e do pão  
 Porque tem, com boas vidas, mil empregos  
 Pelos luxos bem tratados, com socegos  
 Os restos chamarão.  
 Ametade pelas contas mais seguras  
 As vinhas vem a ter  
 Dos que temos, que ser pódem Cavadores  
 E hum quarto fica só a Lavradores.  
 Sem o Pão, Fructos, Gados não se passa:  
 E desprezão-se culturas?... He desgraças.

## III.

Ha trez Cellibatarios  
 Entre outros que Estados prejudicão  
 Conforme o entender  
 Dos politicos, qual eu, tanto grosseiros.  
 Os creados de servir são os primeiros  
 Que só devião ser  
 Ou casados, ou dos velhos que já ficão  
 D'empregos muito varios.  
 O Lacaio não he bom, sendo casado?  
 Se o for, não dá filhos ao Estado?  
 E os velhos são creados indecentes?  
 Atrevidos são; incertos, insolentes?

# ANALYSIS

CAUZAS, ECONOMICAS, E POLITICAS,

OU

CAUZAS VERDADEIRAS DAS MENORES PRODUC-  
ÇÕES DO ALEM-TEJO, A MAIOR E MELHOR  
PROVINCIA DE PORTUGAL, E SEU AR-  
MAZEM PROVIZIONAL.

ASSIM COMO A DA

ESTREMADURA

POR MUITO SIMILHANTE A QUELLA

Notadas e publicadas a beneficio do Reino, e do Estado

POR

JOÃO CAMONIO—OU CIDADÃO CAMONIO.

1806

Elibaraçadas pelos Censores então; agora  
vão apparecer por beneficio da Liberdade  
da Imprensa.



LISBOA:

NA TYPOGRAFIA DE JOÃO BAPTISTA MORANDO.

ANNO 1823.

Rua da Barroca N.º 19 ao Bairro Alto.

IV.

Estado Militar

He segundo Cellibato de attenção,  
 Na minha intelligencia  
 Concedendo que paz tem o Reino, Estado,  
 Militar póde muito ser casado  
 E ter por consequencia  
 Os princípios do Valor, de ambição  
 Sem ver-se desertar  
 Cellibato faz a muitos mil perder  
 E talvez brio, honra nenhum ter!  
 Ambição Homem faz Trabalhador:  
 Com famílias, a trabalhos tem amor.

V.

Soldado que casou

Ecom boa disciplina foi creado  
 Deixando de fazer  
 Os trabalhos a que tem inclinação;  
 Elle d'Homens póde dar a producção;  
 Os filhos vem a ter  
 Que bem servem; não tem fome, he asseado  
 E não se estragou  
 Com os males do cruel Cellibatario  
 Que do Homem mais sisudo faz hum várie,  
 Não deserta; sua Patria Lar defende;  
 E talvez presoneiro, se não rende;

## VI.

Vejamos Portugal  
 Nesses tempos, bem a nós antecedentes  
 E quando nas Conquistas  
 Erão Tropas menos que hoje regulares.  
 Houve Chefes, e Soldados singulares  
 E pelas minhnas vistas  
 Os casados erão mais, e mais valentes  
 Que hoje (ainda mal!)  
 Nas acções os casados, e solteiros  
 Todos forão Militares verdadeiros:  
 Fallem Mouros, Espanhoes, Americanos  
 Etiopas, Persas; Reinos Indianos.

## VII.

Celibato terceiro  
 Da Igreja he superfluo estado  
 Adito em profusão  
 Que concorre muito pouco a instruir  
 O excesso vai o Reino a destruir  
 Com tanta occupação  
 Que emprega tanto Povo escusado  
 Sem util verdadeiro.  
 Perde Reino, os Vassallos, producções  
 E não ganha as melhores instrucções  
 Porque vicios que nos Póvos são peccados  
 São por elles, todos todos praticados.

## VIII.

Agora imaginemos  
 Que metade ser podião dispensados  
 Que ha sem precisões:  
 Vinte mil, eu protesto, vem a ser.  
 Supponhamos logar isto póde ter  
 Por Leis, disposições:  
 Trinta annos depois sendo já passados  
 Por força ter havemos  
 Vinte mil Pais de filhos, se casando.  
 Que os Póvos ir havião triplicando;  
 E farião mais effeitos casamentos  
 Que doutrinas, com os seus procedimentos!

## IX.

O quarto Celibato  
 Nos Amigos Bachanaes he conhecido.  
 O vinho pelo abuso  
 A Mulheres de casar atemorisa  
 Ao Homem bebedor Esterilisa;  
 De Venus perde o uso.  
 Casamento de Mulheres he temido  
 Se tem brio, recato.  
 Ellas olhão-as com bebados casadas  
 Miseraveis, rotas; nuas, espancadas,  
 Se lhes fallão em casar ficão tremendo  
 Lhes succeda, o que, em outras estão vendo!

X.

A Homens outro tanto  
 Lhes succede por ver outros desgraçados  
 Perdidos nós, e rotos  
 Com quinhentas precisões, e sem dinheiro  
 Não se lembrão nem reflectem bem primeiro  
 Que bebados, marotos  
 Nunca pódem ser com casa governados  
 que gastão tudo, quanto  
 Adequirem com suóres, com fadigas  
 Em fazerem pipas, talhas, das barrigas.  
 Que por vinho de vestir deixão, calçar  
 E das faltas culpas tornão a casar.

XI.

Os mais atemorisão  
 Com queixumes dos filhinhos, se os tem  
 Com queixas das mulheres  
 Que Desgraça entregou em suas mãos  
 Os Confrades do máo Baccho, seus irmãos  
 Professos nos beberes  
 Não se casão; porque outros muito, e bem  
 por máos os horrorisão.  
 Assim perde este Reino seus Vassallos  
 Mais os filhos! ( Bem podia emendalos  
 Ou com penas os Borraxos castigando  
 Ou das vinhas as metades arrancando.)

## XII.

Nas classes da Marinha  
 Marinheiros, ou Barqueiros, Pescadores  
 São muitos mil solteiros  
 Que podião, e devião-se casar.  
 Os seus filhos se podião costumar  
 A bellos Marinheiros;  
 E serião menos destes desertores;  
 Oh quanto tal convinha!  
 Collarejas, Vendedoras Regateiras  
 Engeitadas, e as Orfãs, Taverneiras  
 Bem devião com taes Homens ser casadas  
 Se livrando muitas mil de desgraçadas!

## NOTTA.

O Estado do Celibatario he inimigo destructor das Monarchias: o rival da especie: odioso á Sociedade em todos os pontos; e acé opposto á Lei impressa em todos os viventes. Lei mais parecida a milagre continuado que todas as universaes como esta. Infelizmente desagrada aos mesmos sectarios, e podemos suppor que ao Creator; pois tem este Titulo porque permittio, e ordenou a Regeneração activa. As sociedades fizerão haver Matrimonios por conhecerem não podião, nem devião reprimir o impulso regenerativo com Moraes, e com persuações. Este sentimento he o mais util dos Homens e dos Estados, em termos. Todos temos direito a elle; e por tanto parece que deve ter uso, e seu devido effeito: alias se seguem as desordens que facilitão as prostituições universaes que vemos. Estes caminhos devem de todo desembaraçar-se. Os Monarchas são Senhores dos rebanhos de seus Póvos devem fazellos numerosos para serem ricos e poderosos. Basta.

## ARTIGO V.

*Fabricas de luxo são prejudiciaes ao Commum,  
Particular, e Reino.*

**A**s Fabricas de luxo  
 Huma causa fazem quinta, de attenção  
 Por faltas que sentimos  
 Nos trabalhos, e de Homens se experimentão  
 Prejuisos á Nação, elles augmentão.  
 Dinheiros exhibimos  
 Pelos Generos de prima precisão  
 Por seu brilhante influxo!  
 Eu pergunto: são os Homens mais prudentes  
 Pelo luxo? Tem juisos os dementes?  
 Que dinheiros absorvem os Artistas  
 Pelas modas, que de boas só têm vistas?

## II.

Os Grandes se arruinão  
 Com despezas de costusos, mãos enfeites,  
 De ligas de Botões  
 De Fivelas, Joias, Caixas, e Anneis.  
 Todos querem figurar certos papeis  
 Com lindas Guarnições!  
 Que custosas composturas! Que deleites  
 Que tanto amofinão!..  
 As Senhoras (eu não digo com loucuras)  
 Querem Cassas; mas que renhão bordaduras -  
 Que lhe custão, de moedas, infinitas  
 Assim lensos cada dia, Flores, Fitas!

## III.

Protesto que impedem  
 Essas Fabricas de luxo muito Homê  
 Preciso á cultura.  
 (Melhor Fabrica, que tantas escusadas)  
 São as Gentes deste modo extraviadas.  
 Da boa Agricultura:  
 Vem o pão a ser caro, que se come;  
 Os Generos se pedem  
 A estranhos, que são habeis Calculistas  
 E de nossas precisões não perdem vistas  
 Para ouro, e dinheiro nos levar  
 Pelo que Terras podem bem crear!

## IV.

Com titulos d'Amigos

Nos espreitão, appetites, precisões

E Generos nos trazem

Quando preços de Lisboa são maiores.

No supposto; seus affectos são melhores

Visitas mil nos fazem

Porque levão, com os lastros os milhões

Por milhos, e por trigos,

Por farinhas, por senteios, por sevadas

(E por cousas que ser pódem escusadas)

Para tudo que compramos terras temos

E por faltas d'Homens, Bois, o carecemos,

## V.

Façâmos nós haver

Esses Generos d'atensão, necessidade

A mais essencial

E depois no máo luxo cuidaremos.

Bois, e Homens, haja quantos precisamos

Em nosso Portugal.

Se não temos pão preciso, nem metade

A Reino bem manter

Porque havemos nossas terras desprezar

Em Bois, Homens, e culturas não cuidar?

Quem Azeite, Carnes Pão de seu não tem

Porque ha de só cuidar em luxo bem?

## VI.

Deixemos os vestidos  
 Que não durão; os botões, e os enfeites  
 Das modas, e dos usos  
 Que por outros se desprezo; innovados.  
 Perdem todos o seu ser; são mascarados  
 Por modas, seus abusos.  
 Não fassamos só do frívolo deleites  
 No máo só embebidos  
 Não queiramos nas cruéis variedades  
 Dar idéias de ter vãs capacidades;  
 E se para reformar-nos for preciso  
 O Decreto; salve este o prejuizo !

## VII.

Remedios são vestir:  
 Cada hum, do que tem mais duração  
 Do simples, bom, honesto  
 A pragmática que temos nos lembrando  
 Hum caracter de vertir bem adoptando  
 Ou serio; ou modesto  
 Aos Homens todos dá ponderação  
 E outros não faz rir.  
 De que servem nos pescóços dois tres lenços  
 Se não temos as Parotidas, leicenços?  
 De que servem Casemiras, e Roupões  
 Tendo Panos, bons Droguetes, Beitões?

## VIII.

Deixar quinquilherias;  
 Contranbandos imprecisos despresár,  
 Estranho aborrecer  
 Quando temos, no que nosso, quanto baste  
 No superfluo, dinheiro se não gaste  
 Por não empobrecer  
 O Commum; e fazer muito girar  
 Nas bolças ja vasias  
 Eu bem sei que politicos dirão:  
 — Ouro nosso deve ter exportação —  
 Mas nem tanto, nem em tanto prejiu so  
 Para termos os respeitos no preciso

## NOTA

Não he o rigorismo impertinente o Dictador destas observações, destes dictames. O abuso excessivo caminha ao seu auge: chegado a elle o vemos. Segundo a rotação do Mundo civil; deve decahir Para que seja assim, antes de forças esgotadas totalmente, appareça a declaração que anteceda á queda, para prevenir ás desgraças!

Não he directa, e simples intenção apollogiar o fausto decente, nem os tratamentos aseados, mesmo com o lindo, com o bello, com o rico, e dinda magnifico: sim a odiosa affectação que chega a ser ridicularia, encapotadas com as modas, he o que se nota, como indigno, e como prejudicial abuso. A extravagancia do gosto não escapa aos Inventores de seus novos objectos; e com o o entusiasmo persuade os usos das apparções: huma especie de bebedisse, não deixa descobrir o util, entre o gosto, appetite, e o fanatismo preocupados!

Multiplicados os Homens, então serão os luxos uteis, quando agora prejudiciaes Satisfeitos os empregos de primei-



ARTIGO VI.

*Mattos, e suas Sêpas (ou raises) impedem lavou-  
ras. Nas Terras que devem semear-se, ou em que  
ba Arvoredos, são de prejuizo suas existencias.*

P

ARECE hum peccado  
A perguiza d'arrancar Sêpas da terra!  
São mui impedimentos  
Dos trabalhos, dos arados, e sementeiras!  
Ellas fazem triplicadas serem geiras  
Impedem Bois, e Gentes!  
O Arado, que em rossas, lavra, enterra  
Alqueire; he bom arado  
Se as terras são delgadas, de sentieo  
São abertas, se enterra alqueire, e meio;  
Sêpas privão de lavrar, e criar-se Pão,  
Palha boa, té do pasto a producção.

II.

Metade do Terreno  
 Cultivado, he de sêpas povoado  
 De mattos mui diffrentes  
 E que se conservão, cem, mais annos  
 No Verão a Arvoredos fazem damnos  
 E sempre ás sementes.  
 Ellas tirão sciva súdo destinado  
 A número pequeno  
 Ou maior, dessas arvores de fructo  
 E por isso o Pão fazem diminuto  
 São as terras pelas sêpas exauridas  
 Porque são nellas bem stabelecidas.

III.

O chão he figurado  
 Huma casa, que tem certas provisões;  
 Ou inda rendimentos  
 Em limites quantitosos concebidos  
 Todos seião saís, e succos embebidos  
 Que sirvão d'alimentos  
 D'Arvoredos, Plantas, Ervas Produçções  
 Em ponto precisado  
 Cada chão, contém certas quantidades  
 Relativas a character, qualidades;  
 A seus corpos, profundeza, situação;  
 Cada planta buscar vai sua ração.

IV.

Suppomos que contêm,  
 Certo chão, dez almudes d'humidade  
 Ou agua embebida,  
 E que tem de vinte Arvores prover:  
 Seis canadas cada huma vem a ter  
 Com quaes he bem mantida.  
 Se das Arvores mais for a quantidade  
 (De vinte até cem)  
 Cada huma tem menor seu alimento:  
 Destruida he por falta de sustento  
 E se sêpas tambem tirão seu quinhão  
 Plantas, Arvores, mui fracas se farão!

V.

Saude, Natureza  
 Fazem Arvore soccorros mais buscar.  
 Qual, tanto, vem a ter  
 He questão, que só pratica termina.  
 Vai crescendo a despeza, e a ruina  
 E só por não poder  
 O preciso alimento em terra achar:  
 Decahe; mostra fraqueza  
 Cada planta faz a sua deligencia  
 O que pode vai tirar por consequencia  
 Porque quer cada huma sustentar-se  
 Crear ramos, folhas, fructos, augmentar-se.

## VI.

Se succos são bastantes  
 As folhagens, troncos, fructos vigorou ;  
 Se mattos lhas tirarão  
 Essa Arvore então esmoreceu.  
 Sendo muitas ; cada huma recebeu  
 Até onde chegarão.  
 Muitos succos, dellas huma não achou  
 Em tempos importantes ?  
 Os seus ramos, tallos, fructos esmorecem  
 Os desmaios, com os limos apparecem ;  
 E não tendo, cada huma, seu preciso  
 Sustento, logo sente o prejuizo.

## VII.

Cultores alguns são  
 Destas fysicas hum pouco intruidos  
 Porém a maior parte  
 Desabellas são bem pouco curiosos.  
 Ha inertes, indolentes, preguiçosos  
 A quaes, methodo, arte  
 Não tem falsos costumes destruidos  
 Nem má apprehensão.  
 Soffrem estes prejuizos tão palpaveis  
 Conservando mattos tão abominaveis  
 Perdem fructos, matão Bois, quebrão Arados  
 Sem que queirão ver os mattos roteados.

VIII.

Remedio seria  
 Huma Lei, que fizesse arrancar  
 As sêpas geralmente  
 Pelos donos, ou rendeiros das Erdades  
 Deverião conservar as qualidades  
 D'aquellas que utilmente  
 Arvoredos pôdem vir a bons crear,  
 E grandes algum dia.  
 Serem limpos, em chaparros, desbastados  
 Lavradores que o fação, conservados  
 Sem limite, annos trinta, ou quarenta  
 E a renda no fim destes se acrescenta.

NOTA.

Huma das producções melhores do Alem-Têjo he a bella, e excellente carne de Porco, suas creações, e multiplicidades. Tem universal consumo, interno, e externo. He genero de primeiras atenções, e necessidades. Grandes, Pequenos, Ricos, e Pobres, todos tem precisão de tal genero. O Pão he tambem muito preciso. Ambas estas producções se diminuem quando os mattos, ou se conservão, ou se augmentão; em especial aquelles que tem Sêpas duradouras, e permanentes, 1.<sup>o</sup> porque exaurem as terras dos succos, e humidos precisos ás Arvores de fructos, e á melhor producção da palha, e do grão. 2.<sup>o</sup> Porque são impedimentos aos Arados que não pôdem abrir regos seguidos, nem lavrar com a precisa expedição, para em tempos oportunos vencerem sementeiras chamadas = Temporaa = 3.<sup>o</sup> porque, ou diminuem estas, ou as prolongão até serem intempestivas. 4.<sup>o</sup> porque encontrando os Arados com as Sêpas, ou se quebrão, ou tratão mal os Bois. 5.<sup>o</sup> finalmente, porque se multiplicão os mattos, os impedimentos, e os prejuizos referidos.

Os Lavradores temendo melhorar Erdades pelo que se disse nos artigos 1.<sup>o</sup>, e 2.<sup>o</sup> antes querem soffrer os males que praticar os remedios das roteações das Sêpas. Enthusiasmados com as rossas inda nellas buscáo recursos que julgáo melhores do que as consequencias dos beneficios. As Erdades mattosas nunca exciçáo os ambiciosos visinhos, como aquellas que melhormente são tratadas.

Esta objecção de bemfeitorias deve hum dia desaparecer, para que Portugal tenha os generos indispensaveis, por effectos de culturas analogas, e reguladas. Segurar os Lavradores nos arrendamentos duraveis, e obrigarllos a fazer o que mais util se julgar das terras, e dos matos, Arvoredos, &c.

## ARTIGO VII.

*Baldios, Coutos, e Maninhos são perniciosos obstáculos ao Systema das culturas, pelos abusos; e até das Leis Agrarias.*

**P**OR sistema causal  
 Se acusa de baldios profusão  
 De coutos, de coutadas  
 Concedidos: mas vedados á pobreza.  
 O Estado faz com Póvos a despeza  
 De terras separadas  
 Por pensar dellas tenham precisão  
 A bem commum, igual  
 Para que respectivos povoadores  
 Fossem dellas os iguaes desfructadores  
 Para que em commum se cultivassem  
 Dessem fructos que a todos abastassem

## II.

Porém as Inspeções  
 O Estado permittio ás Verianças  
 Com fórmãs, e maneiras  
 Para Terras, e as Arvores tratarem:  
 Para Póvos nunca Arvores cortarem;  
 Fazerem Oliveiras  
 De Zambujos; para terem abastanças  
 De suas provisões.  
 Para mattos, como lenhas, sempre haver  
 De que todos bem podessem-se prover;  
 Para pastos, para commodos de Gados;  
 A final para serem cultivados.

## III.

Que vemos succeder  
 A milhares de Baldios, de Coutadas  
 Maninhos, e Desertos?  
 São por Póvos os Terrenos possuidos?  
 Seus Direitos a taes Terras, são mantidos?  
 Desfrutão-nas huns certos  
 Com rebanhos; as Leis tendo despresadas  
 Por seu maior poder.  
 Não tem Póvos em Baldios possessões  
 Por usuras e até por provisões.  
 Assim Terras, boas, más, esterelissão  
 Os mais ricos; e só pastos utilisão.

## IV.

Conselhos sempre são  
 Das pessoas de respeito só formados  
 Que tem como heranças  
 Os lugares de Juizes, Vereadores  
 Estes são os actuaes desfructadores  
 (Por serem Vereanças)  
 Dos Baldios, que a Póvos serão dados  
 Com pia intenção.  
 Se dão sortes de terras; repartidas  
 São por elles as que boas escolhidas.  
 Seus pastos, ou os matos se venderão  
 Não são pobres, que vintem só, e receberão.

## V.

Nós vemos os augmentos  
 Dessas pobres, infelizes Povoações  
 Que tendo algum dia  
 Sido grandes, soffrem hoje os despresos.  
 A seu util forão Póvos sempre presos  
 Por Lei, por sympathya  
 Dos recursos para suas precisões  
 Das vidas, dos sustentos.  
 A principio forão bons os Partidores  
 Tinha terras cada hum dos Povoadores  
 Porém hoje Egoismo só dá terra,  
 A Pobreza não a tem, e eis a desterra.

## VI.

Os Póvos deſterrados  
 Assim vendo os Baldios repartidos  
 Sem ter os pastos, Pão  
 Que podião dar-lhes terras, abundantes,  
 A Estado menos são interessantes  
 Nem á População.  
 Prejuizos diſto vêm em mil ſentidos  
 Aqui não relatados  
 A mão d'obra não se póde assim vencer  
 E culturas produçções não pod'haver  
 Faltão fructos, os casacs as produçções  
 Falta tudo o que ſoccorre as preciões.

## VII.

Remedios: dividir  
 Os Baldios, por Decreto ſingular  
 E todos em Courellas  
 Para Pão, Arvoredos, e Pinhaes  
 Ordenar, por Leis meſmo, e formaes  
 Cultura a todas ellas  
 Poſſeão de cada huma conſervar  
 No que não transgredir.  
 Ao que não cultivar como se manda  
 Tirar poſſe ſem mais cauſa ou demanda  
 Finalmente dar a pobres; que fabricão  
 Não a grandes que as ſuás danificão.

## VIII.

Hum Prático que veja  
 Os Terrenos, que conheça qualidades,  
 Character, condições  
 Naturezas, e principios vegetaes  
 Que dê disto relações expecias  
 E diga as producções  
 De que mostram essas terras propriedades  
 E tudo em Mappas seja.  
 Depois disto com Real approvação,  
 Cada hum deve ter sua porção,  
 Obrigado á Cultura designada  
 A que seja a Courella fabricada.

## IX.

Os Fóros certamente,  
 Que impostos podem ser, sim bastarão  
 A dar sobre as Pontes,  
 E Estradas, as melhores providencias.  
 A olhar as precisões, e as urgencias  
 Que há de muitas fontes.  
 As calçadas mais algumas se farão  
 (Artigo indollente!)  
 He o caso que as taes applicações;  
 Como muitas, não padeção diverções.  
 Eu protesto, assim sendo, que Baldios  
 Sejam uteis a Estado, e Senlicrios.

## N O T A.

A maior parte das terras deste Reino, pelo direito de conquista indubitavel he que pertenceo aos primeiros Monarchas. Politicos, e providentes distribuirão porções volumosas em gratificações de trabalhos de certas corporações que hoje as possuem, com poucas vontades de satisfazerem as clausulas de formarem Povoações, como fizeram seus primeiros Possuidores, e que hoje se abatem. Benignos, e clementes tambem doarão aos Povos muitas terras; humas gratuitas; e outras pencionadas com outavos, ou imposições diversas, e relativas a melhores qualidades, situações, &c. Formarão Baldios, com direitos privativos, para os desfructos dos Povos. Estabelecerão Leis, e Foraes. As Camaras, ou Concelhos respectivos, forão encarregadas das Administrações dos Baldios; posto que destes as Propriedades fossem pelas doações, de diversas naturezas: a saber: = Baldios dos Povos = ditos dos Concelhos = Courts communs = e Maninhos que são terras cujas directas posses ficarão indecisas; e as Povoações confinentes as desfructão em commum. Alguns Baldios, posto que doados aos Povos, sempre ficarão sendo da Real Coroa, que ou recebe seus outavos, ou com elles tem premiado Vassallos benemeritos, que hoje são seus descendentes Possuidores dos ditos, como Donatarios sómente vitalicios, e por Graça.

Os Regios e Pios intentos dos Soberanos forão attendidos, em virtudes das Leis, naquelles tempos em que o Zelo Patrio, e Social animava os Membros Directores encarregados, &c. Particularizarão-se porções de terras, ou por Provisões, ou por alheações, ou por descuidos; e talvez por usurpações apoyadas em respeito como cuidado, á vista de muitas. Fossem separadas de communs por quaes quer modos: o effeito das Leis, e das Regias intenções em mui poucas se verifica. Nas terras desmembradas dos baldios houve culturas melhores em outros Seculos. Os restos que inda tem seus nomes primarios bem merecião accusação mui extensa; porque hoje suas maiores quantidades inutilisáo os Povos, e só fazem interesses a dolosos aproveitados.

Milhares de Provisões conseguidas dolosa, obrepticia e subrepticamente, tem confundido, variado, e determinado os direitos populares. Os Povos que não conhecem doações, ou titulos de suas communs Propriedades, não soberão requerer com embargos demonstrativos. As pessoas que sabião, o que os Povos ignoravão, forão captadas, e illudidas pelos interessados. Assim se transtornarão direitos communs em particulares, ou das Camaras, ou de seus membros. Acabarão os beneficios dos Povos doados por mercês, e por Leis inda não derogadas, na maior parte dos baldios, e communs. Suas culturas, quasi se suspenderão, e o Povo todo em commum soffre as faltas das Produções, e compra aquellas que suas terras podião, e devião produzir. O Estado teve o augmento de Povoações que se fizerão até o Seculo quatorze, em que os Povos conservarão zelo, gosto, e respeito patrioticos. Hoje são quasi desertas as Villas das Ereções condicionaes pelas doações. Os Povos que não recebem utilidades de seus baldios são emigrados trocando as vidas trabalhotas das culturas, pelas melhores dos Artistas, Fabricantes, Creados de luxo, e outras semelhantes.

Bem certo parece que a doação feita por hum, ou por mais Soberanos, e approvada pelos Augustos Successores; he legitima; e que não derogada por algum, até deve entender-se como = ultima vontade testamentaria. Como tal se representão legados, os coutos e baldios doados, como Obra pia, até para sua insolução. Só resta para integridade de Posses satisfazer as condições; sem isto até são nullas todas as de aquisição inda mesmo Provisõnaes; por que as Provisões não annullarão a condição, e só fizerão titulos de transmições, &c. Desmembrar baldios, e particularisar communs he systema hoje seguido, e adoptado das Nações mais illustradas; porém permittir as inculturas por via destes planos he indulgencia que prejudica a massa Social em muitos pontos essenciaes.

Os dolos, e malicias populares dos seus respectivos maiores, chegarão até mesmo a prejudicar a Real Coroa nos Baldios de que deve receber os outavos. Não se lhe chame usura, se huma outra especie de monopolio à aquisição de largas possessões nestes Baldios! Sirva de exemplo

o de Pontevel, Eyreira, e Lapa, &c. hoje do termo de Santarem. Foi doado pelo 2.<sup>o</sup> Monarcha deste Reino o Sr. D. Sancho I. e os moradores da (então) Villa de Pontevel, para que cultivassem Pão, Vinho, e linho, com foro de outavas partes, &c. de vinte partes huma será a cultivada. Dezanove são Brenhas mattosas, cujos fructos, ou produções só são uteis aos fornos de cal. Grandes porções são pinhaes; alguns olivae; e isto porque? Porque mattos, Pinhaes, e olivae não pagão outavos; e só os ultimos dissimos. Dezanove partes incultas, e mattosas tirão á Igreja e á Coroa os direitos das Culturas de hum terço que são ao menos seis; e de seis para-han são de cinco os prejuizos dolosos, e cavilozos, &c.

Como hoje são tantas as occupações daquelles que devião fiscalisar sobre estes dolos, e prejuizos, e tantos os respeitos que offuscão as luzes destas verdades, para propostas na Real Presença, &c. eu não duvidei, nem exitei sobre huma denuncia publica, e universal destas infracções de leis, foraes, e direitos communs. Manifesto algumas, como causas das inculturas; as outras como Subdito fiel. Nenhuma condescendencia nem politica pôde obstar a prejuizos da Sociedade, do Estado, e da Coroa; e menos da Igreja á qual o dólo, e malicia priva dos seus direitos; e em casos positivos ha responsabilidades effectivas. Eu sabedor, não deve occultar os defeitos; pena. . . . Os que forem capazes destes conhecimentos me desculparão.

## ARTIGO VIII.

*Quadrilhas de Bois, prejudicão as Culturas, são oppostas ao Systema.*

## I.

**O** Utavo prejuizo  
 He não serem boas terras proveitosas  
 Do Pão á producção  
 Que não crião muitas duzias d'Erdades.  
 Só sustentão de Quadrilhas quantidades  
 E pastos só lhes dão  
 Ter podendo producções mui volumosas  
 Do Pão, que he tão preciso.  
 As Quadrilhas servem só de transportar  
 Pão, e Generos, sem hum rego só lavar  
 Bem podião as Quadrilhas hirem, virem  
 E lavrarem : seis mil moios produsirem

## II.

Mil Juntas de Bois tem  
 As Quadrilhas só em fretes occupadas  
 Sem mais nada fazerem  
 Em Erdades sem culturas. São immensas!  
 Contra Leis, Ordenações são, taes, offensas  
 Que devem-se dizerem  
 Aos Póvos que estão necessitadas  
 Do util, do seu bem.  
 Se mil Juntas só seis mezes transportassem  
 Pão, Fazendas, e depois quatro lavrassem  
 Cem mil Geiras certamente lavrarião  
 E mil moios de sementes cobririão.

## III.

Mil moios semeados  
 Poderião dar a sete produções  
 A outo, cinco, seis?  
 E não tinhã, deste modo, Reino Pão?  
 De comprar tanto, era precisão?  
 Bem sei que me dizeis:  
 Como hão de bem fazer-se condições?  
 Sem ter muitos cuidados  
 Pósso bem tal Problema resolver  
 Em seis mezes podem todas se fazer  
 E com Bestas podem ser os Bois suppridos  
 Como são em Terrenos conhecidos.

IV.

Provincias do Norte  
 De carretas, as Quadrilhas não conhecem  
 E são mui bem provadas  
 Triples sendo suas Gentes, a meu ver.  
 Estes Póvos, levar fazem, e trazer  
 Em Bestas carregadas  
 Ou em carros, provimentos que carecem  
 Já d'huma, outra sorte.  
 Sem Quadrilhas as Cidades são providas  
 Os Logares, e as Villas, fornecidas  
 E Lisboa do que terras podem dar  
 Bem recebe, sem Quadrilhas occupar.

V.

Suppomos que sobravão  
 Pão, Fazendas, dos transportes do Verão  
 Com Bestas. não podião  
 Ou as faltas, ou as sobras, se suprir?  
 Bem, melhor, se podião conduzir:  
 Em breve vinhão, hião  
 Sem das chuvas a maior exposição;  
 Dos damnos se livrãvão,  
 Se disserem o contrario Calculistas  
 He capricho. He manter monopolistas,  
 E apoiando cem, duzentas Creaturas  
 Arruinão o Estado, e as Culturas!

## VI.

De mais os Planos meus  
 Os transportes vão melhor facilitar  
 Havendo amantismo  
 Para Obras que direi emprehender.  
 Se Estado, três Canaes mandar fazer  
 (Que Obras d'Heroismo!  
 Pode Generos immensos transportar  
 Estranhos, ou os seus  
 Sem que Bois, nem Quadrilhas se precisem  
 Para isso; e lavrando utilisem  
 Ao Reino, com maiores producções  
 Evitando as sangrias de milhões!

## VII.

Pratique-se meu Plano  
 De Debulhas se fazerem maquinaes  
 E não com Vaccas, Bois  
 Que transportes, os farão os Lavradores  
 Os que podem fazer bem taes conductores  
 Em mezes hum, ou dois  
 Eu protesto que Quadrilhas (sem Canaes)  
 Os fazem em hum anno!  
 No entanto se debulha sem taes Gados  
 São os Generos, Effeitos transportados  
 Porem sendo com Canaes; por tal caminho  
 O que custa seis mil réis, será quartinho

VIII.

Haver deve o cuidado  
 De fazer as Estradas, mais geraes,  
 Com boa direcção  
 Conservadas; e o possível dirigidas  
 Das Cidades, e das Terras bem providas  
 A Porto Embarcação  
 De transportes, com o dito, só, não mais  
 He Plano completado  
 Os carretos, por menores se vencião  
 Brevemente; e os Bois não morrerião.  
 Maior carga, nas Carretas, bem levavão  
 E mais breves, os transportes acabavão.

N O T A.

O numero de quadrilhas comprehendidas em Alentejo, ou na antiga transtagana, he de mui facil averiguação. Sabido ha de exceder o calculo de mil juntas de bois, que se contarão, sem o maior exame. Que 2 mil, e mais bois só se occupão em transportes he inquestionavel, e mui facil de saber. Que para se manterem ha centos de boas, e melhores Erdades inultas he innegavel; e he constante. As Quadrilhas são de incertos numeros de carretas, e de bois. As regulares são de 25 a 30 carretas; e de 30 até 40 juntas de bois, com os de sobrecellentes, ou reservas, &c.

Cada carreta, destas, transporta 30 alqueires de trigo, por cada viagem. As chamadas = singeleiras = levão por carga hum moio. De Evora a Alde-Gallega vão as Quadrilhas 12 vezes, em quanto as singeleiras 30. As Cargas de Fazendas tem as mesmas relações duplas. As carretas de Lavradores, e Seareiros, tambem fazem conduções da ordem dupla, e abbreviada, quando muitos a isto se detremião; e seus Bois lavrão sete mezes, e ajudão as produções dos generos de primeiras necessidades.

Os monopolistas de Erdades, e do Paõ arrendão as Erdades baratas por emprestimos, que fazem, e que offerecem aos Senbórios. Então comprão os Bois, que tanto invalli-

dão, como esterillisão as bellas Erdades que lhes destinão só para pastos, em ruina dos Lavradores professos, que expulsão, ou pelos Senhorios, com provisões, meramente pretextais. Este negocio liquida bem as contas da renda, do juro, das despezas, &c. Qualidade que não tem as culturas, e lavouras, cujos recebimentos além de contingentes, e pensionados, são incertos.

Pela permissão, e tolerancia das quadrilhas, temos a infracção da Lei que manda cultivar: temos a inculcra das melhores Erdades: temos a lastimavel falta de Pão; e temos os valores exorbitantes dos Bois; e estragos dos Arvoredos para madeiras de quadrilhas: temos por consequencias forçosos de perder as grandes sommas exhibidas por Pão; menos Bois para culturas; menos carnes de Porco; maiores preços nas de Vacca; e huma Provincia sustentadora de Almocreves de carretas, em lugar de Lavradores. Temos seis, sete, ou mais mil moios de Pão perdidos cada anno ( Decadas 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> ) Nas debilhas feitas com gado vacum, se perdem outros tantos; e as Potencias que agricultão se aproveitãe de tudo, sendo mais populosos. Os luchos que movem as precisões, aos monopolistas arruinão Portugal.

ARTIGO IX.

*Desprezos dos Arvoredos naturaes, fructiferos, pelos enthuziasmos dos matos para Roçadas; pelos fogos, e pelas Carvoarias de Sobro etc. fazem diminuta a melhor Producção do Alemtejo.*

I.

**A** nona decadencia,  
 He desprezo de Chaparros, Arvoredos  
 Que brotão, naturaes,

Nessas terras d'Alemtejo providentes.

Multiplicã-se, levando as Sementes

Os ratos, e animaes

A Buracas, a Taliscas, a Silvedos

Por Lei da Providencia.

Os Carvalhos, os Zambujos, Azinheiros

Assim nascem; os Carrascos, e Sobreiros

Mas os Fogos, Roçadoiros, e Machados

Inimigos são de todos declarados.

II.

Chaparros são cortados  
 Em piquenos: as raizes arrebeirão  
 Em triples gomos, guias  
 Por que tem as suas Sepas permanentes  
 Vem os fogos; são taes guias decadentes;  
 Porem em trinta dias  
 Rebentões, em dezordens, acrescentaõ  
 Que montes são tornados.  
 Em dés annos, alguns destes tem alturas  
 De de dez palmos; e tem d'Arvores figuras;  
 Mas succede que no fim dos ditos annos  
 Ferro, fogo lhes dispõem os novos damnos.

III.

Os velhos Sobreiraes  
 Pela casca, e Carvão são destruidos  
 Sem conta, com paichão;  
 E se perdem, com seus fructos abundantes  
 Carvoeiros machiavellicos, tratantes  
 Sobreiros pelo chão  
 Nos derrotão; e fazendo seus partidos  
 Mas nunca os Sóciaes  
 Em mil legoas de terras circuladas  
 Pelo Tejo até Sines, quadradas  
 Se pratica crueldade tão impia  
 Que bem séria providencia dezafia.

## IV.

Erdades bem tres mil  
 Que milhares de bons porcos engordavão  
 Estão hoje perdidas  
 Nada vallem, d'Arvoredos derrotadas  
 As Sobreiras forão já carvoejadas  
 A cinzas reduzidas  
 Grandes rendas pelas ditas se pagavão  
 E hoje nem seutil  
 Com Sobreiras erão ellas proveitozas  
 Porem hoje não se lavrão, são matozas.  
 Os Morgados precizando de dinheiros  
 Tem vendido tantos bens a Caryoeiros!

## V.

Perdidos os Montados  
 Triplicado he dos Porcos o valor  
 Ha trinta, menos, annos  
 Cada arroba dez tostões, doze custava  
 Pobre, rico, delles carne abastava  
 Por preços medianos  
 Mas perdido d'Arvoredos, o amor  
 São preços triplicados.  
 Visto tanto: era bom o prohibir  
 Estes Córtes; e carvão fazer sahir  
 De Pernadas; de Desbastes; sem lezar  
 Arvoredos, que devemos conservar.

83

VI.

Os porcos , em faltando  
**A** tomarem as gorduras nos montados :  
 Por seus menores pezos  
 Fazem Carnes diferentes mais valer.  
 Assim tudo vai a mais encarecer  
 Por terem os desprezos  
**Arvoredos** , que ser devem estimados  
 A mais os augmentando.  
**A Sobreira** que do corte sente o damno  
 Vale menos que seu fructo desse anno,  
 E vendidos os Sobraes por precizões  
 Só he dar os Capitães , por Produções.

VII.

Cruel foi invenção  
**De mil Fabricas de Solla em Reino, Estado**  
 Com cascas de Sobreira  
 De Carvalho, preparada, ou cortida!  
 Mais proveito, sim nos dava cá vendida,  
 A Solla Estrangeira!  
**Arvoredo** não se via derrotado  
 Com tal destruição!  
 Sempre tinhamos as Carnes estimaveis  
 Pelos preços medianos, toleraveis  
 E a Vacca, o Chibato, e o Carneiro  
 Não vallião, como hoje, tal dinheiro!

## VIII.

Foi calculo errado  
 Em taes Fabricas a trez não limitar  
 No Reino que não tem  
 D'Arvoredos, e de cascas profuzão  
 Não lembrou a cruel destruição  
 D'Arvoredos: não, ou nem  
 Que as Carnes nos virião a custar  
 O preço triplicado:  
 Nem que pobres Solla branca não gastando  
 Vão de Carnes as miserias passando:  
 Que na Solla tres vintens de maior preço  
 Não iguala os das Carnes no excesso.

## IX.

A grande Villão-ruim  
 Quatro Libras de tal Solla são bastantes  
 Do anno á despeza  
 De concertos, e de seu novo calçado;  
 Se de fóra nos vier; custar cruzado;  
 A Carne para meza  
 Lhes demonstra quanto são exorbitantes  
 Os Gastos de anno emfim.  
 Oito Centos réis de mais Solla levou  
 Seu preço ao duplo se augmentou;  
 Mas as Carnes que no anno se gastarão,  
 A hum homé, trez moedas mais levárão.

## X.

As Fabricas que são  
 Em pés falsos, poucos Povos erigidas  
 Que simples não tem  
 De que formem o seu util, seu manejo  
 Decahidas, mais os Povos, eu as vejo  
 Ruina a todos vem  
 São dos Generos, por força, exauridas  
 Com ellas a Nação  
 E se simples tem preços avultados  
 Os consumos são compressos comparados  
 Vem a ter extração dificultada  
 He a Fabrica, Nação arruinada.

## XI.

He bom haver de tudo  
 O que terra póde, arte, produzir  
 Em Reino precizado  
 Do que chamão produções; mas naturaes  
 E em Reino ha os simples, não mais  
 Da Arte ajudado  
 A Dinheiro deve Sobras reduzir  
 Com Fabricas d'Estudo,  
 E bons planos, por que a cega ambição  
 Não illuda, prejudique a Nação  
 Os Vassallos que occupão artificios  
 Sobrar devem a Campestres exercicios.

## XII.

Ha couzas escuzadas;  
 E ha outras de urgentes precizões;  
 Ha outras relativas,  
 E communs, entre hum, e outro cazo.  
 A's terceiras dá o tempo, o gasto, o prazo  
 De serem premitivas.  
 A's segundas só pertencem Provizões  
 Que são não dispensadas.  
 As primeiras são ás Fabricas de luxos  
 Cujas bazes são as modas seus influxos  
 As segundas eu concedo permittidas  
 E primeiras ver quizera prohibidas.

## XIII.

Em quanto nos convém  
 Essas fabricas deveremos conservallas  
 Sem muito estender  
 Permissões, demais haver, prejudicantes  
 Sendo poucas, pódem ser interessantes;  
 E muitas vem a ser  
 Ruinosas: he melhor o limitallas  
 A dez, a vinte, cem.  
 Os consumos dão cabaes conhecimentos  
 Se convém a politicos intentos  
 E se simples não houver, Materiaes  
 He melhor não haver Fabricas taes.

## XIV.

Assim devia ser  
 Com as Fabricas de Solla em Portugal  
 Que dão mais prejuizos  
 Trinta vezes, do que a Povos de proveitos  
 Couros, casca são os seus communs effeitos  
 A cal, homens precisos.  
 Ora tendo tudo nosso, he fatal  
 O vermos não haver  
 O composto, que he Solla, bem barato!  
 Mas he caro; e tão caro, que de facto  
 Menos caro o vendião Estrangeiros  
 E deixavão pelos simplices dinheiros!

## N O T A.

O Terreno do Alê-m-Têjo, ou o que está alê-m do Rio, he admiravel, e natural para creações de Porcos; não só precisos a este Reino; senão rambem para de raes carnes se formar hum bom negocio exportativo especialmente dos toucinhos, banhas, e das chamadas = conservas = 1.º as largas possessões, ou Erdades, permitem pastagens proprias, 2.º na maior parte do terreno se produzem naturalmente as Arvores fructíferas, cujas viandas são as mais omogeneas ao augmento das carnes, e suas gorduras mui pingues, e oleosas, gostosas, &c. 3.º sem enfados nem penções se tratão e engordão muitos Porcos debaixo do cuidado, e inspeção de hum só homem que em tres mezes entrega ao dono 300 e mais arrobas de carnes por excessos dos pezos da entrada para montados; mediante as viandas e os tempos adjuvantes, &c.

A Provincia olhada em geral produz naturalmente bem o Azinho, o Sobro, o Carvalho, o Castanho, e duas especies mais de Azinho a que chamão Carrascos, (Alvar, e Gallego que dão fructos amargos, por bravos)

todas estas Arvores nascem de Sementes perdidas, e extraviadas pelos animaes, que as escondem, como provisões, ou as levão, e as perdem, espantados; ou que cahindo sobre tojos, e outros matos, escapárão aos que as buscão, &c. São as terras tão favoraveis a estas producções que nellas nascem as Bolotas sem que sejam enterradas, como os Tremossos, em annos invernosos. Ha sitios immensos em que vemos matos expessos de Sobro, Azinho, Carvalho, e Carrascos, sem Culturas. Pelo Systema das Rossadas, e Queimadas, são estas Brenhas destruidas cada outo, ou dez annos.

Se algum Senhorio conheceo o bem que tem nestes arbustos, promove as suas culturas, arrancando, não só os matos, e Sepas estranhas, porém das mesmas Arvores as superfluas. Eis-aqui os Montados Salvados, que hoje se aproveitão. As Erdades vinculadas não conhecem estes beneficios, na sua maior parte, pelas distracções dos Grandes a que pertencem.

He pena que se vejam mil disvelllos por algumas plantações de Oliveiras (desprezados tantos Zambugeiras) cujos fructos tem os medios valores dos das Arvores Supra, impondo demais a insoffrivel penção dos Apanhos, e Reducção; e que se desprezem Arvoredos naturaes, e estabelecidos com sólidas raizes; quando as estacarias são tão contingentes de as lançarem, e de se perderem! Cincoenta alqueires de Viandas engordão huma cabeça; ou o que he o mesmo, produzem seis, ou cinco arrobas de carne sobre o pezo do Porco magro. Valem hoje 16\$ réis ao menos; e os 50 alqueires de azeitona pódem produzir 8 alqueires de azeite. Metade do seu valor se dispende com apanhos: deve pagar maquia, e disimo; e pelos maiores valores, certamente não deixão metade a seu dono em recebimento liquido sobre a alternativa dos annos falsos com os de Saffras, &c.

Os Montados ou Arvoredos frutiferos silvestres naturaes, inda devem respeitar-se para aproveitados com zelas culturas por mais motivos do que os expendidos. 1.<sup>o</sup> apromptão madeiras de qualquer construcção mui estimaveis, e tão prestaveis que com poucas outras são suppridas suas faltas. 2.<sup>o</sup> dão fructos que bem supprem as faltas do Pão,

nos mezes de suas abundancias entre os rusticos, e Camponios; e inda guardadas as Castanhas, e Boloras em alguns mezes mais. 3.<sup>o</sup> porque suas culturas começam a ser uteis desde os primeiros trabalhos, e despezas das Arroteios que logo dão Sepas de que se faz melhor Carvão que se conhece. 4.<sup>o</sup> porque mesmo em poucos annos ( senão nos primeiros como o Azinho que logo dá fructos ) com penção estas Arvores e seus donos seus disvellos com viandas abundantes, e bem creadas, &c.

Se tudo isto conhecem os Grandes Senhorios, e me dizem que não digo cousa nova, ou ignorada, &c. eu terei hum recurso á sabia Providencia que permite as suas illusões cegas para que nunca se fação independentes dos traficantes Monopolistas arrendatarios; os quaes não só diminuem suas rendas com abates estipulados pelos adiantamentos de quantias; senão porque durante seus arrendamentos não só impedem os augmentos de Arvoredos, mas inda destroem os actuaes. Esta materia he immensa; e só ella prepara objectos de longos discursos que são improprios de huma nota, e de minhas breves accusações.

## ARTIGO X.

*Valles incultos são infinitos, e podendo ser productivos, o não são pelo expellido nos artigos 1. 2. e alguns mais desta Obra.*

## I.

**O** decimo defeito  
 Da Provincia, e de suas más Culturas  
 Que deve bem notar-se  
 He desprezo de bons Valles, productivos  
 Só de Mattos que conservão sempre vivos  
 Sem nunca arrancar-se  
 Muitos tem nascidios d'aguas puras  
 Sem serem de proveito  
 São as causas da desordem relatadas  
 Nos artigos desta Obra explanadas  
 A má fé de Senhorios orgulhosos;  
 A inercia de Rendeiros preguiçosos!

## II.

Incultas e brabias  
 Ha immensas destas terras, Valles taes,  
 Que tendo beneficios  
 De Roteios de Charruas, e d'Arados  
 Poderião de madeiras ser plantados  
 Capazes de Edifícios!  
 Os Legumes produzião, milharaes,  
 Por serem regadias  
 Com alvercas que as aguas juntassem  
 Aos Lados, creio bem tudo criassem  
 Até mesmo os Arrozos primorosos,  
 Milhos bons, Meloais deliciosos!

## III.

E quando me disserem  
 Que por frios, ou de terras mui delgadas  
 Não pagão a despeza  
 Dos trabalhos, e Lavouras, com seus frutos  
 Já supra referidos; mais desfrutos  
 Terião de certeza  
 Não podião estas terras ser plantadas  
 Das Arvores que querem  
 Como são Freixos, Chopos, Amieiros,  
 Ulmos, Faias, os Pilritos, ou Salgueiros?  
 E criados com cuidados, limpações  
 Não servião para muitas construcções?

IV.

Comparamos as madeiras  
 A estranhos, por dinheiros incontaveis  
 Ha annos cincoenta  
 Que hum monte de milhões nos tem levado  
 Temos terras para ellas; não cuidado  
 Daquillo que augmenta  
 Os Estados: das madeiras estimaveis  
 A Obras verdadeiras!  
 Conheçemos classes tres de construcções;  
 Temos terras; de madeiras precisões!  
 A Civil, a Naval, a Militar  
 Vemos todas de madeiras precisar!

V.

A construcção primeira  
 Que Civil com razão todos chamamos  
 Bem servem os Pinhaes  
 Chopos, Faias, Ulmos, Freixos, e Carvalhos  
 Nossas terras crião estas sem trabalhos  
 E outras que são taes  
 Pelos mattos, naturaes, as observamos  
 Com dó pela cegueira!  
 A segunda construcção he a Naval;  
 Para esta tem madeiras Portugal  
 Tem Carvalhos, Castanheiros, e Sobreiras  
 E melhores do que estas, Asinheiras.

VI.

O caso he creallas  
 De pequenas com as boas intenções  
 A usos que ter devem  
 Inda mesmo á terceira construcção  
 Que dizemos Militar! A creação,  
 Limpando-se, já levem  
 Das figuras de que temos precisões  
 A quaes não insta dállas.  
 As madeiras para casas são direitas  
 As do mar pódem ser de voltas feitas  
 Pois havendo as cavernas naturaes  
 Para forros servem bem todas as mais.

VII.

Em regra mui geral  
 He a ordem, creação só resumida  
 A troncos bons crear  
 Sejam tortos, ou direitos quaes se quierem  
 Tomein todas as figuras que lhes derem  
 Conforme hão prestar  
 He o caso dar-lhe fórma prevenida  
 E não a natural  
 Sejam limpos esses páos quando delgados  
 Para serem lisos, bons sem nós creados,  
 Que chegando a formar boas madeiras,  
 Pouparemos o comprar as Estrangeiras.

VIII.

Devemos avisar  
 O Augusto, o Monarcha Piedoso  
 De tantos prejuizos  
 E dos males que provém das indolencias  
 Deveremos-lhe mostrar com reverencias  
 Respeitos mui precisos  
 O remedio a seu Nome vantajoso  
 Capaz de o eternizar.  
 Prejuizos já se achão demonstrados;  
 As causas, são os vinculos, Morgados;  
 São os Predios de commendas, Frades, Freiras  
 Que operão como causas verdadeiras.

IX.

Segundas causas ha  
 E que são as = más fés dos Senhorios  
 Nos seus arrendamentos  
 Governados por affectos, ambições  
 Desatendem, pelas suas precisões  
 D'erdades os augmentos  
 Com Rendeiros o primor perdem, os brios  
 Havendo quem mais dá  
 Quem mais dá, e a renda adiantada  
 He a esse a Erdade arrendada  
 E Rendeiro que fez Bens, e plantações  
 Perde a Erdade, os disvellos, os tostões.

X.

Remedio : aforamentos  
 Com distinctas relativas condições  
 De ter cada Erdade  
 Beneficios os mais proprios ; culturas  
 Plantações ; tudo claro em escripturas  
 Por mais d'humã idade  
 Tantos annos ; inda mesmo gerações  
 De rendas sem augmentos  
 Senhorios totalmente prohibidos  
 Sobre Erdades em juizo ser ouvidos  
 Salvôs só os tres casos dos estragos  
 Que provados , a Senher devem ser pagos.

NOTA.

„ Desde Villa Velha até Pancas ha hum prolongo de terras matosas de mais de 25 legoas, sobre 10 de larguras ( termo melio e rasoal ) em que se comprehendem immensos Valles imprestaveis até aos mesmos pastos , não só em Erdades particulares pouco cultas ; mas em Couros, Baldios, Maninhos, e Coutadas. São providos de nascidios d'aguas em grande parte superfluas, e inuteis, mais que aos medonhos rojaes, e urzeiras densas, &c. As suas proximidades do bello Têjo nos propõem suas Culturas utilissimas quando humã Capital necessitada precisa de tudo o que taes e tão visinhas terras pôdem produzir ; ou sejam legumes, arrozes, ou inda madeiras, &c.

He para lastimar que havendo na Provincia, e em taes situações terrenos bem capazes a ministrar generos de primeiras necessidades quando reduzidos a Culturas proprias, e relativas, seja sacrificado hum Povo tão numeroso como o de Lisboa a exhibir quantias volumosas pelos generos que pôde bem haver de suas terras ! E inda quando se verificas-

se a igualdade de preços nossos, com os dos Estrangeiros parece que só o giro universal dos dinheiros entre nós faria hum avance à Nação, ao Estado; que sendo por elle mais enervado, poderia produzir a abundancia effectos de vantagem ás mesmas Culturas, e beneficios dos terrenos, quando Ordens, e Leis, os propuzessem em fórmãs. As abundancias promoverião as utilidades publicas, e particulares dos Vassallos, e dos Augustos Monarchas a quaes nem serve de honra, ou de proveito huma Provincia esterillizada, e quasi infructifera na sua maior e melhor parte. Até a População cresce, e se augmenta ( com os poderes dos Soberanos) quando as Culturas se promovem com proveitos dos seus manejadores; o que não succede em quanto os Senhorios só attendem a suas utilidades, tão mal logradas pelo fanatismo do luxo, e perdularia, fausto, e grandezas hyperbolicas, &c. &c.

ARTIGO XI.

*Obrigaçã de Missa nos dias Santos dispensados,  
prejudica toda a Plebe Campestre, suas Culturas,  
retarda estas, e he bum obstaculo ds melhores  
producções, em prejuizo certo de toda a Sociedade.*

I.

**U**ndecimo criterio

Que culturas prejudica, e gravemente  
São dias dispensados

Quando tem de ouvir Missa obrigação  
Aos homens que no campo tem penção  
D'Igrejas desviados

Estes dias prejudicão grandemente  
Da Lei com vituperio !

Vão á Missa huma legoa legoa e meia  
Nada fazem de manhãa até á Ceia

E duzentos mais mil homens são inuteis  
Nesses dias, a trabalhos tanto uteis.

## III.

Ganhões tem devoção  
 De ouvir a Santa Missa nesses dias  
 E mais escrupulosão  
 De perdella, do que nos Santos de guarda  
 Nenhum delles os escandalos retarda  
 ( Que tanto penalisação  
 Com os brincos, borracheiras, e folliaes  
 Da vil deprecação!  
 O caminho para a Missa breve he;  
 Para casa devagar movem o pé!  
 Os Criados prejudicão a seus Amos  
 Jornalheiros, a si, nós, que os precisamos!

## III.

Henriques da Silveira  
 Já mostrou á Real Academia  
 O calculo bem feito  
 Deste grave prejuizo, certo damno  
 O seu cumputo agora tem engano  
 Sómente por defeito  
 Do jornal de tostão por cada dia  
 Que he talvez da Beira  
 Alem-téjo não o têm de dois tostões  
 No Inverno, e nas outras Estações  
 Tres excede; também cinco no Verão  
 Muito mais se cavão Vinhas, seifão Pão!

## IV.

Então os prejuizos  
 Dos retardos das culturas, sementeiras,  
 Em tantos dispensados  
 Como pódem depois ter compensação  
 Os retardos fazem ser a producção  
 Dos fructos mal creados  
 E as percas ficão sendo verdadeiras  
 Dos fructos tão precisos  
 Prejuizos do Pão, Palhas são mui certos  
 Os Proveitos que faz Missa são incertos  
 Porque sendo sem tenção por taes ouvida  
 Irrisão do preceito he sabida!

## V.

Se perdas são tão certas  
 E os lucros em taes homens duvidosos  
 Escandalos bastantes  
 Por abusos, como disse, dos preceitos  
 Da penção de ouvir Missa os defeitos  
 Nos ficão mui constantes  
 Prejuizos inda ha mais odiosos,  
 Perdas bem descobertas!  
 Com proveitos, (só suppostos) moralmente  
 Ballançados, fazem Reino decadente:  
 Só nos resta que Monarcha isto veja  
 E implore a dispensa a Igreja!

abusos dos dias: e supponho hum quando não se ouvisse Missa, no caso de não se conseguirem a dispensa; cuja transgressão fosse estabelecida em preceito.

**Remedio que ha melhor**  
**Attendidos prejuizos, e abusos**  
**Dos dias de louvar**  
**A hum Deos, aos Santos protectores**  
**He fazer bem a Povos, Lavradores**  
**Em Missas dispensar,**  
**Se trabalhão, e de Missas são escuzos**  
**Peccado he menor**  
**Os Artistas de Lisboa, das Cidades**  
**Esta graça não precisão, liberdades**  
**Por que tendo, muito perto Missas promptas**  
**A ouvillas nesses dias lancem contas.**

**N O T A.**

Os corações dos homens presentes são pouco tocados daquelle respeito que move a devoção de ouvir Missa quando a hypocrisia não ajuda, ou o doloso fanatismo que se dirige a estabelecer conceitos por dependencias onzõneiras, &c. Os homens de campo, por menos instruidos que os Politicos, tambem como estes querem evitar os publicos escandalos; mas descobrem logo as suas dependencias que se limitão as liberdades com que abuso do tempo, e dos dias de Missa para empregos mui indecorosos, em prejuizos, não só daquelles a quem servem, senão mais nós de toda a Sociedade que se aproveita de seus trabalhos pelos fructos esperados, &c. Jogos, bebidas, murmurações, insultos, e outras mil desordens embebem as horas pretextadas da Missa; a que, se assistem ( a maior parte ) mais he projuntar-se a concursos, ou livrar-se dos tempos chovosos, frios, ou quentes, do que para meditar nos Sagrados Mysterios de que se renovão as lembranças.

Se taes primicias são tão evidentemente provadas, e geralmente constantes; resta-me a duvida da differença dos peccados. Supponho muitos, na satisfação do preceito, ouvindo Missa; pelas distracções, e empregos do tempo, e

abusos dos dias: e supponho hum quando não se ouvisse Missa, no caso de não se conseguir a dispensa; cuja transgressão fosse estabelecida em precisão.

Inda restão os prejuizos sociaes de Pobres, Lavradores, Grandes, Pequenos, Igreja (pelos disimos) Coroa por seus Direitos, e Estado pelos generos que compra quando as produções são menores.

Com perdas de tantos Dias Santos se desordenão familias pobres, cujos homens pelas occasiões gastão em Vinhos, o que lhes falta para Pão, e vestir. Daqui só se seguem outros prejuizos. 1.<sup>o</sup> a formal criação dos filhos, a quem faltão os sustentos, e reparos, que por isto, ou morrem, ou adoecem, ou ficão menos vigorosos, &c. 2.<sup>o</sup> por estes principios se diminue a populagem; e até os estímulos da propagação, e Matrimonios, &c. 3.<sup>o</sup> São menos os trabalhadores; jornaes maiores, e o aborrecimento ás Culturas se propaga naquelles que dispendem excessivamente nos manejos. 4.<sup>o</sup> Os beneficios de terras, e de plantações estrião. 5.<sup>o</sup> finalmente vêm os generos a huns preços insupportaveis, e a desordem dos monopolios a vigorar-se pelas precisões geraes de Vendedores e Compradores.

Alem-Téjo certamente occupa trezentos mil trabalhadores, e ganadeiros em cada dia de trabalho todo o anno. As Parochias do Campo são mui distantes da maior parte das grangearias. Os Parochos tem descuidos de dizer as Missas cedo; e no caso de as dizerem a que perigos ficarião expostas as casas, e bens dos Lavradores desamparados de noute? Ora lancemos as vistas sobre os Dias Santos (salvos os Domingos) e veremos quantos milhões de dias de trabalhos faltão ás Culturas? Seja só para os Camponezes

2. **Dispensa.**

## ARTIGO XII.

*As vinhas, quando tantas, empatão os homens preciosos ás Agriculturas de primeiras atenções por muitas causas fysicas.*

## I.

**D**uódecimo mal  
 He dos Vinhos a Cultura, hoje immensa,  
 Que homens mais embebe  
 Do que mesmo a do Pão, tão precioso!  
 Se hum anno não dá Vinho copioso  
 Só falta o que se bebe  
 E motivos, da desordem, da offensa,  
 Da Paz, bem social:  
 De haver menos d'Homens producções  
 De molestias, rinhas, mortes, distracções!  
 Succedia tudo isto meus amigos  
 Se os Vinhos não houvessem, mas grãos, trigos.

## II.

De terra huma geira  
 Para Pão bem disposta, bem lavrada  
 Só leva geiras tres  
 De alqueire, sementeira, e atalho  
 Se plantada for de vinha; de trabalho  
 A homem leva mez  
 Desde Póda, Vides, Empa, té cavada  
 E isto a vez primeira  
 Se tres homens de Lavouras só levou  
 Com dois Bois que tres dias occupou  
 Eu supponho leva nove para Pão  
 E de vinha dez e seis d'excesso vão!

## III.

As vinhas d'Alemtejo  
 Com setentã, mais, mil Homens se cultivão  
 E isto annuaes.  
 Se metade só, das Vinhas, se tratasse  
 E a outras com Lavouras se occupasse  
 O Pão seria mais!  
 Pelos vinhos, de dar Pão terras se privão  
 Aqui, e pelo Tejo!  
 Que desgraça! Precisamos sempre Pão  
 Que compramos cada anno por milhão;  
 E as terras que pão pôdem produzir  
 Com as vinhas vemos tantas impedir!

## IV.

Agora vamos ver  
 Parallelo que os vinhos, e Pão fazem  
 Em nossas precisões  
 A bem util á real subsistencia.  
 Não ha Pão; vem a fome e decadencia  
 E vão-se os milhões  
 Pelo Pão, que estranhos cáro trazem  
 E cáro vem vender!  
 Não ha Pão: as misérias só vemos:  
 Ha os Vinhos: e tremédios nellés temos?  
 Ha o Pão: não se compra a estrangeiros  
 E nós temos abundancias, com dinheiros.

## V.

Do Pão a abundancia  
 Faz felizes, ricos, pobres, animaes  
 A Homens esmoleres  
 Fartos pintos, bestas, burros, pombos, patos.  
 Cães, e Porcos; tudo come; até os ratos  
 ( Té furtão as mulheres  
 Para pentes, fitas, saias, aventaes  
 De summa extravagancia )  
 Ha de tudo infinitas creações  
 De Bois, Bestas, ha felizes producções  
 Se ha Vinhos em mui grande quantidade  
 Dão a Povos outra tal felicidade?

## VI.

No anno que ha de Vinhos v  
 Abundantes, e do Pão a escasseza  
 (Que cousa he mui certa  
 Quando ha muito Vinho, esta haver)  
 Sempre vemos nestes annos succeder  
 A porta, franca, aberta  
 A' miseria dos casaes, e por pobreza  
 Morrerem seus filhinhos!  
 Que desgraças de Donzellas, nas Cidades  
 E que crimes faz do Pão necessidades  
 E os Vinhos tudo isto remedeia  
 Incentivos para males só ateia!

## VII.

He Vinho hum Veneno  
 Pelo falso enthusiasmo introduzido  
 Na bella mocidade  
 Com pretexto de saude, mais vigor  
 Fomentada porque vemos ter-lhe amor  
 O Clerigo, o Frade  
 A quem uso (e razão) lhes he devido  
 Em sequito mui pleno.  
 Quem o bebe tem saude, vive annos  
 Quem não bebe, tambem vivè; não tem damnos  
 E se fome, no máo anno, nos opprime;  
 Ter bem Vinho, deste mal não nos exime.

## VIII.

Que haja muitos, poucos,  
 ( Digo Vinhos ) nós por elles não largamos  
 Os grandes Capitais  
 Que por Pão, cada anno, exhibimos  
 Se nós nisto mais prudentes reflectimos  
 Achamos ao mais  
 Que mais Pão do que Vinhos precisamos  
 Que fazem homens loucos.  
 Se compramos sempre Pão, por ser preciso  
 Evitemos, do máo Vinho, o prejuizo  
 Seja Vinho em metade prohibido  
 Porque seja menos Reino exaurido!

## IX.

Escravos das Nações  
 Mais astutos; cavar ouro em profusão  
 Devemos pelas terras  
 Para termos o Pão nosso cada dia!  
 Venhão Negros de Cacheu, e Cafraria  
 Loanda, suas serras  
 E do Congo; que protêsto não serão,  
 As suas cavações,  
 Ao Ouro que he preciso para dar  
 Pelo Pão as que hão de bem bastar  
 Se culturas d'elle vão em decadencia  
 Monopolio augmentando a influencia.

## XIV

Em quanto Portugal  
 Se fizer dependenté d'Estrangeiros  
 Comprar madeiras Pão  
 Os Cavallos, Machos, Linhos, Bois, e Vaccas  
 Secas forças, e potências serão fracas  
 Nenhunas haverão  
 Passarão pelo Reino os Dinheiros  
 Qual agua por canal  
 E em quanto comprar vâas quinquilharias  
 Hão de todos ter as bolças bem vasias  
 Escorridas do metal que mais queremos  
 Por aquillo que em velho não vendemos.

## XI.

O ouro que cavado  
 He, com custo, e perigo nessas minas  
 Tem sempre o valor  
 Que real, ou intrínseco lhe chamão  
 Estrangeiros, sem trabalho; limpo o mamão  
 Por isso com amor  
 De Milhafres, ou de Aves de rapinas;  
 Tem Reino respeitado!  
 Elles deixão-nos em troca o que não dura  
 E nos levão a substancia mais pura  
 Levão ouro que eterno durará  
 Deixão tudo o que finda, acaba já.

## XII.

Não novo pensamento  
 He o meu (o das Vinhas) foi lembrado  
 No nosso Portugal  
 Que tem Lei, já a elle relativa,  
 Porém temos a ventura alternativa  
 E firme sempre o mal!  
 Plano bom; não he bem executado  
 Conforme seu intento  
 São causaes os Empenhos, os respeitos  
 Dos que tem, nessas Vinhas, foros feitos;  
 São os Grandes, e tambem Negociantes  
 Que se fazem com Ministros Supplicants.

## NOTA.

Se pelo bem commum deve cessar o particular parece que as Culturas de Vinhos devem ser sujeitas a huma Inspeção que as limite ás precisões do Estado, em utilidade dos Subditos, e nunca em seus certos prejuizos. As situações locaes das Vinhas só tem por arbitros as vontades, ou dos Senhorios, ou dos Cultivadores que conseguem as posses dos terrenos, dezattendidas as qualidades, e desfructos do Pão, &c. As suas produções excedem as forças braças do Estado que só pôdem chegar ou para Culturas de Pão, ou de Vinhos; e nunca para ambas nas actuaes circumstancias da Populagem. Em circulos de Villas, e Cidades vemos as melhores terras para Pão, plantadas de vinhas; e poucos annos ha vemos Erdades inteiras aforadas para vinhas em alguns districtos; e os coutos, e baldios incultos em muitos districtos. Parece que sobre isto he justa a accusação; e inda mais o seria huma circumspecta Providencia.

## ARTIGO XIII.

*As seifas communs de foices prejudicão Lavradores, e o Estado; porque empdão homens, quebrão as espigas, e deixão as palhas nas terras, pelos cortes altos. As gadanhas são mais uteis,*

## AS seifas demoradas

He artigo post decimo terceiro

Que homens empatando

Prejudicão Lavradores, e Estado

He o Pão, sempre, mal aproveitado

Os dias só gastando

Dos Seifeiros em passeio verdadeiro!

Espigas dispersadas

Pelos Campos deixão muitas, e perdidas

Que por Aves, e por Gados são comidas

E as palhas sempre deixão muito altas

Que a pobres, e a ricos fazem faltas.

## II.

O Pão depois de grado  
 Bem maduro, na melhor sua sazão  
 Cortado deve ser  
 Sem demoras; quando chamão corriento  
 Não se quebrão as espigas cento, a cento  
 Nem vem a succeder,  
 Neste córte, desperdícios, perdição  
 Que tem em outro estado  
 Perde pouco (eu o sei) o Lavrador  
 Que de Porcos he, de Gados creador  
 Estas perdas não lhes dão muitos aballos  
 Se tem Porcos, Vaccas, Egoas, Cavallos.

## III.

Na bolsa, ou na cira  
 Desta perca Lavrador he embolsado  
 Evita dizimar-se  
 Do que falta no alqueire ao medir  
 Em tal anno como este a faz sentir  
 Ouvindo lastimar-se  
 Povo todo, pelo preço duplicado  
 Que pucha d'algibeira  
 As moedas, os mil réis, e os tostões  
 He que pagão estas poucas reflexões.  
 Se as seifas se fizessem com Gadanhas,  
 Não seriam perdições tantas tamanhas.

## IV.

Gadanha corta bem  
 Como he sabido, nos fenos mais delgados  
 Sem corpo, resistencia  
 Em que golpe sempre faz pouca impressão  
 Portalegre Valles tem em profusão  
 De fenos providencia  
 Com gadanhas sempre são nelles cortados  
 Os bons, e máos que têm  
 Logo Pão que recebe melhor córte  
 Ganhado pôde ser da mesma sorte  
 Lavradores nestas seifas pouparião  
 Bem jornaes; Pão; e palhas mais terião

## V.

Gadanha córta rente  
 Aproveita do Pão, pastos comprimento  
 Tem mais velocidade,  
 No cortar, que tres foices das de mão  
 Logo tendo, rente bem cortado o Pão  
 Com muita brevidade  
 Era junto com hum proprio instrumento  
 Por toda qualquer gente  
 He a crise importante a Lavradores  
 Só o córte; o atar não dá temores  
 Pois da seifa, ou do córte os jornaes  
 São maiores; prejudicção muito mais.

## VI.

Não seja eu Author  
 Da gadanha, de seu uso, applicação:  
 Ver pódem d'Huhamel  
 O melhor dos Francezes Escriptores;  
 E verão da gadanha os louvores  
 Com provas em tropel  
 He discurso que merece attenção  
 Do habil Lavrador!  
 A gadanha, como diz, se põem em estado  
 De cortar todo Pão de hum só lado  
 E espigas a hum lado só cahidas  
 São atadas facilmente, e recolhidas.

## VII.

Os Velhos, os rapazes,  
 Inda cochos as mulheres, e quaesquer  
 Bem pódem Pão juntar  
 E atallo, nas manhãas, pela brandura  
 Para isto serve toda a creatura  
 E mesmo para atar  
 Rapariga, preta, branca, e quem tiver  
 Os pés, e mãos capazes  
 Bem podião de comer, ganhar, vestir  
 E livrar-se da miseria do pedir  
 Os Beiroões, os dinheiros não levávão  
 E milhões na Provincia girávão.

## VIII.

As seifas que são feitas  
 Communmente com as foices só de mão.  
 Defeitos tem maiores  
 Contra homens de trabalhos, Lavrador!  
 Este acha menos homens, no rigor  
 Dos tempos que ha peiores  
 Em que delles tem a certa precisão  
 Que são os das colheitas!  
 Estas seifas aos corpos constringendo  
 A calores circulares hir soffrendo  
 Perdem homens, as saudes, e as vidas  
 Nas posturas sempre más, e opprimidas.

## IX.

Postura sempre curva  
 E o corpo por curvado, baixo, exposto  
 As fortes impressões  
 De hum Sol ardentissimo, prumal.  
 Sobre costas d'homens, cahe; e vertical  
 Lhes faz penetrações  
 As mais fortes. O reflexo ataca o rosto  
 Cabeça e vista turva  
 Os Sol raios fazem firme a impressões  
 Pelas costas; pelos peitos, reflexão  
 E o corpo soffre isto obrigado  
 Té que cahe, ou bem frito, ou mal assado.

## X.

O bofe recebeu  
 O calor penetrante aspirado  
 E logo se alterou  
 Dilatando-se; o vigor, força perdendo  
 Passa sangue; compressão nelle não tendo  
 O mão não depurou  
 Gira sangue, e por isso inficionado,  
 E homem adoeceu  
 O mal lento he assim mezes soffrido  
 E engrossa; sente-se homem abatido  
 Tem malignas; febres tem perniciosas  
 Pulmonias, e doenças perigosas!

## XIX.

O ventre opprimido  
 Intestinos, e o figado não bem  
 Não fazem as funcções  
 Como devem; por calores, posição  
 Dias grandes; e o corpo em contracção  
 Más fazem digestões  
 E o quillo não se póde formar bem  
 Nem ser distribuido  
 Os calores excessivos só motivão  
 Muitas sedes, de que aguas não privão  
 Por que quentes; porque vem donde se achão  
 Boas, más, que estomagos relachão!

XII.

Daqui indigestões O bofe recebu  
 Constipadas, que os homens não conhecem O calor q' calor  
 Só sentem a molleza E lago se alicou  
 A calores, e suor attribuida Dilatados; e ynor  
 Deste modo he tal gente destruida Pass sangue; com  
 Que sendo da pobreza O mas não dehorou  
 Pelas Ruas, Hospitais tantas padecem Gira sangue; e  
 Tem poucas durações! E homem abocou  
 As gadanhas, não produzem taes effeitos O mal tanto  
 Porque homens sim trabalhão mas direitos E cogites  
 Cortão rente; aproveitão palhas; Pão Tem malhas  
 E mil vezes mudão sua posição. Pulmonia; e dorç.

XIII.

Se faltão tantos homens O ventu opprimid  
 E Pão, palhas, inda mesmo os dinheiros Incertos  
 (Segundo se nos diz) Não fazem a lanchid  
 Como vemos na Província geralmente; Como devem  
 Porque não empregaremos bem a gente Dias q'ados  
 No tempo infeliz? Mas fazem a g'ados  
 Não, não sejam rituaes, e costumeiros E o quillo  
 Causaes de faltas, fomes! Nem ser deutili  
 Lavradores leião, sejam curiosos O calores excorvos  
 Acharão meios bons de ser ditosos Muitas redes  
 Não farão a si, pobres, e Estados; Por que dueres;  
 Infelizes, miseraveis desgraçados! Dores, mas, que

## XIV.

He cousa bem penosa  
 E bem digna da maior accusação  
 O ver que neste anno  
 Na Provincia se pezou Palha a dinheiro!  
 Que não houve Lavrador, nem Seareiro  
 Que dêsse a Soberano  
 Pouca palha de que tinha precisão  
 Em terra tão espaçosa!  
 Marvão, Niza, Portalegre, Elvas, Monforte  
 Suas palhas não terião sem transporte  
 Excessivo; sobre preço de cruzado  
 Por arroba; e restólho espedição!

## XV.

Que mais? os Lavradores  
 Dos de nome; a que foi terço embargado  
 Embargo mui clemente  
 Com protesto de que palhas se pagavão:  
 Huns gemião, com murmurios gritavão:  
 Clamando fortemente  
 Que morrião os seus Bois perdião Gado  
 Á Corte indo clamores!  
 O Estado só pedia quantidades  
 Que carradas, erão menos, do que Erdades;  
 Mas por seifas, palha, Pão, fica na terra  
 Imprestavel, para Paz, e para a Guerra.

XVI.

Exemplo deve ser He cousa bem conhecida  
 Este caso, que parece **impossivel** E bem digno de ser  
 Porém he verdadeiro O ver que neste anno  
 Para justa e precisa providencia Na Provincia se fez  
 A mover das culturas a sciencia Que não houve Lavoura  
 Que são o bem primeiro Que dezes a Sobor  
 As culturas são o bem mais acessivel Pouca palha de  
 Que Reinos pôdem ter Em terra tão fértil  
 Ha sciencia de Commercio, Caicharia; Mação, N;  
 De lavoura era má; economia? Suas palhas não tem  
 Methafysicas inuteis aulas tem? Excessivo; sobre  
 De culturas, neste Reino, as vê alguem? Por arropa?

XVII.

Os bons economistas Que mais os Lavradores  
 Que lavouras e colheitas observassem Do de nome  
 Com zelo, e amantismo Embargo em  
 Que Tratados sobre tudo escrevessem Com profuro  
 Póde ser que inercia removessem Huns gentio  
 Preguiça, e fanatismo! Clamando forte  
 Mil costumes, póde ser, que reformassem Que mor  
 D'antigos partidistas A Corte indo clam  
 Póde ser que obrigando Lavradores O Estado se  
 A leituras; fossem bons cultivadores! Que caradas  
 Constrangidos a saber, e estudar Mas por ver  
 Pão, e palhas mais havião proveitar! Impretavel

## NOTA.

O Author não pertende persuadir, ou convencer às pessoas a quem faltão as intelligencias campestres dos diversos modos de seifar, e aproveitar o Pão, e Palhas. Igualmente não interessa em capacitar os Sectarios dos antigos costumes, de que as seifas de gadanhas são melhores do que as communs feitas com foices de mão, porque para estas nada basta para lhes desterrar o costume, praticos, e rituaes fanaticos das creações, e das ignorancias. Só pertende fazer ver a todos os bons calculistas 1.º que a Gadanha he hum instrumento com o qual trabalha o Seifeiro empositura natural, sem contracção de seu corpo. 2.º que o Seifeiro de foice corta o Pão empositura sempre violenta, e repugnante ao estado de subsistencia vital. 3.º que o gadanhheiro tem a liberdade de mudar a posição de seu corpo ao Sol; e que isto não pôde fazer o que corta com a foice de mão. 4.º que o gadanhheiro não acha mais embaraços para cortar mui rente da terra o Pão, do que as pedras, e os torrões; mas que o Seifeiro acha caídos, toijos, abrolhos, unhagata, e outros matos que não só maltratão suas mãos; porém diminuem os seus pequenos côrtes; o que não succede ao gadanhheiro, que não he ofendido dos espinhos, nem demorado pelos achar cortando a largos, e expeditos golpes. 5.º Que trabalhando a gadanha com soltura, e desembaraço, o pão direito como se acha na terra, seifa mais, e melhor hum homem gadanhheiro que tres Seifeiros com foices em cada dia; e sendo o jornal de hum, pouco maior que o de hum dos outros se prova a utilidade da adopção da gadanha; e a necessidade de seu uso até por obrigação imposta aos Lavradores dos campos, &c.

Não he tambem da intenção do accusante o generalisar tanto a gadanha que a faça util universalmente a todas as terras; a todas as lavouras, a todos os margeados; e mesmo nas charnecas, cu colleitas de rossadas, &c. mas he certo que inda mesmo em terras margeadas que não abundão de pedras seria bem util a sua seifa; e muito mais nos tres mezes, e lavouras de meia margem.

Certo he que o Pão maduro deve ser cortado sem es-

perá; ou demora. Estas são forçosas 1.<sup>o</sup> porque o Pão se chega á madurês em duas semanas: 2.<sup>o</sup> porque nestas he impossivel ser o Pão cortado pela falta de homens, e pelas morosidades das foices da mão.

Os Seifeiros porque poucos, e então muito precisos costumão ganhar jornaes excessivos, com comer quatro vezes cada dia. Se cada tres cortão Pão como hum só ganhheiro he evidente o prejuizo do Lavrador, e que este não pôde vender barato, o que sabe lhe custa caro (1.<sup>o</sup> prejuizo da Sociedade) se o Seifeiro corta, junta, e ata o Pão empita dobra tempo: cresce a despeza ao Lavrador, e temos 2.<sup>o</sup> prejuizo universal da pobreza indigente, e de todos quando em juntar, e arar se podem occupar as pessoas que não costumão seifar (Decada 7.<sup>a</sup>).

Se os Seifeiros, com trabalhos morosos, e mui dispendiosos fazem passar o Pão daquelle ponto em que recebe bem o corte, sem que por sêcco se quebrem suas espigas (que se perdem na terra em proveitos das Aves, e dos Porcos, &c.) E se dispendem assim metades dos dias em juntar, e arar, parece que cortado o Pão pelas galanhas: 1.<sup>o</sup> aproveita a sazão critica do seu aproveitamento, e vinha a ser junto, e atado não só por menores despezas de 2 terços; mas até em madrugadas, e dias frescos em que não se quebrassem as Espigas como succede na mão dos Seifeiros que juntão, e atão em toda a hora de calor, e de secura. 2.<sup>o</sup> O Pão seifado em sazão recolhe-se em maior quantidade á eira porque se aproveita bem. Dá mais alqueires de que se segue abundancia geral; e ficando mais formoso o grão, não he comprimida a sua massa, e produz, não só mais farinha, mas de melhor sabor, e qualidade para Pão, &c.

Não fará objecções a estas verdades se não o caprichoso ignorante das observações, e combinações economicas. Com estes não fallo; posto que para elles, e curiosos escrevo, esperando que os vindouros se aproveitem.

ARTIGO XIV.

*Debulhas feitas com Bois, e Vaccas, são prejudiciaes, e muito.*

I.

**H**e digno de notar  
 O quatorze dos artigos que se segue!  
 Debulhas com Bois feitas  
 E com Vaccas, são de muitos prejuizos  
 Poucos são entendimentos, e juizos  
 Que julgão taes perfeitas  
 Se a falta do Pão tanto nos persegue  
 Por sempre o comprar  
 Porque havemos nas debulhas mais perder  
 Do que faz necessidade carecer?  
 Seis mil moços na Provincia não compramos  
 Quando mais na debulha desperdiçamos!

II.

As contas lhe faremos  
 Ao Pão nas debilhas consumido  
 Por ver, e por mostrar  
 Como deve ser mais bem aproveitado  
 Aproveita isto muito a hum Estado  
 Que Pão não quer comprar  
 Que não quer o seu ouro extorquido  
 Por Pão, como nós vemos.  
 Vamos ver só os termos das Cidades  
 ( Termo medio ) quantas pôdem ter Erdades:  
 Cada huma se arbitra em seis rezes  
 De debilha que lhes dura bem dois mezes!

III.

He termo mediano  
 Não só tempo, porém rezes arbitradas:  
 Não falta agora mais  
 Do que ver, que Erdades se calculão  
 A's Cidades. Quatro centas se estipulão  
 Fazendo-as iguais.  
 Sendo quatro; estão bem avaliadas  
 Do calculo sem damno  
 Outra cousa inda resta a saber:  
 He o Pão que huma rez pode comer  
 Cada dia de debilha; e então  
 De premissas se bem tira a conclusão!

IV.

Erdades quatrocentas  
 Que competem só a huma das Cidades  
 ( Nas Villas não fallando )  
 A seis rezes, mezes dois vem a fazer  
 Centos tres por Erdade, a meu ver,  
 Só doze lhe tirando  
 Estas são só de rezes quantidades  
 Nem grandes, nem violentas,  
 Que debulhão, em quarenta oito dias  
 ( Tendo menos essas doze, em demazias )  
 Poderemos as tresentas calcular  
 Por Erdades, quatrocentas, dobrar

V.

A rês come por dia  
 Huma quarta bem medida, debulhando  
 E temos pela conta  
 Por alqueires, em dois mezes, doze, e mais.  
 Cada seis, setenta e dois, são bem formais,  
 E perça total monta  
 Quatro centos, e outenta moios, quando  
 Por mais não sahiria  
 Se Cidades são só quatro; nós lhes vemos,  
 Perder Pão que mister todos havemos;  
 Não devemos lastimar tal prejuizo  
 E dizer se perde Pão, mais o juizo?

VI.

São mil e nove centos  
**E** mais vinte só os moios consumidos  
 Em quatro só Cidades  
 Só comendo huma quarta cada rêz  
 Não involvo os rossios desta vez  
 Por mais ampliêdades  
 Por fazer planos mais favorecidos  
 E certos a intentos  
 Ora Villas de hum cento passarão  
 E Aldeias; seis mil moios prefarão  
 Com veldois das Cidades já contados;  
 Outo mil são de Pão espediçados!

VII.

No anno abundante  
 Outo mil moios são assim poupados  
 Que pôdem existir  
 Para outro, em que estes faltarião  
 No máo anno, outros, rezes, não comião  
 Poupando o exhibir  
**A Nação** muitos centos mil crusados.  
 (Que ponto importante!)  
 Que proveitos tem o gado em comer  
 Tanto Pão? A ruina; emmagrecer.  
 Perde carnes, diminue crescimentos  
 Bois, e carnes nos valores tem augmentos.

VIII.

Só Evora Cidade  
 Nove centas tem Erdades, não sei quantas  
 Contadas, a seis rezes  
 De debulha cada huma (boas más)  
 Ao todo de debulha rezes faz,  
 (Em ditos dois mezes)  
 Cinco mil quatro centas, e mais tantas  
 Que forem na verdade.  
 Cada Boi, cada Vacca tem perdido  
 Por hum calculo supposto mas sabido  
 Huma, duas arrobas certamente  
 Só de carnes; o que sabe muita gente!

IX.

A isto ajuntemos,  
 Tres Cidades, e as Villas, Termos seus.  
 Em todas chegarão  
 Ao todo bem a vinte mil Erdades.  
 (Salvas muitas que não tem as qualidades  
 De tal computação.)  
 Eu protesto que por calculos só meus  
 A perca acharemos  
 De duzentas mil arrobas bem seguras  
 Só de carnes, que se perdem, com gorduras.  
 Estas contas que suppostas são, dirão;  
 Mas taes percas arruinão a Nação!

X.

Valendo dois mil réis  
 Cada arroba de tal carne consumida  
 Vai dar a hum milhão  
 Que de percas annuaes tem o Estado  
 E sómente d'Alem-Tejo por tal lado!  
 Agora pelo Pão  
 De que conta retro fica referida  
 Leitores vós sabeis  
 Que excede a milhão; e fazem dois  
 Porque fazem as debulhas Vaccas, Bois  
 Não seriam os engenhos maquinaes  
 Supplementos, nas debulhas, d'animaes?

XI.

Modélos estão feitos  
 E diversos para Pão se debulhar  
 Por novas invenções  
 Que nos livros inda não apparecêrão  
 Em modélos sempre uteis parecêrão:  
 E tem approvações  
 De mui habeis Lavradores; que louvar  
 Quizerão seus effeitos  
 Mas em grande não se fez combinações  
 Pelo vicio, e desgraça da Nação;  
 Só imita o que vê já trabalhando  
 O caminho mais seguro só trilhando!

## XII.

Pensei fazia bem  
 Em livrar o Estado, e Sociedade  
 Da perda insensível  
 Das debulhas (cada anno dois milhões!)  
 Gastei annos em pensar; e bons tostões  
 Com gosto indizível  
 Comprando ferramentas; com vontade  
 Que nunca teve alguem  
 Deste Reino. Emfim fiz-me maquinista  
 Mas fiquei c'os trabalhos; com a vista  
 Dos engenhos; que possiveis se figurão  
 A emendar as percas que inda durão.

## NOTA.

Geralmente se conhecem os prejuizos que tem as colheitas, em continuos descaminhos das produções desde as seifas até debulhas, e recolhimentos finais. Tenho manifestado os mais attendiveis, e que mesmo são lastimados pelos Lavradores que os soffrem sem acharem meios respectivos de aproveitarem o que perdem, e que talvez lhes falta como ao Corpo Social de quem são Membros e Agentes. Não tratarei dos desperdicios que se motivão pelos transportes do Pão para eiras. Já o supponho conduzido, e em formal calcadouro. Seja este de seareiros, seja de Lavradores, vá a ser pisado, e passeado, sobre mechido, pelos Bois, ou Vaccas que em numeros correspondem á quantidade de carradas de que se formou o calcadouro; ou á dos gados que tem os donos, &c. (Não fallo das debulhas feitas com Egoas, ou outras Bestas) cada carrada hé arbitrada em duas, e em tres rezes. De todas se formão as chamadas = Cobras = que passeião por cima dos molhos desatados de 7 para 8 horas successivas.

Enrrão as cobras com desordem para o calcadouro, que offerecendo-lhes as bellas Espigas; com anciedades irregulares se lanção os gidos a tragallas, custando-lhes as demoras de apanhallas mil picadas de agulhões, pancadas, e outros tormentos; que só soffrem os Bois, Novilhos, e Vaccas, porque prezos em gargalheiras de cordas para cada 8 ou 10 rezes, &c. e a estas prezas assim chamão Cobras.

Huns passos de boi, atascados em Palha, e Pão, são morosamente pausados, e movidos. As espigas não se quebrão, nem debulhão em duas horas primeiras; e em quanto não chegão a confundir se as espigas com a palha, sempre o gado come dellas; e alguns até ultimo giro, buscão o grão, enterrando as cabeças pelas palhas até ao sollo da eira, onde achão, e comem o grão, &c.

A voracidade com que as rezes consomem as espigas, do bello Pão, he tanto natural, e geral em todas as rezes, que no espaço de huma só hora, ninguem duvida, que a cada cabeça, sahe o extravio por meio alqueire de grão por dia. Eu lhes arbiro huma quarta permanentemente comida em cada dia de 2 mezes de debulhas effectivas tomando o mais pelo menos, em proporções guardadas, &c. &c.

No largo espaço de 7 a 8 horas nenhuma necessidade natural deixa de operar-se em cima do Pão, pelos gados, salvo o beber: as vias excretorias praticão as suas funções; eujos reditos são encorporados em grão, e palhas; e estes ensopamentos de excretos são bem dissimuladas pelas pessoas da primeira e ultima prolixidade a respeito do que comem nojentas.

Tantas vistas sobre extravios do grão precisissimo, e do pouco asseio com que he debulhado; e até mesmo das carnes diminuidas pelos excessivos trabalhos das debulhas, (Decadas 6.<sup>a</sup> 7.<sup>a</sup> 8.<sup>a</sup>) me fizerão lembrar que o artificio podia com machinas de madeiras supprir os movimentos dos animaes deduzindo os principios destas operações em fórma. Dizia eu: que debulha o Pão, nos calcadouros em que girão Bois, e Vaccas? A solução, nem foi, nem podia ser outra senão = pezo, e movimento agitados = logo seguindo as permissas perguntei ao meu entendimento = pois carecendo de pezo, e movimento he de summa importancia que estes sejão naturaes; ou implica se forem artificiaes?

Foi o resultado = que como se verificasse a operação com ordem bem podião estas supprir aquellas. = convenci-me; e propuz fazer o detalhe para machinas suppletorias dos gados que debulhão, e consomem o bello Pão. Cheguei a formar idéas dos engenhos precisos ás diversas Fabricas, maiores, e menores. Por minhas mãos fiz modélos de madeiras (Decadas 11 e 12) que tem merecido as approvações de mui praticos Lavradores. Elles existem porque dilatados em huma grande obra offerta ao mais celebre espirito patriótico dos nossos tempos, que a supito, talvez por mysterio, ou por não formal a seus intentos.

Posso com tudo certificar ao Publico que a invenção parece a todos mui praticavel, de facil construcção, barata, commoda, e permanente. Indubitavel fica sendo que he util; ao Estado em geral quando lhe poupa e evita o prejuizo de dois milhões em cada anno; e em particular a cada Lavrador que recebendo mais Pão, e perdendo menos carnes, não só tem mais generos que vender á Sociedade precisada, mas além disso tem fertilidades, e abundancias, sobre as estabilidades de seus gados, cujas raças, e grandezas corporaes se rebatem nas debulhas.

Para os pequenos Seareiros, e Lavradores fiz machinas proprias a suas poucas fabricas, e possibilidades. Para os grandes fabricadores fiz outras mais complicadas, e expeditas; e para os medianos tambem tive attentões nos engenhos menos dispendiosos, e propriamente relativos. Nada resta mais do que á vista dos modélos, e segredos manifestados, haver huma consulta de habéis, e praticos engenheiros para que decidão das forças agentes, das resistencias, e dos effeitos das invenções para que corrigidos se fação promulgar, e pôr em usos, e praticas obrigatorias por todos os Lavradores; ou ao menos pelos mais poderosos nas Cabeças de Comarcas, &c. Certo parece que sendo as machinas artificiaes boas, e supprindo perfeitamente nas debulhas os Bois, e Vaccas; o Estado e Corporação Social embolsa em trinta annos o valor de 60 milhões de cruzados quando os meus calculos se julguem bem formados, &c. &c.

ARTIGO XV.

*A falta de Canaes navegaveis na Provincia he prejudicante ao Systema Economico pelo estrago dos Bois, e empate dos homens etc.*

I.

**A** falta de Canaes  
 Navegaveis, tão precizos a transportes  
 O quinze faz motivo  
 De soffrerem as Culturas prejuizos  
 Arruinão-se os Bois, tanto precizos  
 Em ponto excessivo  
 Os Canaes mudarião bem as sortes  
 Sem elles tão fataes ;  
 Aos Bois que se matão nas Estradas  
 De Verão em continuas jornadas ;  
 Aos homens que os vão acompanhando  
 Tempo vida em transportes só gastando !

## II.

He Trigo conduzido  
 A Alcaçar, a Pocinho, a São Bento  
 E vai a ser exposto  
 Pelo mar, duas Barras passeando  
 Os seus fretes vão seu preço aumentando  
 Com risco, e com desgosto,  
 O augmento chega a ser vinte por cento  
 A's vezes mais subido  
 Sobre, vinte ha mais seis pelas medidas  
 E mais trez das entradas, e sahidas  
 Nesses Portos, e Trezenas onde cresce  
 Bem o Pão, porque sempre humedesse.

## III.

O Povo de Lisboa  
 Tudo perde, tudo paga certamente  
 Só são por cento trinta  
 A favor: raros annos n'ellos he.  
 Mas se fosse por Canaes, creio de fé  
 Do terço era a Finta  
 Do estado, e do preço excedente.  
 ( Vantagem quanto boa! )  
 Quem preciza cem mil réis só para Pão  
 Gasta trinta de excesso, em proporção  
 Se dos trinta, vinte, quinze, não gastasse  
 Pode ser que meu Plano approyasse.

## IV.

Se homens poucos são conduzidos  
 Para bem os trabalhos se fazerem  
 Com tempo, economia;  
 Os que andão em transportes occupados  
 Também devem nesta obra ser lembrados  
 Pois perdem muito  
 Que podião (com Canaes) não os perderem  
 Do Trigo em condução  
 Infinitos são dos homens extraviosos  
 Porem estes tem remedios em rios  
 Que a serem alguns delles navegaveis  
 A ser vinhão estes homens mais prestaveis

## IV.

A Sul de Monsarás  
 Meia legua distante de Mourão  
 Se acha Guadiana  
 Neste Reino, até Mértola, metida  
 De ser nessa, a idéa concebida,  
 Supponho que se encana  
 Pelos Valles que a rio Sado vão  
 Que doze legoa fás  
 De Canal; que os rios mais distantes  
 Para este se fazião caminhanes  
 Não seria tanto util á Hespanha  
 Como o era a Portugal, obrantamãha?

## VI.

Não he de grã Despeza  
 Esta Obra, posto ser de importância  
 Difficil não será  
 Quando feita em pacifico estado  
 Em milhão, eu a tenho calculado  
 ( Talvez não chegará )  
 Mas precisa de cuidado e vigilancia  
 Saber, e ter destreza  
 He preciso as Correntes más conter  
 Com muralhas, e fazer aguas correr  
 Pelos Valles, porque vão áreas formar  
 Que d'Estio devem homens regular!

## VII.

Se fosse impedida  
 A Corrente da ribeira Guadianna  
 A Norte de Mourão  
 Poderia bem passar entre Cidades  
 Beja, Evora, podem ter commodidades  
 De muita attenção  
 De Portel para Beja ha terra plana  
 De commoda sahida  
 Pela Cuba, Véra Cruz, e Vidigueira  
 Para área boa ter esta ribeira  
 E passando a Bringel, entra no Sado  
 Tendo parte do Canal ella formado!

VIII.

De Serpa a Alvalade  
 Igualmente Guadiana póde ir  
 A Santa Margarida  
 Pela mesma linha recta de Alfundão  
 Não duvido que se faça objecção  
 A' Obra concebida  
 Porem ella facil he de construir  
 Por sua utilidade  
 Digão lá o que quizerem os pedantes  
 E murmurem os inertes, ignorantes  
 Certo he que Canal póde fazer-se  
 E o sitio entre estes escolher-se!

IX.

Eu sei alguns dirão  
 Que ha muitos obstaculos a vencer  
 De Serras, de Oiteiros  
 De Penhascos, e de Rochas incortaveis  
 Essas duvidas não são incontrastaveis  
 A Polvoras, Mineiros  
 Quando nisto intervém forças poder  
 Com boa digestão  
 Essas terras onde aguas não passar  
 São a duvida maior que posso achar  
 Mas se pagão se assim se entender  
 Pois a bem que he commum devem ceder

X.

Suppomos a ribeira  
 Na Corrente natural interceptada  
 Por forte impedimento  
 Rezistivel a seu pezo, a seu poder  
 Aos lados agua vai retroceder  
 E tendo Encanamento,  
 Pelos Valles, e Bachuras faz Estrada  
 A agua na carreira  
 Os Outeiros, Rochas, Serras circulando  
 Seu Alvéo na bachúras vai cavando  
 Seja este menos recto mais direito  
 Quatro cheias deichão meio Canal feito.

XI.

Rochedos encontrou  
 Que impedem ás Correntes a carreira  
 Que era intentada  
 Ou por breve, ou por util, importante  
 O trabalho he a isto dominante;  
 A Rocha foi quebrada;  
 Infalivel tem caminho a ribeira  
 Se nisso se intentou  
 Todo o cazo he proprio ás contençaes  
 Que proponhão ás Correntes direções  
 Só as Rochas podem dar maior despeza  
 Que são nada a respeito da empreza.

XII.

Tem vizos de possível  
 O Canal que eu lembro por segundo  
 Das rilvas, ao rio  
 De Alcaçar; Olhos d'agua travessando  
 E por bacho do Pinheiro embocando  
 Cortado Rio Frio  
 Que ser póde o Canal largo profundo  
 A terra o faz crível  
 Tejo, Sado erão bem communiçados  
 Nesta parte! Erão Generos levados  
 E trazidos de Lisboa, sem perigos  
 Do mar brabo, duas Barras, inimigos.

XIII.

Os fretes diminutos  
 Os transportes mais seguros, e mais breves  
 Por estas conduções  
 Mil venturas promettião a Estado  
 O Negocio ser podia duplicado  
 De muitas Provizões  
 Que só soffrem as despezas muito leves  
 Quaes são as lenhas fructos  
 Os Paús que por isto se cortassem  
 Póde ser que mais uteis nos ficassem;  
 As Charnecas de Cultura admissiveis;  
 Populagens no Canal erão possíveis.

XIV.

Sim ; até População  
 Do canal , pelas boas vizinhanças  
 Podia grande ser  
 E protesto que havia duplicar-se  
 Se chegassem os dois mares a juntar-se  
 Seria bom de ver  
 O que havia em taes terras de mudanças  
 A bem da Produçção !  
 As Charnecas se verão já mudadas  
 De inúteis , sim , em terras cultivadas  
 Desde Pancas té a Palma certamente  
 Melhorarão os terrenos de repente !

XV.

Surraia custaria  
 Mais hum pouco a propôr Navegação  
 Além de legoa  
 O que pôde com exames conhecer-se  
 Se Canal pôde mais ainda entender-se  
 He util que se próveja  
 Com os Níveis e observação  
 Da boa Engenharia !  
 As ribeiras era facil se mudassem  
 Para terras em que Ruchas não achassem  
 O mudar-lhes as Correntes não assustam  
 E formarem o Canal mui pouco custa

XVI.

Chamando á Surraia  
 As ribeiras que a ella vêm cahir  
 De Cruche a Ervedal  
 Que são muitos os riachos, as ribeiras  
 E que nasce n muito perto das Fronteiras  
 D'Hispanha, e Portugal  
 E fazendo a Norte d'Elvas também vir  
 As aguas de Cáia  
 Nós teriamos, com aguas abundantes  
 (E despezas) os principios bastantes  
 A formar-se hum Canal prodigioso  
 A Estado, e Negocios proveitoso!

XVII.

Poupara o Estado  
 Em transportes mil cruzados mais de cem mil  
 Da Guerra em Provizões  
 Que caminhão de Lisboa ás Fronteiras  
 Estas obras he que são as verdadeiras  
 De grandes Corações  
 Porque uteis a Estado, e commum Bem  
 A Reino precizado  
 As Culturas do terreno propagar  
 Os abuzos dessas mesmas reformar  
 Os Canaes construir que fertilizão  
 Obras são que o Author sempre eternizão!

bem posso dizer que o Povo de Lisboa se acha onerado com um tributo inenarravel. NOTA. O detalhe Economico são ligados a todos os seus ramos essenciaes. Os Povos, e Estados experimentão as abundancias e aproveitão as utilidades de huma Policia Economica que lhes faz ministrar os Generos com commodidades, e sem as maiores despezas dos transportes. Estas Venturas nunca se prezumem bens particulares; porque se verificão publicas, e universaes. As terras que não produzem os Generos de seus Consumos facilitão nas importações de muitos modos: já livrando de Direitos alguns; já favorecendo as medidas de outros; e até concedendo-se Privilegios aos Condutores, Negociantes &c.

Todas as vistas politicas em taes cazos tendem para que as fertildades se effectuem e nas abundancias seão os preços mais modicos relativamente; porem como se hão de verificar os Generos baratos quando os transportes delles embebem huma terça ou quarta parte de suas primeiras Emportancias? Sejão, Pão, Azeites, Carnes exemplos de outros Generos que a Capital não pôde dispensar. O trigo que custa em Alentejo a 480, medida maior que a de Lisboa 6 por cento, he conduzido em Carros, ou Carreças, de Evora (Cidade central) para Aldeagallega, he 6000 rs. para Alcaçer do Sal — 30600 &c. De Campo d'Orique, e terras fronteiras a Hespanha maiores são os fretes. Dos chamados Pórtos no Sado para Lisboa vai o Pão embarcado, sahir à Barra de Setubal, expor-se na Costa occidental, e entrar pela Barra do Tejo com 22 legoas de viagem; que augmenta os fretes; arrisca o Pão a perder-se; e lhe cauza huma diminuição de Substancia essencial, não só pelas demoras que rem nos Armazens dos Pórtos, cercados de humidades, mas igualmente porque recebe mais dellas, nas Viagens que se poderião evitar tão longas, e tão arriscadas sobre dispendiozas (Decada 12 e seguintes).

Em termos medios de distancias, e de fretes, despezas &c. bem poderei asseverar que custando cem alqueires de trigo na Provincia dez moedas lhe carrégão quatro de conduções, Direitos, e Quebras de medidas &c. e logo tam-

bem posso dizer que o Povo de Lisboa se acha onerado com hum tributo insensivel de 2 por 3; e que lhe fica irremediavel quando se desatende a razão fisica deste Onus. Ella per si manifesta aos prudentes reflectivos quando observão que a maior despeza sobre o preço do trigo, he a do seu transporte de terra; as demoras junto à agua, e a longa viagem de Alcacer a Lisboa.

O transporte de terra que carrega em 17 legoas ( de Evora a Aldeagalega ) 100 rs. em 100 alqueires de trigo parece que seria a quinta parte quando perto dessa Cidade houvesse hum Canal navegavel. Assim com este remedio succederia ao Pão de maiores distancias. O Canal indicado na Decada 12 não só parece util, mas sobre todos possivel. Que Vantagens para o Estado, e Povos, se seguião de fazer tranzitar os seus Generos pelo interior dos seus terrenos, sem exposições externas, e sem despezas insupportaveis? O Canal ( Decada 5 e seguintes ) seria igualmente importante, e facil; e assim o seria o apontado na Decada 15. Com dois Canaes era a Provincia dividida em trez porções quazi iguaes em terrenos; e o Giro dos Negocios ficava sendo commodo, e facil em proveitos da massa commum, e dos fundos particulares de Importação, e Exportação reciprocas de Lisboa e Provincia &c.

Não detalhei huma Obra como a que lembro neste Artigo, como caprichozo arbitrista que pertende os vallimentos sem olhar, nem attender às impossibilidades da Empreza. Nesta não ha aquellas que se podem figurar. Em annos pacificos he não só possivel, porem de despeza interior aos Calculos que podem figurar as pessoas menos praticas das operações das Aguas bem dirigidas, e bem encaminhadas por terrenos em que possão formar os seus novos alvéos, ajudando a evitar trabalhos, pelos Artificios com que se contem, e dirigem.

## ARTIGO XVI.

*As terras da Provincia são exauridas de substancias vegetaes, pelas chuvas, e enchurradas. Precisão Liques, ou Contenções que retenhão nas Bachuras as poeiras lodosas com que se fertilisem estas, &c.*

I.  
**H**e grave o prejuizo  
 Que as aguas dos invernos, nos tem feito  
 Em todas nossas terras  
 Lhes levando as substancias vegetaes  
 Ellas levão as poeiras, e os sács  
 Dos montes, e das serras  
 Se as vemos exauridas; com effeito  
 Contellas he preciso  
 De distancias em distancias; de espaços  
 Em espaços, lhes devemos armar laços;  
 Quando não; rochas só, pedras, teremos  
**E sem terras productivas ficaremos!**

II.

As terras são lavradas:  
 Por effeitos das lavouras, e culturas  
 Mil vezes são mechidas  
 E mil vèzes aos tempos são expostas  
 Suas faces alternadamente oppostas  
 A's chuvas repetidas  
 As poeiras não contem em si seguras  
 Por serem lavachadas.  
 Bate chuva n'humna face este anno  
 Turba agua; fuge turba; e faz o damno:  
 No seguinte muda face co'arado  
 (Assim outros) prejuizo he dobrado!

III.

Poeiras fecundantes  
 Ou os atomos tão bem precipitados  
 Materias estrumosas  
 Ou os sáes infinitos, ourinacios  
 Oleosos, fellogisticos, carbonacios  
 E mil prodigiosos  
 Todos são com as terras misturados  
 Por Leis sempre brilhastes!  
 Taes substancias com as aguas se dissolvem  
 E em liquidos com ellas se resolvem  
 Fogem aguas; e com ellas sim fugirão  
 As substancias que mistura admittirão!

IV.

A terra elementar  
 ( Que supponho ser a mais fina poeira  
 De saes bem enfartada )  
 Admitte tal e qual dissolução  
 A lavoura lhe dá tal exposição  
 Na terra que he lavrada.  
 Ella foge dissolvida por ligeira  
 E vai ao mar parar  
 Nossas terras são de tudo exauridas  
 Ha mil annos, pelas chuvas repetidas  
 Restão só as materias pizadas  
 Seixos, pedras, e areias mui lavadas!

V.

Não he só a poeira  
 Ou pó fino, essa terra fecundante  
 Chamada elementar  
 De que barro natural tanto abunda  
 A substancia vegetal não se confunda  
 Com barro singular:  
 Não tem este o principio vegetante  
 Virtude createira  
 Bem capaz de animar os vegetaes  
 Que consiste em substancias, e nos saes;  
 Estes são effeitos só de corrupções  
 De materias, conformais combinações.

VI.

Em regra mui geral  
 As substancias vegetaes da producção  
 De outras se revertem  
 E se formão de taes outras destruidas  
 E que sendo de mil modos corrompidas  
 Nas proprias se convertem  
 Mottu he continuado, a reverção  
 Da ordem mui igual!  
 Eu protesto que substancias vegetantes  
 São no Globo sempre certas, e constantes  
 E são ellas em limites conservadas  
 Ou nas terras, ares, aguas embrulhadas!

VII.

Os homens sociaes  
 De haver estes saes proveitos tem  
 Mas nunca igualmente  
 Se nas terras se conservão, mar se deitão  
 Os de terra pelos fructos se respeitão  
 Por todos geralmente:  
 Dos do mar alguns uteis certo vem  
 De peixes de coraes  
 Mas os peixes só nos servem de conductos  
 E sustentos só os dão da terra os fructos  
 Peixes, pedras, não são uteis em essencia  
 Vegetal, e animal dão subsistencia.

## VIII.

Deixando isto á parte  
 De conter as substancias fallaremos  
 Da sua retenção  
 Nas bachuras que vão dellas exaurir-se  
 He defeito que bem deve prevenir-se  
 Com toda a attenção  
 E senão, só com pedras ficaremos  
 Senão valer-nos arte!  
 Eu bem sei que fazer taes retenções  
 Com muralhas, ha de ter objecções;  
 Mas se terra do Rei só se contemplar  
 Será facil este plano praticar!

## IX.

Eu sempre vou dizer  
 O remedio contra mal que cheias fazem  
 Levando as poeiras  
 Estrumosas, e salinas, fecundantes  
 De alturas, e de terras mui distantes  
 As levão as ribeiras  
 Aos mares circulantes, onde jazem  
 Inuteis vindo a ser.  
 Certo he que das cheias as correntes  
 Levão lodos, e nateiros excellentes  
 E que sendo as correntes estagnadas  
 Ficar devem essas terras adubadas!

XI

Exemplos certos temos  
 Manifestos pela mestra Natureza  
 A fins de seus projectos  
 Que eu creio serem sua imitação!  
 A's correntes fazem certa contenção  
 Encontros de objectos  
 Que demorão da corrente a fortaleza  
 Qualquer que figuremos  
 Os rochedos, as marés, naturaes muros  
 São os freios ás enchentes mais seguros  
 E as demoras destas poucas retenções  
 Deixão terras, que triplicação producções.

XI

As aguas das ribeiras  
 Todos sabem entre serras vão passar  
 Por entre montes altos  
 Quasi sempre em lugares apertados  
 De ro chedos estes passos indicados  
 Abundão; não são faltos  
 Se muralhas alli formos fabricar  
 ( Achamos lá Pedreiras )  
 Em alturas que as cheias bem retenhão  
 Pelos Valles ficão lodos quantos venhão  
 Pois que hão de, na parada, estagnação  
 Fazer certa, e formal precipitação!

## XII.

A cal , pedra , instrumentos  
 Na Provincia faceis são de conseguir  
 Dinheiro Officiaes  
 Não propoem a maior difficuldade  
 Para Obras , em que o bem , felicidade  
 Communs são , e geraes !  
 Todos devem ajudar , contribuir  
 Em tão Pios intentos !  
 Bois , e carros dão visinhos Lavradores  
 Nos Soldados ha mui bons Trabalhadores  
 E na paz pôdem ser bem dispensados  
 Dos manejos , certos mezes alternados.

## XIII.

Noticia vou a dar  
 De hum Dique que se póde bem fazer  
 Mui util , mui barato  
 E em sitio geralmente conhecido  
 Seja elle do Leitor apprehendido  
 Em fôrma , em retrato  
 Que protesto bem do dito ha de dizer  
 Exemplo me louvar !  
 He o sitio junto bem de Montemór  
 E de muitos que conheço , o melhor  
 Entre Villa , e a Quinta Amoreira  
 Se fazia huma bella Albufeira !

XIV.

Por baixo d'Amoreira  
 Dois oiteiros á ribeira dão sahida  
 Por cima d'hum moinho  
 Que setenta palmos, mais, terão d'altura  
 Seguem serras que de muros tem figura  
 E lá abrio caminho  
 A ribeira com corrente atrevida  
 Da parte sobranceira  
 Deste ponto duas legoas a nascente  
 Desta Villa, he planice excellente  
 Mas de terras que se achão exauridas  
 Pelas aguas, e lavouras repetidas.

XV.

No ponto bem formada  
 A muralha, que conter deve ribeira  
 De palmos té sessenta  
 Com grossura bem capaz de sustentar  
 Essas cheias que se devem estagnar  
 Valor de dez augmenta  
 Aos Valles, se passar cheia terceira  
 Terceira invernada.  
 Não seria de mui util attenção  
 O effeito de tão larga estagnação?  
 Obra era de quarenta mil cruzados  
 Mas os fructos erão, sim, centuplicados!

## XVI.

Mil sitios bons temos  
 Na Provincia, e tão uteis certamente  
 E digo tanto uteis  
 Por proveitos, e despezas bem menores  
 Alguns pôdem em essencia ser melhores  
 Em terras que ha inuteis  
 Que Provincia pôde ser tão providente  
 Se Diques nella vemos?  
 Eu não sou arbitrista lisongeiro.  
 E por isto não duvido ser primeiro  
 A hum Dique mais pequeno ir fazer  
 Em coutadas, em que sitio escolher.

## XVII.

Vender não duvidava  
 Alguns predios por fazer a Albufeira  
 Em terras elegidas  
 Que cobrisse, anazasse inundaçãõ  
 Se me dessem como manda Ordenaçãõ  
 Das terras que ha banidas  
 De culturas, minha huma verdadeira  
 Muralha fabricava.  
 São immensos na Provincia baldios  
 Sem culturas, nem direitos Senhorios  
 Quasi todos sendo só pastos communs  
 Do Rei, Póvos, e das Camaras alguns.

XVIII.

Ha terras só chamadas  
 E distinctas com o nome de maninhas  
 Baldios, outras são  
 Outras coutos; e coutadas ha tão bem  
 De reguengas tambem humas nomes tem  
 Que Reino em profusão  
 Mal conserva, em Cidades, e Villinhas  
 Sem serem cultivadas  
 Vejão Béja, Mourão, Moura, Landroal  
 Monsarás (tem baldio sem igual!)  
 Serpa, Trena, Portalegre, com Fronteira  
 A Provincia no que resta toda inteira!

NOTA.

, A Provincia d'Alem-réjo tomada em sentido geral do terreno que o Têjo lhe termina he plana, ou a mais plana das de Portugal. As suas serras, colinas, e elevações só permitem as correntes das aguas em termôs não arreatados. As suas maiores alturas se conhecem pelas raias que separão Hespanha de Portugal desde as serras de Portalegre até Monsarás. As serras intermedias, são pontos de mais baixos Nivillamentos, e por isso as aguas de suas ribeiras correm a occidente vindo juntar-se em Coruche, S. Estevão, Rivas, e Sado... O Têjo, e Guadiana só recebem aquellas que são privadas pelas serras dos declives naturaes para o Poente.

Todas as terras altas que são agricultadas padecem os choques das aguas tempestuosas, e invernadas copiosas. De suas superficies revolvidas pelos arados fogem as terras poozas, elementares, e os estrumes de quaesquer naturezas. As substancias fecundantes vão com ellas, ou dissolvidas, ou embrulhadas, restando as superficies lavadas, e batidas que oferecem à vista mais areias, e pedriscos do que poeiras. As repetições das culturas, são continuações de prejuizos simi-

lhantes; e em muitos centos de annos tem fugido tanto as terras das alturas que hoje vemos rochedos escavados, e penhascos desnudados em todas as serras, em todas as colinas.

Todos os riachos, e correntes menores levão ás grandes ribeiras immensas partes lodosas que estas conduzem aos mares, ou que depositão como cedimentos naquellas paragens, ou de suas estagnações, ou de suas demoradas correntes; e até mesmo as areias mais, e menos grossas seguem este destino, com immensos seixos, e pedras, arvores, e edificios, &c. nas enchentes arrebatadas. Verdades são estas que todos conhecem, e que muitos lastimão.

Por taes operações mechanicas das aguas, e das revoluções que o Globo Terraqueo soffre desde a sua formação, &c. nós vemos por ordem natural ficará o nosso continente descalvado das terras productivas em poucos centenares de annos; e que já em nossos tempos se achão muitos terrenos esterilizados. Pouco importaria aos homens presentes que os vindouros possuíssem o que achastem; porém como he de natural Systema da Sociedade politica não só conservar, mas fazer, e augmentar os bens que hão de ser de successores por isso lembro os remedios para que o Alem-Téjo não venha a ser hum terreno inutil, e hum bosque despresivel, em quanto o estado actual de suas terras permite os seus melhoramentos e beneficios.

Nenhuma ribeira de Alem-Téjo deixa de passar por sitios em que não possão conter-se suas aguas, para que estagnadas depositem aquelles lodos, e poeiras fecundantes que arrasaráo com roubos de outros sitios; e tambem em nenhuma parte pôdem conter-se as aguas sem que Valles, e bacheiras superiores se aproveitem de tão grande beneficio, de que tanto necessitão por eslavachadas, e exauridas. E se nós perdemos as produções dos altos, equilibremos estas com as melhores dos baixos; aliás sempre dependeremos das estranhas agilidades que nos vendem os generos naturaes do nosso Paiz, por dinheiros que pôdem ter fim.

As chamadas = Albufeiras = todos sabem quanto são uteis. Seja exemplo aquella que fizerão os Excellentissimos Condes do Vimieiro, cuja despeza não excedeu a seis mil cruzados, e cujas receitas annuaes são excedentes a 8 e 9

centos mil réis. Maiores, e menores são estas reprezas; ou muralhas, as que aconselho para fertilisar terras com substancias, que vemos perden no mar. Os arbitrios para se conseguirem são mais para consultados do que para impressos em obra tão publica, &c. &c. &c.

## ARTIGO XVII.

*Fontes, e Poços, são poucos, são precizos; e huma  
 milhor Policia para conservação das aguas por-  
 que dellas dependem as saudes, e as vidas etc.*

## I.

**A**RTIGO de notar  
 He a falta de Policia das Fontes  
 Limozas, encharcadas  
 E por isto corrompidas, e imundas  
 Em crearem Sanguexugas são fecundas  
 Raãs multiplicadas  
 De Insectos castas mil, vistos em montes  
 As aguas turbar  
 Não são Fontes; Charcos são, e são lameiros  
 De que bebem Viajantes, Jornaleiros  
 Com as sedes que produzem os calores  
 E que fazem as Sezões, Cólicas, Dores!

II.

Obriga precizão  
 A perderem os humanos, o antojo  
 De aguas taes beberem  
 Da cruel necessidade constringidos.  
 Nas Estradas, e Caminhos mais seguidos  
 Nós vemos poucas serem  
 As más Fontes (que a todos fazem nojo)  
 Que tão precisas são  
 Passageiro que em sede vai ardendo  
 Chega a agua, e sem tédio vai bebendo!  
 Os calores fazem sedes repetir  
 E as aguas venenozas engolir!

III.

São tristes consequencias  
 Catarraes, febres podres, as Sezões  
 Das aguas produzidas  
 Porque más, por que poucas, mui distantes  
 Porque sedes, e calores, Caminhantes  
 Afligem, são bebidas  
 Bebem muitas: logo tem constipações  
 Talvez as Esquinencias!  
 Com doenças homens são pouco prestaveis  
 Infecundos; e até pouco duraveis!  
 Se dos homens se attende a produção  
 Imperfeita he por mais esta razão!

## IV.

He couza admiravel  
 Que se cuide na limpeza, no asseio  
 Das aguas dos Cavalos  
 De que querem D'nos seus conservação  
 Que da raça humanal a Geração  
 Não dê disvelo, abalos,  
 Quando esta dos respeitois he o meio  
 E meio formidavel!  
 Sem os homens não tem forças os Estados  
 Nem Exercitos sem elles são formados  
 Não ha Fabricas, Negocios, Culturas  
 Nem os Grandes, sem piquenos, tem figuras!

## V.

Bem sei que me dirão  
 Que das Fontes o disvello, e o cuidado  
 Concelhos devem ter  
 Ou as Camaras dos Povos respectivas  
 Que ha ordens para isto pozetivas  
 Em leis que dão poder  
 Para Povò pelas Fontes ser fintado  
 Conforme Ordenação:  
 Mas as Vilas d'Alem-tejo são distantes  
 E os homens de trabalhos, Caminhantes  
 Essas aguas, poucas vezes aproveitão  
 Se as sedes, e distancias respeitão!

## VI.

He certo que o terreno  
 Em seu todo geralmente concebido  
 He secco, esterilissimo  
 Em sitios de aguas abundantes,  
 Mas os Poços nada são repugnantes  
 A Bem que he utilissimo  
 Cada legua tenha Poço, construido  
 Ou grande, ou piqueno  
 Senhorio de Erdade, obrigado  
 A fazello, e trazello asseado  
 Assim Fontes nas Estradas em distancias  
 Respectivas; ordenadas vigilancias.

## VII.

Erdades devem ter  
 Cada huma boa Fonte, ou bom Poço  
 Pois tem trabalhadores  
 Certos tempos; e em grande quantidade  
 Se as aguas são de ruim má qualidade  
 Nos tempos dos calores  
 Assim mesmo as conduz-o cruel moço  
 E dá-lhas a beber!  
 O Estado Social não se mantem  
 Se os seus trabalhadores bons não tem;  
 E saudes destes homens, seu vigor  
 Uteis são, a Rei, Grande, Lavrador!

## VIII.

De males mil serão  
 Os humanos, e viventes, perservados!  
 Com aguas boas puras  
 Vivirão huns, e outros mais huns annos!  
 Serão livres de molestias, e dos damnos  
 Às uteis creaturas!  
 Infernaes Sanguexugas nossos Gados  
 Não tanto matarão!  
 Os viventes farão bem as digestões  
 E os quilos sem desordens às funções  
 A saude, melhor, he, em consequencia,  
 E ás vidas a mais certa existencia!

## NOTA.

Esta Provincia permite, e não dispensa o continuãdo giro dos homens, de trabalho, e de Negocios, e trafficos. No Verão principalmente são muitos os milhares de huns e outros que trabalhão, e circulão as Feiras de Alentejo. As suas Villas, e Povoações são mui separadas, e distantes; os calores em tempos, quazi insupportaveis; e por isto soffrem os homens as sedes mais afflictivas antes de chegarem a Fontes, ou Poços que os consolem. Hum descuidado desmazelo desanima a Caridade proximal; e essas poucas aguas que em sitios se encontrão são mais venenos que lenitivos das sedes, e das calmas. As muitas Sanguexugas arriscão os homens, e os Gados; de dia a muitos, e de noite a todos. Os Sapos, Râas, e mil Insectos, Cobras, e Saramantigas, são communs; e por isso mesmo commum se suppoem a corrupção das aguas, e as suas infecções. E nenhum outro remedio termina o seu uzo obrigativo e a necessidade extrema; porem tal uzo violento, não he aquella commodidade que devemos esperar de hum Reino politico, e que necessita das vidas, e saudes de seus Vassallos. Este só pensamento he bastante princi-

pio para que hum Patriota proponha em publico os defeitos da Provincia mais precizada dos remedios; e para que lembre estes aos Senhorios, e Lavradores das Erdades, que igualmente ou mais precizão dos homens de trabalho, em estado vigorozo, e saudavel, interessando muito inda mesmo na multiplicação dos homens, que saudáveis se pôdem melhor reproduzir, e nas melhores durações de suas vidas. Certo he que estas se diminuem quando os allimentos ou são máos, ou mal digestos; e como a agua seja no Verão (e em todo tempo) hum dissolvente universal dos allimentos, então se caracteriza hum essencial. Sendo máo e putrido induz estas qualidades nos corpos: ellas são othorogenias ao Estado de equilibrio; e logo em diversas circumstancias mostráo os corpos symptomas das molestias accozadas ( Decadas 1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> ) Não he capricho de subtilizar, accumulando defeitos, por falta de cauzas, a huma bella, e fertil Provincia: he a observação, e pratica de 35 annos effectivos, e o Patriotismo humanal quem faz lembrar o que todos lastimão, e não expoem em fórma para se seguirem os remedios ( Decadas 6. e 7. ) além daquelles que parecerem melhores, e mais providentes; porque o arbitrio não indica hum onus pezado, e violento, mas sim hum meio economico que não carrega o Estado, em despezas &c.

## ARTIGO XVIII.

*Pinhaes são precisissimos na Provincia ( e no Reino). As suas faltas de propagações, tratamentos, limpezas, e creações boas tem consequencias que são prejudicantes, e pôdem ser perniciosas.*

## I.

**A**s faltas de Pinhais  
 Como causas de despezas eu accuso;  
 Que sendo tão precisos  
 Se mendigão de mui longe as madeiras  
 Vão de lavre, vendas novas, pelas Feiras  
 Causando prejuizos  
 A quem compra, que não sente, por ser usado  
 Pagar de fretes mais.  
 Do que certo pagaria se as houvessem:  
 Nessas terras onde Obras se fizessem!  
 Vinte legoas vão madeiras tranzitar  
 Para carros, Homens, Bois, nos empatar!

II.

Sahê cara construcção  
 Que se faz, porque cáros os transportes:  
 As Obras não se fazem  
 Diminuem-se assim povoações!  
 Pobres casas que cahirão; casarões  
 Perpetuamente jazem!  
 Travejados, vigamentos, não são fortes  
 Por cára conducção  
 As distancias prohibem conduzir  
 Grossas vigas, que devião bem servir;  
 E as lenhas tambem faltão nas Cidades  
 Que Pinheiros pôdem ter em quantidades!

III.

As faltas de Pinhais  
 Relativos, ás do Reino precisões  
 Ainda fazem damnos  
 De maior contemplação á Sociedade!  
 Milhões sahem; e em grande quantidade  
 Ha menos de cem annos  
 Deste Reino; que té deixão confusões  
 Se pôdem sahir mais!  
 Ou melhores, ou mais bons, só são Pinheiros  
 As madeiras que nos vendem Estrangeiros  
 E podendo nossas terras bem creallos  
 Erro he, prejuizo, o comprallos.

## IV.

Se temos areais  
 Terras soltas, fracas, aridas, arneiros  
 De poucas producções  
 De centeios; a maior parte matosas;  
 Porque não as faremos proveitosas  
 A nossas precisões?  
 Temos mattos; exibimos os dinheiros  
 Que faltão sempre mais!  
 Essas terras que são só charneças rasas  
 Poderião ser rendozas a mil casas  
 E os Povos em cem annos não perdião  
 Milhões trinta; que de bem nos servirião.

## V

Os pobres Lavradores  
 Dos bons campos, que de mattos são despídos  
 De lenhas precisados  
 As mendigão a bem legoas de distancia  
 Não terião de ramagens abundancia  
 Só tendo semeados  
 Tres alqueires de Pinhais (quando crescidos)  
 Em terras inferiores?  
 As despezas dos carros não poupavão?  
 Os jornaes não melhor aproveitavão?  
 Vendo gados nos invernos com abrigos  
 Não serião dos Pinhaes muito amigos?

VI.

As Fabricas terião  
 De comprar a grão preço combustiveis?  
 As Fabricas de Pão  
 Inda mesmo os assentos dos Soldados  
 Não poupavão muitos muitos mil cruzados  
 Que só por mattos dão  
 Se houvessem os Pinhaes que são possiveis  
 Nas terras que os crião?  
 Praças d'armas que precisão de madeiras  
 Não terião conducções promptas ligeiras  
 Se nos termos dessas Villas, e Cidades  
 De Pinhaes previnisses quantidades?

VII.

Seria illusão  
 Deixar eu de fallar em tal artigo  
 Em planos sociaes  
 Que fazer devem Reino independente!  
 Hum artigo tão preciso realmente  
 Que he dos principaes  
 Não devia escapar-me! Sou amigo  
 Em fórma da Nação!  
 Eu bem sei que agora semeados  
 Os Pinheiros, não por nós são disfructados;  
 Mas se nós semeamos os Pinheiros  
 Mais felizes não serão nossos Herdeiros?

VIII.

Quem faz a casa nova  
 Planta Vinha, Larangeiras, Olival  
 Acaso faz estudo  
 De que ha de possuir isto morrendo?  
 Para filhos, descendentes foi fazendo  
 E quiz deixar-lhes tudo  
 Quando morte concludio dia fatal  
 Querendo só a cova!  
 E com tudo sendo disto instruido  
 Da empreza de = fazer = tem desistido?  
 Quanto mais vai cahindo na Velhice  
 O que faz, tanto segue a parvoice.

IX.

Façamos sempre o bem  
 Inda quando não possamos disfrutallo  
 Ou quando pela morte  
 Aos outros de bem util venha a ser!  
 Os louvores sim havemos merecer  
 Que dão a melhor sorte  
 A Heróes a quem a Gloria dá aballo  
 Se Almas boas tem!  
 Os Varões nomes tem porque fizeram  
 Heroismo não lhes vem do que tiverão!  
 Se fizerão sua Gloria eternizarão;  
 Se tiverão morre nome, bens deixarão!

X.

Eu vou advertir  
 Que madeiras nunca bem se virificão  
 Em só as semear  
 Ou plantar, sem fazer-lhes tratamentos.  
 Leis, e Ordens seguir devem os intentos  
 E modos de limpar  
 Os Pinheiros, quando muito ramificão  
 Por bem os dirigir  
 E porque grandes nós não tenham páos  
 Que os fazem nas madeiras serem máos  
 Os de Flandres, e os Bravos são melhores  
 E os manços crescem pouco, são peores.

N O T A.

„ Não temos arvore que em tão poucos annos seja util como o Pinheiro; nem talvez haja Provincia em que mais Pinheiros, se precizem, e se possam bem crear como a antiga Transagana. Pela 1. parte o Pinheiro em 30 annos dez vezes dá lenhas a seus donos em ramadouros que devem limpar-se-lhe; e no fim se acha que o Pão vale 1:200 a 1:600 réis. Os bravos, e de Flandres são os que mais utilisão os seus Semeadores com gosto, e brevidade de crescimentos. Que socorro da Providencia para huma Corte, e humia Provincia que necessita de lenhas, e de madeiras! Hum clima benigno, e creador de taes arvores, e hum terreno que em longa, e larga estenção, ao Sul do Têjo, poderia fornecer os Reinos visinhos de madeiras tudo he dezatendido, tudo desprezado; e nem a necessidade nos lembra as sementeiras de Pinhaes em tão largas, e immensas charnecas inuteis como ha desde Ponte de Soro até Cezimbra! Os Proprietarios desprezando estas terras parece que o Estado deveria fazellas uteis com Providencias relativas ao Sys-

tema que dicta a precisão, a despeza, e a vantagem da Nação! São tantas as charneças inuteis, a todo o Sul do Têjo, que não se duvida excedão à sementeira de seis mil moios de pinhão de Flandres, ou bravo; e suppondo que hum terço vinha a nascer, e a dar proveitos, tanto não posso calcular o seu valor no fim de 50 annas; como não sei expressar que soccorros, e utilidades faria este bem a Portugal! Vinte mil Erdades na Provincia tendo-cada humã 3 alqueires de Pinhal; que commodos; que venturas para as Povoações, e Sociedades! Para os Senhorios, e para os Lavradores!

ARTIGO XIX.

*Pastos artificiaes são precizos, e são uteis. Devem persuadir-se, determinar-se, e propagar-se. Sem estes padecem os Gados, e enfraquesce a Lavoura etc.*

I.

**O**s Pastos naturaes  
 Nunca chegão a recursos providentes  
 D'Invernos rigorozos  
 E dos annos, como este, tão exaustos!  
 Da memoria, entra este, no seus faustos  
 Dos mais calamitozos  
 Que de Pastos naturaes virão viventes;  
 Ser póde nossos Pais!  
 Serve anno de oito centos e mais trez  
 De exemplo; pelo mal que a tudo fez!  
 Lavradores porque Palhas não tiverão  
 De seus Bois ( que pezar! ) sedes fizerão!

## II.

Oh quanto melhor fôra,  
 Em hum Valle, cada huma das Erdades,  
 Ainda Barregãs;  
 Ter Vallada, semeada de Luzerno!  
 Colherião Fenos bons para Inverno  
 Pastagens que são sãs!  
 Ha Fenagem de tão boas qualidades  
 Que he soccorrodora!  
 Se a tivessem Lavradores; Bois e Vaccas  
 Não vendião a Marchantes para facas  
 Sendo donqs, e os Gados tão perdidos  
 Como Povos; e em mais de dois sentidos!

## III.

Perdendo o Estado  
 Estes Gados, e seus pobres Lavradores  
 C'os ricos só ficando  
 Monopolio o estraga! Está perdido!  
 O trabalho das Culturas he sustido  
 Per pobres; mais lavrando;  
 Porque ricos querem só creadores  
 De muito, muito Gado!  
 Pão, e Palhas, e mil outras Creações  
 Das pobrezaas são trabalhos, Producções!  
 Só de Gados; não subsiste Sociedade  
 Que quer Generos de toda a qualidade!

## IV.

He tanto inherente  
 A preguiça de lavar, de cultivar  
 A homens poderosos  
 Que por máos Monopolistas tem riqueza  
 Como he necessidade na Grandeza  
 Nos vãos, e orgulhosos!  
 E se vamos Alem-tejo examinar  
 Com vista indifferente  
 Acharemos as maiores Possessões  
 De pessoas que tem essas condições!  
 São incultas as que são de Ricos, Nobres;  
 Cultivadas, arrendando-se a pobres!

## V.

Deichemos o Criterio  
 Dos tyrannos Monopolios tolerados  
 Em graves prejuizos  
 E dos Pastos tão precisos fallaremos  
 Abundantes naturaes, nós não os temos  
 Nem temos os precisos  
 Para Bois, e o resto dos mais Gados  
 Em nosso vituperio!  
 No Estado actual dos poucos Bois  
 Como disse nos Artigos trez, e dois  
 Temos poucos Pastos, Palhas, nem verduras  
 Porque faltão geralmente Agriculturas!

VI.

Mais forças, e mais Gados  
 Empregados em Lavouras, certamente  
 Bem hãode produzir  
 A melhor abundancia de Forragens  
 Haverá, eu protesto, mais pastagens  
 Que Fenos vão suprir  
 Mas os Pastos nunca são sobrecellente  
 A tempos desordenados  
 Logo máo he systema primitivo  
 E o meu vem a ser opozitivo  
 Senão bastão os bons Pastos naturaes  
 Carecemos dos que são artificiaes.

VII.

He sim a precizão  
 Muito certa das Fenagens d'artificio:  
 As suas abundancias  
 Nunca podem, Bem commum, prejudicar  
 As farturas fazem Gados trabalhar  
 Melhor tendo subsistencias!  
 Soffrem Bois da Lavoura o exercicio  
 Penozo sem paixão  
 Se na paz sóbrão Pastos; póde haver  
 O máo anno; em que mais se queirão ter:  
 Se vem Guerra; quando ha sobrecellentes  
 São as Ordens, sem vexames mais coherentes.

VIII.

Ha duas só maneiras  
 De Fenagens recolher, e produzir  
 No nosso Alem-tejo  
 Porem ambas só de Pastos naturaes  
 Na Provincia são os Pastos; que ha de mais;  
 E lá por Beira-Tejo  
 Azevem: não ha mais que referir!  
 São estas as primeiras  
 Que attendem muito poucos Lavradores  
 Por dar largas a seus Gados, e Pastores  
 E por não dispenderem em seifar  
 Esses Pastos, que vem tanto a precizar!

IX.

São Fenos cazuais  
 Aos tempos bons, e máos sempre sugeitos  
 E cujas sementeiras  
 São as obras da benigna Providencia!  
 Nada devem á Cultura, e diligencia  
 Trabalhos, ou cãceiras  
 Desse motu creator são só effeitos  
 Das terras naturaes  
 Os que tem as raizes permanentes  
 Mais abundão, que os vindos das sementes  
 Estas são a Arpista, o Escalracho  
 Duas Barbas, e a Grama lá debaixo.

## X.

São ervās duradouras  
 A luzerna, os trefollios, outras mais  
 Que França Inglaterra  
 Nos indicão, e que muitos conhecemos.  
 Da primeira semeada alguma temos  
 Em má, e qualquer terra.  
 As raizes que ella lança, sim, são taes  
 E tão penetraduras  
 Que de sete palmos, mais, tenho achado  
 Nos pés della que eu tenho observado  
 Doze annos conservada eu a vi  
 E ruina nunca nella conheci.

## XI.

Tres vezes de verão  
 A luzerna de dois palmos se seifava:  
 Os gados a comião  
 Muito bem; sem fastio, estranheza.  
 Só achei que tem muita fortaleza:  
 Os Bois não esmoião  
 Bem o pasto, se hum delle se fartava  
 Com gosto ambição.  
 Este feno, eu o julgo importante  
 Para gado de trabalho sustentante  
 Huma vez he na vida semeado  
 E tres vezes cada anno he cortado!

## XII.

Sem serem Estrangeiros  
 Muitos fenos na Provincia bons temos  
 Que sendo naturaes  
 Pódem ser a proveitos promovidos  
 Lavradores sendo disto advertidos  
 Os pódem fazer taes  
 Que estranhos nunca nós necessitemos  
 Chamando-lhes primeiros.  
 Ha mil ervas que nas terras são duraveis;  
 Porque tem as raizes sempre estaveis.  
 Se as deixão ; não precisão sementeas,  
 Cada anno, para serem renovadas!

## XIII.

Tal he o escalraxo  
 Que em Evora lhe chamão = Touticeira =  
 E cresce qual centeio  
 E se tem nos seus coutos por má erva  
 Similhantes muitos ha, e ha caterva  
 Que já eu não nomeio  
 Mas só digo que em Béja, em Ferreira  
 (Em todo o sitio baixo)  
 Ha arpista que raizes tem duraveis  
 E dão fenos que ser devem estimaveis  
 Cuba, Serpa, e Bringel com Alfundão  
 Mecejana disto tem, em profusão.

## XIV.

Os trevos muitos são  
 Porém são aborrecidos, desprezados  
 Fenagens boas crião  
 Porque ramão nos estrumes bellamente  
 Se guardassem, curiosos, a semente  
 Os fenos bons terião  
 Que precisão Lavradores, e seus gados  
 Guardados no Verão.  
 Serradella, Sizirão, e Ervilhacas  
 São Fenagens a Bois boas, Egoas Vaccas  
 Todo o caso he a taes dar-lhes culturas  
 Separadas, para ter muitas farturas.

## XV.

Nós temos o palanco  
 Que faz fenos, e que palhas faz tambem!  
 He erva mui sadia  
 Brota filhos, e folhagens excellentes  
 Desprezamos tambem deste as sementes  
 Acaso só se cria  
 Nos favaes, nas seáras muito bem;  
 E ha o preto, e branco.  
 Pallanquilhos ha diversos que bem ramão  
 E a todos geralmente erva chamão  
 Porque falta em Portugal Nomenclatura  
 Positiva a ervagens, e cultura!

XVI.

O bello Azevem  
 Que hum joio nos parece mal creado  
 Tambem o feno cria  
 E por palha se nos vende muitas vezes  
 Não semeião esta erva Portuguezes  
 O que facil seria  
 Pelo tempo, e Natureza he tratado  
 Mas serve a quem o tem  
 He defeito de inercia, ignorancia  
 Desprezar as sementes d'abundancia  
 Só cuidar do commum, e trivial  
 He defeito de Cultura em Portugal!

XVII.

Despreza innovações  
 A Nação, como uteis já mostradas  
 Não quer ver mudanças  
 De systemas, de lavouras, de culturas  
 Segue só essas más agriculturas  
 Das Velhas más usanças  
 São as terras por costumes só lavradas  
 Sem arte, observações.  
 Os costumes que herdarão dos Romanos  
 Se estimão (tendo mais de dois mil annos)  
 Que Virgilio apontou, e collumella  
 Sem mudar-lhes a pequena bagatella!

## XVIII.

Desprezão seu Paiz,  
 Lavradores, tanto tanto providente  
 De tal graduação  
 Que capaz de crear he o preciso!  
 Todos tem o Serraceno prejuizo  
 Opposto á invenção!  
 Natureza, e não arte, he sómente  
 Seu norte infeliz  
 Prejuizos que se mostram bem provados  
 Nos desprezos dos prolificos montados  
 Arvoredos, creações, agriculturas  
 Porém não nos enteites das figuras!

## NOTA.

„ Acha-se estabelecido, e dissimulado o Systema de disfructar as terras da Provincia com creações de gados. Nestas se séva, e mantem o monopolio mais cruel, e mais activo contra as produções de generos de primeiras necessidades; porque os traficantes Creadores exhibem os seus lucros sem pensões de lavouras, e sem despezas continuas, e incertas para os recebimentos; que os tempos irregulares fazem contingentes. Em sentido particular elles advogão, e defendem bem a sua Causa; mas o Público geme debaixo da precisão, e da necessidade de todos os fructos, e produções que não são lãs, carnes, e suas inherentes. A Lei sabia do Sr. D. Jozé bem mostrou querer obviar a este universal prejuizo quando mandava levantar os monres, estabelecer Lavradores, conservar asres, e semear as folhas respectivas a cada Erdade. Não se dirigia activamente contra os Monopolistas Creadores; mas pela passiva impedia os progressos da traficancia, que bem conhécia, e abominava. Numerosos rebanhos se pastoreião pelas larguissimas Erdades de Alem-

têjo, que cahindo nas mãos destes endinheirados, vem a produzir as suas inculturas para com larguezas, libertarem os gados, e conservarem os Pastores, &c. que nestes trabalhos ganhão menores Soldadas. E como as rendas lhes fião commodas pelos adiantados empréstimos feitos aos Senhores, com os pastos preñchem os seus esperados interesses livrando-se de confidencias em manejos de lavouras, e de occasiões de extravios que não tem os gados, &c. A exemplos de rães monopolios, seguem os Lavradores hum quasi igual Systema de crear gados, e de lavrar pouquissimo, salvo em algumas Erdades cujas folhas se devem lavrar nos annos de suas alternativas; o que não obstante diminuem em partes as mesmas folhas por dilatar aquellas que disfructão de pastagens.

Do monopolio de Erdades seguem-se todas as perniciosas consequencias da incultura, sem que o util das creações nos prove a sua economica bondade como affirmão os desembolsos que a Nação faz em compras de gados estranhos para comer, e sustentar o vão enthusiasmo das carnes que acreditão unico bom alimento. Do exemplo tomado pelos Lavradores se seguem muitos prejuizos, e a elles poucas vantagens. Querendo crear todas as qualidades de gados, arruinão huns os pastos de outros; e todos as pastagens precisas aos Bois. Então elles são bem menores; elles são fracos; e não pôdem com os trabalhos que as terras precisão! Poucos pastos, muitos gados, demorão as lavouras dos alqueves; porque precisas essas ervas, que os prados devem cobrir; e os trabalhos que se deverião fazer em Janeiro, e Fevereiro perdida a occasião; são feitos em Março, e Abril. Devião essas terras ser atalhadas; e não o são, porque não cabe nos tempos. Mal preparadas, e dispostas são semeadas á pressa em Outono, e Inverno; por falta dos bois, e homens competentes (Art.º 2.º) As produções correspondem ás lavouras, e preparatorios disponentes: e quando os Expositores Estrangeiros recommendão de 3 até 7 lavouras antecedentes ás sementeiras dos trigos; nós vemos que com huma só do simples alqueve; he elle semeado. Preguiça, e falta de poderes relativos, com indulgencia plenaria, são as causas de tantos desbarates em Agriculturas de Alem-têjo, e são principios originarios das escassas colheitas, que motivão tantos desembolsos!

Todos estes e muitos outros monopolios igualmente privão a Sociedade e os Lavradores de recolherem as fensgens naturaes que tanto necessitão para susientar seus gados nos invernos rigorosos; e assim mesmo tal enthusiasmo repulsa a dispor os pastos artificiaes, que muito se devem detreminar por Ordens, e que se devem propagar por Leis vista a precisião delles; e que nada incommodão os Lavradores; pois não ha hum só que não possa emparar certa porção de seu terreno em produzir aquellas fertilidades que vem a ser indispensaveis a elles; e por consequencia a todos; pois que se o Lavrador tem muitos fenos; elle pode vender Palhas aos que as precizão porque não as fabricão. Eis-aqui hum bem commum de que todos participão, &c. Remedios 1.<sup>o</sup> cada Erdade com Lavradores: 2.<sup>o</sup> cada Lavrador lavre as folhás: 3.<sup>o</sup> igualmente cada hum dos ditos tenha vallada para pastos, fenos, ou naturaes, ou artificiaes. Determinadõ assim nada mais se attenda.

## ARTIGO XX.

*Estradas e Pontes arruinadas são origens de imensos obstaculos á circulaçãõ dos Commercios de exportaçãõ, e importaçãõ: rebatem as vantagens que podia ter a milhor Provincia; e difficultão as fertildades, e commodos da Corte, pelos Generos de que necessita etc. etc.*

## I.

**J**A' disse das Estradas  
 Que são más, fazem ser dispendiozos  
 E caros sumamente  
 Os transportes de mil Generos precizos  
 De passagem mostrei certos prejuizos;  
 Mas justo he intente  
 Mostrar quanto são, Caminhos escabrosos,  
 E Pontes precízadas,  
 Os Descreditos, talvez, desta Nação  
 Da Provincia, da Corte, a perdição.  
 Alem-tejo come caro o que precisa  
 E a Corte nunca bem se fertiliza.

## II.

De Elvas a Lisboa  
 Ha Estrada da Europa, e Continente  
 De Cortes, de Estados  
 De Imperies, de Reinos respeitaveis  
 Tem pedaços tal Caminho admiraveis  
 Por mui arruinados  
 (E que não Estrangeiros summamente  
 Com fraze pouco boa!)  
 São por isto as jornadas mais extensas  
 As despezas, e desgraças são immensas  
 Seges quebrão, e as bestas se arruinão  
 Taes successos pagamentos detreminão!

## III.

Immensos são lameiros  
 Os pedaços de Calçadas desmanchadas!  
 Barrancos, cortaduras  
 Se encontrão, a milhares, nas viagens!  
 Taes encontros difficultão as passagens  
 As fazem mal seguras!  
 Se ha Pontes; antes dellas avistadas  
 Ha mil despenhadeiros  
 Das Estradas como são aqui descriptas  
 São rodeios, e as voltas infinitas  
 Tendo tantas curvaturas lateraes  
 Como são igualmente Horizontaes!

## IV.

Por tantas curvaturas  
 Se trepidação de taes legoas os passos  
 De sorte, de maneira  
 Que dez leguas vinte horas levão bem!  
 Nem cem passos, linha recta Estrada tem  
 Da Costa á Fronteira  
 Nem se segue rumo certo dois espaços  
 Nos bachos, nas alturas  
 Quem souber, Elvas fica a Lés-sueste  
 Vezes mil volta a Sul, Nordeste, Leste  
 De maneira que de noute se perdendo  
 Viajante, só tranzita amanhecendo!

## V.

Immensas são Ribeiras  
 Os regatos, e riachos infinitos  
 Que nesta só Estrada  
 Não tem Pontes; precipicios tem feito  
 Nos Invernos tem Estrada tal defeito,  
 Por tão arruinada,  
 Que os pobres Passageiros vão afflictos  
 A pé por passadeiras,  
 Se as ha, por livrar-se dos perigos  
 Das enchentes, dos barrancos inimigos.  
 São dalli viajantes escapados  
 Em occultos sorvedouros são crayados!

VI.

D'Inverno assim succede  
 Nas Estradas d'Alem-tejo, com ribeiras  
 Penozos lamassais  
 Com ladeiras que a todos atormentão  
 No Verão as penções se acrescentão  
 (Perigos não ha mais)  
 Com as pedras insoffríveis, com poeiras  
 Com quaes vista s'impede  
 Com as calmas, com as sedes, afflicções  
 Porque dobrão, dos Caminhos contorções  
 Em Negocios tudo isto he activo  
 E a Generos, e preços relativo.

VII.

Rodeios, más passagens  
 Os lameiros, pnedias, e ladeiras  
 Barrancos, e sorradas  
 Fazem tempo de transportes consumir  
 Os seus fretes vem mais caros a sahir  
 Os Carros quebrão rodas  
 E os Bois tem molestias, tem canceiras  
 Por falta de pastagens  
 Dez, ou doze dias andão carregados  
 Por Caminhos dos que ficão relatados!  
 Bem podião dias trez, quatro, poupar  
 Se Estradas lhês fizessem bem andar.

VIII.

Conduz-se menos Pão  
 Menos Generos assim são transportados  
 Dispendem-se os dias  
 Em lutar com Estradas, com perigos  
 Com Invernos de transportes inimigos!  
 Bois Bestas tem valias  
 Porque são todo o anno occupados  
 No giro, e condução  
 Muitos homens nisso tem occupaçoẽs  
 Das culturas mil faltando ás funcçoẽs;  
 Mas se rectas as Estradas podem ser  
 E melhores, Bem geral havia haver

IX.

Se d'Evora a Lisboa  
 Seis vintens, por alqueire, de despeza  
 Por frete faz o trigo,  
 Terça menos se podia lá levar  
 Se Caminhos fossem bons de tranzitar;  
 E rectos como digo!  
 Conductores haveria com franqueza  
 Achando Estrada boa  
 Menos dias nos trãsportes se gastavão  
 E findando, nas culturas trabalhavão  
 Erão trigos em Lisboa mais baratos  
 E os fretes dos retornos mais pacatos!

X.

Os homens nos chegavão ,  
 E os Bois , para ter agriculturas  
 Maiores do que temos  
 E trabalhos muito uteis certamente  
 Nos transportes se occupa muita gente  
 E mais ainda vemos  
 Empregados , das carretas nas facturas  
 Que menos se occupavão  
 Tinhaõ rodas maior sua duração  
 Azinheiros , e Sobreiros producção  
 Com mais forças ião bois aos arados  
 Se não fossem nos caminhos estafados!

XI.

Pois logo , porque não  
 Deveremos ao Publico dizer  
 Os certos prejuizos  
 Que lhe fazem augmentar suas despezas  
 As verdades , que são uteis , são defezas  
 A quem fórma juizos?  
 Será crime estes calculos fazer  
 Por util cbservação?  
 Será culpa as dezordens accuzar  
 Dando meios de as bem remediar?  
 Não se formão na Europa Academias  
 Para dellas exhibir Economias?

XII.

Bem vejo me dirão:  
 Tu não foste sobre isto consultado;  
 E sobre o que dizes  
 Os conselhos não te pede a Sociedade!  
 Mas eu vejo precisão, necessidade  
 De tantos infelizes  
 Que por habeis arbitristas tem chamado  
 Mas chamão-nos em vão!  
 Supponhamos que eu sou reprehendido  
 De hum Povo que he mal advertido  
 Poderei do que digo arrepende-me?  
 Esse Povo poderá bem offender-me?

XIII.

Nasci na Sociedade,  
 Membro della eu me fiz por diligencia  
 De minha applicação  
 Ou de minha efficaz melancolia  
 Supponhamos que em mim era mania  
 Ter tal observação;  
 E que mesmo escrever era demencia  
 Ou louca vaidade:  
 O que serve (eu respondo) he o que digo  
 Se servir, e não ser do Povo amigo  
 Sem dizer-lhe o que he util realmente!  
 Neste cazo tenho Povo indulgente.

XIV.

Eu vou a declarar  
 Os remedios das Estradas, e das Pontes  
 Precizas na verdade  
 Por arbitrios, os menos onerosos.  
 Os dinheiros sempre forão trabalhosos  
 Na Villa, na Cidade  
 Para Pontes, e Calçadas, para Fontes  
 Sem Povo se fintar!  
 Se se mostra que os Povos interessão  
 Nestas obras, he bem justo se lhes pessão  
 Pois aquelle que der seis, oito tostões  
 Os recbe quando compra provizões.

XV.

Nos modos de fintar  
 Só consiste a geral satisfação  
 Das publicas despezas  
 Té, talvez, de desembolços voluntarios!  
 Os arbitrios não são bons quando são vários;  
 Vontades são defezas;  
 Ninguém deve ter nas fintas oppressão  
 Nem deve se queixar  
 Como heide arbitrar com igualdade  
 Se feliz vou fazer a Sociedade?  
 Hum arbitrio de razão eu vou fazer  
 Sem talvez arrepende-me de o dizer!

XVI.

A Villa , ou Cidade  
 Que tem Coutos em que ha muitas Fazendas  
 E chamão-se — Vedados —  
 As Estradas fazer póde relativas  
 Pelas rendas que são hoje excessivas  
 Dos Dizimos cobrados  
 De que uzão mal Senhores de Prebendas  
 Em quanto á Caridade  
 Esses Bens que possuem Frades Freiras  
 São do Publico heranças verdadeiras  
 Se não vejão se morrendo Freira Frade  
 Que legitimo herdeiro mostrar se hade

XVII.

De dez do que recebem  
 Pelos Dizimos, e rendas annuaes  
 Fintado hum lhes seja  
 Para Obras que a elles interessa  
 Se não dão, justo he que se lhes pessa  
 Por Lei da mesma Igreja  
 Se os pobres para elles não são taes  
 Esmolas não percebem  
 Sejão estas assim dadas á Nação  
 Que tem dellas, a bem seu, a precizão  
 Cada vinculo tambem seja fintado  
 Visto ser a bem commum só conservado !

## XVIII.

Assim os Lavradores  
 Assim mesmo pagar devem os artistas  
 E mais officiaes  
 Os Tendeiros, e formaes Negociantes  
 Também paguem seus vintaes os Viajantes  
 Que poupão nisto mais  
 As caléças, Bestas, Carros tenham listas  
 Assim trabalhadores  
 Cada hum pague finta em propoção  
 Do bom commodo que tem expedição  
 Que se paga dez, ou doze em hum anno,  
 Vinte trinta utiliza, evita o damno!

## XIX.

Se tudo concorrer  
 Com as Fintas igualmente em propoção  
 A todos relativas  
 E despezas forem bem administradas  
 Nós teremos bons Caminhos, e Estradas  
 Sem multas excessivas  
 Pontes, Fontes tem com ellas relação  
 E podem-se fazer  
 Poucos annos durarão as Fintas taes  
 Que ser podem applicadas a Canaes  
 Ametade dessa Finta subsistir  
 Deverá para nada decahir.

## LXX.

Conforme os planos dados  
 A pagar vem taes obras bens communs  
 Quaes são os da Igreja  
 Por mercês, ou por graças concedidos.  
 Mas os Povos tambem são nisto incluídos  
 Até que obra seja  
 Consummada. Estou vendo se alguns  
 Me restão regeitados  
 Ou se herdo pela multa a Comenda  
 Beneficio, Capella, ou Prebenda!  
 Se as Decimas tem taes applicações  
 Sempre Posses hãode ter mil pertençações!

## XXI.

Os Dizimos não são  
 Parcas Congruas dos membros da Igreja,  
 Sem fausto, sem grandeza  
 Sem orgulhos, ambições, e vaidades?  
 E as sobras, são esmolas, Caridades  
 Só dadas á pobreza?  
 E ha pobre que em Direitos não esteja  
 Da sua fruição?  
 Não recebem porque seus recebedores  
 Não attendem das pobrezaes os clamores  
 A lei manda; mas a lei he illudida  
 Logo venha a esmola assim pedida.

## XXII.

Se Sobras são dos pobres  
 E dos pobres e dos ricos são Estradas  
 De todos quantos tem  
 Que girar, ou comprar as proviões:  
 São injustas Fintas taes, Contribuições  
 Que fazem commum bem?  
 Em Direitos devem ser ellas tiradas  
 Por calculos mui dobres  
 Quem esmolas tem em si absorvido  
 Justo he ser assim advertido  
 E he obra de Direitos sapiencias  
 Descarregar tão injustas consciencias!

## XXIII.

A todos parabem  
 Essas Fintas com razão sejam tiradas  
 Que todos utilizão  
 Sendo breves as viagens, os transportes!  
 Menos caros d'encomendas serão portes  
 Que hoje penalizão  
 Se mais rectas, e perfeitas são Estradas  
 Na fórma que convem  
 Não he mais utilizada a pobreza  
 Do que he em mil couzas a grandeza  
 Pobre come bacalhão, a carne o pão  
 E o rico de especies hum milhão.

XXIV.

Fazer só as Estradas  
 Pelo plano não he mui difficultoso  
 E util obra era  
 Porem isto não he, só, commodidade  
 Nas Estradas só, não tem Sociedade  
 Vantagens quaes quizera.  
 O Caminho que he bom, não deleitoso  
 Só serve ás jornadas!  
 Mas aquelle que tem boas quartelagens  
 He bem util aos tranzitos, viagens  
 Satisfaz na ribeira ponte achar  
 Como caza para bem se descansar!

XXV.

A quem obra talhar  
 E Estradas e Caminhos dirigir  
 Lembrar eu devo tudo  
 O preciso a fazer obra completa  
 Julgar deve pela boa razão recta  
 Cuidado ter, estudo  
 Para critico, em tudo reflectir  
 Que commodo vai dar  
 Estalagens deve haver em proporções  
 Obrigadas a precisas proviões  
 Tudo terem para dar a passageiros  
 Que só levão nas viagens os dinheiros!

XXVI.

As rondas de Soldados  
 Nas Estradas, erão uteis, se possiveis  
 O Publico servião  
 Deste modo, como d'outro em viva guerra  
 Destacados vinte trinta em cada terra  
 As rondas se farião  
 A ladrões, malfeitores tão temiveis  
 E tanto descarados!  
 Estou certo a Soldados viajantes  
 Lhes darião as esmolas importantes  
 Para vinhos, para pós, para comer  
 E trabalhos não havião aborrecer.

XXVII.

A Tropa assim dispersa  
 Por mais vistas era util a Estado  
 A Rei, a seu serviço  
 Dos Negocios, ao prompto expediente  
 Erão ordens manejasdas de repente  
 Com Postas para isso.  
 Ministerio era assim mais respeitado  
 Policia diversa!  
 Mais baratos ser havião mantimentos  
 De Cavallos para os quatro Regimentos  
 Até erão os dinheiros repartidos  
 Pelas terras que tivessem taes partidos!!

## XXVIII.

Cultores animavão  
 Pelas compras do que elles produzião  
 Até as Lavadeiras  
 Os vinta é; ganharião certamente!  
 Os Soldados servirião muita gente  
 Por pagas mui ligeiras  
 Por comeres tão somente bem servião  
 E soldos seus poupavão!  
 Erão Tropas satisfeitas com razão  
 Se poupavão o seu soldo, e o seu pão  
 Capitão seu partido governando  
 Para chefe se hiria habilitando!

## NOTA.

Ninguém duvidará que Alem-tejo carece de Policiás sobre tudo, e mais ainda a respeito de Estradas, Pontes, Fontes. Igualmente não duvida que he a Provincia mais circulada pelos Negociantes que dão provimentos de Generos Comestiveis a huma Capital, e Reino precizados das Produccões de hum terreno tão fertil, e abundante. As diligencias são dispendiosas pelos mãos tranzitos: os Generos hão de conduzir-se por mãos, e longos Caminhos, cujos rodeios os fazem maiores; e quem hade obstar a que todas as despezas, e fretes dos agentes, e dos Fructos devem carregar sobre os preços dos mesmos? Huma carga de Azeite seria levada a Lisboa por metade do frete que hoje se paga quando os Caminhos, e Estradas permitissem a brevidade do transporte. Assim tudo; e assim se fazem caros os Generos reconduzidos de Lisboa para fornecimentos das lojas da Provincia, e recursos das Populações. Nenhum Paiz, Reino, ou Estado he mais commodo a seus Vassallos do que aquelle que vigia e provê sobre as suas vantagens. Tambem, entre ou-

tras, são as Estradas, os Caminhos, as Pontes, as Fontes, e os Canaes. Tudo tende ao facil giro do Commercio, e aos promptos soccorros das Cidades, e Villas precisadas dos Generos que outras produzem. Enlançamento, e dependencia utilissima, e providente que o Author do Universo bem advertio, e melhor permitio para que nenhuns Povos se constituissem soberbos, orgulhosos, e independentes daquelles que lhes ministrão o que forçosamente appetecem como novo, estranho, e difficil; que tanto basta para dezejado, e para dispor o Commercio, e communicação mutua. Certo he que os Caminhos, e Estradas perigozas, difficeis, e arriscadas não são boas, não são commodas; e por si somente impoem hum inadvertido, e universal tributo, que não só pagão os Viajantes, os Comerciantes, e os Transportadores; porem, sim, mais, e maior se considera nos Vendedores e Compradores dos Generos, que mutuamente girão da Provincia para a Capital, e desta para aquella. He maior este Onus, e desembolso do que o das Decimas, Cabeções, e Maneios juntos! Estes são annuaes, certos, e regulados relativamente; mas aquelles são diarios, certos, e indispensaveis em tudo que se compra, se recebe como Presentes, e se necessita. Dispensome de formar sobre taes excessos hum calculo por não parecer encaessido: deicho esta contemplação aos ineligentes Economicos; e como hoje o são muitos por precizão, protesto hão de no ponto reflectir, para me desculpar hum Artigo que parece novo, fallando das cauzas decadentes de Alem-tejo, e do Reino.

No estado da Paz eu não duvido que por costume se fassa insensivel huma Contribuição tão oneroza; porem no da Guerra (para que sempre devemos estar prevenidos) ah! e quam custozos são os transportes das Provizões que instantaneamente se precizão, e se devem mover sem demoras, nẽm obstaculos? Não conhece os impedimentos, as demoras, as difficuldades, e despezas exuberantes, quem não tem observado taes tranzitos, e taes delongas dispendiozas, e oppressivas. Eu só o sei por ter tudo observado. Tenho visto as violencias pelos embargos intempestivos de Carruagens, Bois, Bestas; e os máos successos de muitas que quebrando-se nos máos Caminhos prejudicão seus donos,

e o Estado, que nunca he servido a tempos proprios, nem sem clamores dos pobres sobre quem recahe sempre o maior pezo do serviço e dos mãos successos pelas fraquezas de seus transportes &c. &c.

Nem mesmo eu podia deichar de capitular o artigo das Estradas, e Pontes, como huma cauza decadente, e ruinoza pelo expellido, nesta nota; nem até quando me propuz encaminhar as vantagens superiores que pôdem fazer huma Provincia, tão extensa, a mais util, e productiva de Portugal. Aquellas commodidades que são analogas ao caracter que deve ter este bello terreno, me parecerão respeitozas para a reforma intentada. A mesma belleza do Paiz mais circulado, e observado dos Estrangeiros me incumbio a obrigação de accuzar os defeitos de suas Estradas, e de lembrar que lhes faltão Pontes, tão essencialmente precisas.

Os arbitrios tocados (Dec. 16, 17, 18) sim hão de parecer onerosos áquelles desfrutantes cujo zelo, e amantismo patrio não excedem as suas commodidade, os seus maiores recebimentos, que por consideraveis nunca deichaõ sassiar os seus desejos. Elles com tudo são dicrados por hum Direito são, e por huma Filosofia natural que não soffre objecções, nem dovidas. Taes bens como são os Dizimos de quaesquer naturezas, tem por principios de suas legitimidades, as suas justissimas applicações. Se fossem verificadas, ninguém duvidaria, que a suas maiores partes tem direitos Sagrados, a urgencia, e necessidades Publicas! O Estado não pôde dispençar o beneficio que lhe compete; e quando não applicado a esmolas particulares; pôde bem ser deduzido ao bem commum, que a todos chega, a todos utiliza, e a todos convem. Sappomos que a todos os possuidores (de má fé) amarga a multa: pergunto: quanto lhes cusarãõ esses rendimentos que em lugar de serem dez, vem a ser nove pela precizissima urgencia do Estado, e do bem Publico? Haverá mais obrigação de dar-lhes dez, do que ha de tirar-lhes hum? Reconheçaõ todos, que nenhum tem por Direito accesso a este desfructo; e que se a Graça e mercê lhes permitem algum rendimento todo he favor e esmola, tão grande como aquella que se dá quando se faculta o lugar de hum Frade Monachal, ou Eremita &c. Entãõ quem dá pô,

de dar o que quer, e não o que a ambição sedenta perren-  
da. Por todos os principios, são os bens Dizimaes, e das  
Ordens, Bens Públicos. Elles devem ser applicados a be-  
neficios da Sociedade que os deichou, e eregio como obra  
pia: a applicação prezente mais o he: Baste.

Verba adverbium, quod dicitur, e non est quod continet  
in se Governmentum per seipsum non dicitur, etc.

I.

Com estes vinte Plazos  
En com estas partes vinte accusados  
A Oira acobardar  
Que agora vos presento meus leitores  
Farei outra que pertença a lavadores  
Na qual eu mostrarrei  
A caridade que tem todos de instructos,  
De antes, deapoyados  
Provarci quando Oira tal livro  
Que lavores se se faz como se quer  
E dizeim lavadores mais de sem  
O mandado que se faz, que não convem!

## ARTIGO XXI.

*Varias advertencias, criterios, e notas que concluindo a Obra podem ser utilissimas ao Estado, &c.*

## I.

Com estes vinte Planos  
 Ou com estas mais de vinte accusações  
 A Obra acabarei  
 Que agora vos presento meus Leitores  
 Farei outra que pertença a Lavradores  
 Na qual eu mostrarei  
 A carencia que tem todos de instrucções;  
 De artes; desenganos  
 Provarei quando Obra tal fizer  
 Que lavoura só se faz como se quer  
 E querem Lavradores mais de cem  
 O manejo que ha peor; que não conyem!

II.

Que lavrão muito mal os lavradores  
 De alqueves, de atalhos, sementeiras  
 Conhecem mal arados  
 Que melhor suas terras lavrar não  
 Que nem elles, vivem os mestres razão dão  
 Dos mais apropriados  
 A lavrarem, pôr medidas verdadeiras!  
 (Inercia tão fatal!)  
 O que perde suas terras, eu direi  
 E os Diques, como bons, eu lembrarei  
 Direi como fazer devem estagnações  
 Que lhes hão de pagar bem com produções

III.

Direi..... mas que direi  
 Nessa Obra que prometto, e vou fazer?  
 Direi d'agriculturas  
 Os systemas que produz combinação;  
 De leituras; com fiel observação  
 D'idéas mais seguras  
 Para que se verifique o poder  
 Das lavouras; porque sei  
 Que nenhuma tem as forças que precisa  
 Sem tocar de monopolio a baliza  
 Mostrarei que o Systema Social  
 Não tem forças que a terra seja igual!

## IV.

A todos faltão Bois  
 E a arte de saber agricultural  
 E zelo não o tem  
 De fazer serem terras productivas  
 Faltão modos de supprir as forças vivas  
 E tudo o que convem  
 Perdem Pão, Carne, Gado, a debulhar  
 (Que faltão bem depois!)  
 Também faltão, para gados, tratamentos  
 Que os fação não morrer, e ter augmentos  
 Os que usão em commum os Creadores  
 São dos males, e das mortes causadores!

## V.

Da boa agricultura,  
 Finalmente, infinitos são defeitos;  
 E tanto lastimaveis  
 Aos Corpos Sociaes, Estado, Igreja!  
 Pena he que o Publico não veja  
 Respeitos incontaveis  
 Que produz agricultura, seus effeitos  
 Riqueza, e fartura!  
 Das Sciencias, e das Artes Liberaes  
 Nem vem tantos, nem são tão essenciaes  
 As Sciencias puramente abstratas  
 Fazem generos, e cousas mais baratas!

## VI.

A vãa astrologia  
 Que podia só dez homens occupar  
 Porque tantos embebe  
 Sem que faça exceder as conjecturas?  
 Rotações, meia duzia são seguras:  
 Discipulo as bebe  
 Se primeiros rudimentos estudar  
 Com força, energia!  
 Depois mestre repetir pôde saber  
 O sabido, estudado, e o que ler  
 Mas as portas das esferas estrelladas  
 São a Mestres, e Discipulos fechadas!

## VII.

Assim vemos que são  
 Outras muitas das Sciencias, Faculdades  
 Quiméricas em tudo  
 Porque nunca real bem, util produzem  
 A preguiça, e orgulhos só induzem  
 Seguindo tal estudo  
 Egoismos, de comer, commodidades  
 He sua producção!  
 Era justo evitar taes prejuizos  
 Serem Reinos simplesmente paraizos  
 Haver arvores do bem, e mais do mal  
 Huma só em cada Reino; em Portugal!

## VIII.

O Povo seja Adão  
 A quem sejam os bons Pomos prohibidos  
 Porque na ignorancia  
 Do bem, mais do mal, certos fiquemos  
 Que a Deos, e Creador nunca veremos  
 Com ira, arrogancia!  
 Nem seremos do Senhor reprehendidos  
 Por nossa tentação!  
 Ha Sciencias, que são Pomos realmente  
 Que não quer os coma Homem, Omnipotente  
 E se Homem os comer, e engulir  
 Bem, e mal logo ha de descobrir!

## IX.

Então não empatemos  
 Os discursos em Sciencias imprestaveis  
 Das quaes nunca se tirão  
 Consequencias de hum bem universal:  
 Se dos homens he a falta tão geral  
 Lavouras se prefirão  
 A estudos de Sciencias insondaveis  
 Das quaes nada colhemos!  
 A principios se reduza agricultura  
 Tenha mestres, como tem architectura  
 Em lugar de pintarem Edificios  
 Planifiquem das culturas exercicios!

## X.

Não devo mais dizer  
 Das Abelhas siga Reino imitação  
 De rantas qualidades  
 Que até os Zangãos matão ociosos!  
 Não os querem, gordos, medios, ciosos  
 Nas cortiças Cidades  
 Ora sirva esta só comparação  
 Do ocio, do comer  
 Demonstramos que no Reino não convem  
 O que serve a si só, a mais ninguem!  
 Ha mil Homens aos Zangãos comparados  
 Que devião das colmeias ser lançados!

## XI.

Não sejam as penções  
 Do Estado, os trabalhos, as fadigas  
 Disvellos, e defensas  
 Carregados, dos Vassallos em metade!  
 Não he justo, outra ter ociosidade  
 Venturas ter immensas  
 Promovendo as quiméricas intrigas  
 Debates, e questões  
 Nada perdem em saber o que convem  
 Em fazer á Sociedade, o real bem!  
 Sejam mais os Artistas Lavradores  
 Sejam menos, os quimericos Doutores!

XII.

Eu vejo Reino pobre  
 De dinheiros, e de generos, do Pão;  
 Mas como ha de ser  
 Se compramos tudo aquillo que devemos  
 Cultivar, e produzir; e que perdemos  
 Depois de o haver?  
 Sei não tem neste tempo estimação  
 Aquelle que descobre  
 As verdades importantes a Estado  
 Inda sendo sobre ellas consultado  
 E que deve neste caso a prudencia  
 Declarallas; mas com certa Sapiencia!

XIII.

Eu certo morrerei  
 Sem desgosto, porque Plano meu não vejo  
 O Povo utilizar  
 E sem pena de fallar, de escrever!  
 Patriota satisfiz o meu Dever  
 Sem Patria lezar!  
 Intentei fazer bom o Alem-téjo  
 Os Planos bons formei!  
 Passei vida só fazendo sacrificios  
 Com trabalhos, e custosos exercicios  
 As resultas cá me ficão estampadas  
 Como purgas deste Reino receitadas!

XIV.

O ouro acabado  
 Ou em fim apparecer difficuloso  
 Os Povos enfraquecem  
 E não pódem, não, pagar o que precisão!  
 As pobresas com o ouro penalisão  
 E todos esmorecem  
 Porque Reino já não he feliz, dictoso,  
 He muito desgraçado  
 Vê-se Povo tudo tudo precisar  
 Do que póde produzir, e bem crear  
 Os dinheiros a Nação vai exhibindo  
 O negocio, monopolio subsistindo!

XV.

Não fiz adulação  
 A Verdade Santa, pura mascarando  
 Nem tive o fanatismo  
 De fingir contra ella approvações!  
 Escrevi sem orgulhos, pertençações  
 Sem ver o egoismo  
 Que a tantos vejo só, vai dominando  
 Com triste ambição!  
 O que disse, escrevi, só foi tocado  
 Das miserias que arruinão o Estado  
 Das dezordens, da preguiça, indolencia  
 Que do Reino são ruina, e decadencia!

## XVI.

Alegre sem ter susto,  
 Se viver, vou a Obra publicar  
 E planos concluir  
 Que felizes fazer pódem Portuguezes  
 Passo annos, passo dias, passo mezes  
 Em Patria servir  
 Sem desgosto, e sem pena, sem pezar  
 Porque não sou injusto!  
 Fui Vassallo reflectivo, e zeloso  
 Isto basta a fazer-me o mais dictoso!  
 Renuncio aos Premios, a favores  
 Que absorvem esses vãos aduladores!

## XVII.

Eu vivo muito certo  
 Pela minha efficaz combinação  
 Que sendo attendido  
 Portugal será rico, e poderoso  
 Que não póde ser feliz, e ser dictoso  
 Se for dezattendido;  
 E que pelo monopolio, e inacção  
 Virá a ser dezerto  
 A melhor das Províncias que tem  
 E que faz deste Reino o summo bem!  
 Os remedios são dictados por amigo  
 E as duvidas só fórma o inimigo!

## N O T A.

„ O Seculo illustrado; a Nação illuminada; as Luzes da recta razão se conhecem brilhantes; as economias estranhas se adoptão; a precisão as procura; e neste estado pode-se acreditar que as agriculturas deixem de ter parte em tantos beneficios de que se logra a Sociedade Portugueza? Ficarão os seus Velhos rituaes, e rançosos manejos sem hum toque desabusivo, ou sem huma fórma util que deve receber aquella das culturas que se prova essencialmente precisa ao Estado, e que o livre das dependencias dos alheios soccorros?

A cultura das terras productivas tomada em sentido geral he huma Sciencia dependente de muitas Artes, e que tendo muitas ramificações de distinctas habilidades, todas são inherentes ao seu troneo. Em cada ramo desta Sciencia conhecemos, principios, modos, ferramentas, e trabalhos positivos; e que nunca se dispensão a cada cultura. Logo cada huma tem systema, com principios, modos, e tempos, &c. Logo he Arte, quasi Officio, e mecanico pela parte material, quando nobre occupação pela espirital que detremina escolhendo. Destas muitas Artes se compoem a Sciencia das Agriculturas. Não buscarei provas, e regeitarei as citações; não porque as julgo desnecessarias, mas porque não intentei escrever Cartas de nomes, que só impoem, e nunca qualificão os talentos de seus Relatores, nem legitimão as materias de que tratão huns, e outros. Diversos sitios; estranhos climas; distinctas terras fazem impedimentos a Authoridades que não servem senão em casos identicos. Então a nossa razão ha de escolher os dictames, e a experiencia fazellos applicar: eis-aqui a defeza pela minha negativa. Confesso que nesta Sciencia, como em todas, he huma vantagem a noticia dos systemas relativos; e eu a quizera universal, a ser possivel. Nunca porém eu citaria senão os Inventores, Descobridores, ou Aperfeçoadores das Artes, e dos seus maquinismos. Os Relatores ou approvadores não me são recommendaveis para Authoridades de applicações,

ou usos que pódem ser menos indicados em hum que em outros terrenos, e Paizes, &c. Satisfação, he esta, menos precisa, do que util; vistos os cegos fanatismos dos Secretarios de Escripos que melhor entenderão, Theoricos, que applicarão Praticos.

He não só Arte mas Sciencia a Agricultura. Tem elementos publicos de principios entre algumas Nações civilizadas, que já por suas vistas economicas, os formarão para instrucção dos seus Cultores. A necessidade dos Estados attendeu a precisão de estudos proprios, á vista de huma geral ignorância nos Lavradores, que prejudicava as Sociedades. A curiosidade de muitos que soberão ler, ver, e applicar, tem mostrado seus progressos ha menos de hum rosario de annos! Europa o sabe, e o logra.

Portugal tem iguaes, e maiores precisões de fazer instruir os seus Lavradores do Alem-têjo. Farei ver como são mal dispostas, e lavradas as terras de huma tão bella Provincia, mesmo pelos mãos trabalhos antecedentes ás sementeiras; pelos peores destas; e pelos abusivos rituaes que como aranzéis se achão adoptados, e seguido sem criterio, nem observação; pois não tem estes dotes aquelles Lavradores a quem faltão os estudos. Assim succede nos outros muitos ramos de culturas, creações de gados, e plantações, &c. de que agora não me farei ver o mais especifico, e positivo apologistas, critico; porém em outra occasião apparecerei conhecedor de molestias, e applicador de remedios que só a pratica assidua descobre aos curiosos que tem manias por huma Arte tão importante, quanto util, e respeitavel aos Estados, e Sociedades quaesquer que sejão as suas graduações alternadas.

A grande Obra que prometto ao Publico tem de despeza muitos annos de observar, e escrever: restará corrigirla, e expurgar o turbilhão de pensamentos, para depurar-lhes os que utilisem a Nação, &c. Esta Sciencia por seus importantes interesses, por certo não he das abstractas: he fysica, provavel, e demonstrativa dos effeitos de seus principios. Tem axiomas, e definições tão viridicas ( como já se tem visto em Obras Portuguezas ) que não deixão duvidoso o seu caracter de Sciencia. Em Alem-têjo deveria mostrar-se tal. 1.º com elementos. 2.º até com aulas, e Mes-

tres; obrigados os novos Lavradores, a e todos regulares; methodicos, e formaes. 3.<sup>o</sup> ainda com academias, em que os actuaes Cultivadores, se aproveitassem de suas sessões distribuidas relativamente a cada ramo.

Formalizar huns elementos de principios seria facil a alguns genios, quando interinamente se tolerassem as suas forçosas imperfeições. Os que se pôdem traduzir devem passar pelo criterio que delles só escolha praticas, systemas, e usos que tiverem analogias proprias com os diversos terrenos a que vão servir; attendidas sempre as poucas disposições dos sujeitos, para lhes suavizar a violencia da novidade que recontra os seus costumes, usos, e rançosos rituaes classificados em cada termo de Villa, de Cidade.

Eu supponho apparecidos huns elementos, e mui perfeitos; porém isto não he tudo o que precisa desde já huma Sciencia que liga muitas Artes! Huma = Nomenclatura = hum Diccionario, especificos a cada ramo distincto era indispensavel á apparição de huma tão proveitosa Sciencia! As Academias, com o gosto promovido (e Membros idoneos) e com o tempo havião dar principios a hum tão util Tratado.

A Historia ministerial, e proveitosa das culturas praticas, de terrenos diversos; e a das suas producções, &c. tão bem era attendivel para instruir os Lavradores, e Cultivadores, dos muitos modos, fórmãs, tempos, e estações em que, e com que se fazem as sementeiras, e colheitas; visto que cada hum ignora tudo o que excede aquelles usos, e praticas com que forão creados nos seus pequenos districtos. Esta 3.<sup>a</sup> Pessa me pareceria mais facil a apparecer do que a 1. e 2. mas são todas possiveis quando a diligencia, o patriotismo, e as ordens o pertendem se fizermos girar o Globo das aptidões, nos eixos, ou pollos mais firmes quaes são a = Gloria, = e interesse, distincções quimericas satisfazem a vaidades, e pagão bem orgulhos da presumpção. Premios de baldios, ou tennes ordenados que se arbitrem para isto preenchem, ou as ambições, ou as precisões dos occupados effectivamente, nas aulas, ou academias, &c. Parecerá ardua huma empreza para que mostro que falta tudo! Não he assim quando abra digestão seja empregada sem formar turbilhões de intentos repentinos, e accelerados. E quando se representa que os meus planos são obras alinhavadas, que

nunca pôdem ser cosidas; eu protesto pelo engano do que assim pensar. Tambem posso asseverar que desprezados os meus artigos, e principios reformantes sempre Alem-têjo será o emprego dos monopolios; o objecto dos empenhos; o Paiz terrível que já começa a ser, pelo qual temerão os viajantes passar, e os commerciantes circular para soccorrer com generos huma Capital precisada de todos, e de muitos mais!

Concedendo que he ardua a tentativa de estabelecer a Sciencia da Agricultura entre ignorantes, e inertes, sem haver alumnos cooperantes: porém qual empresa poderá tentar hum Soberano que intenta o seu renome, e pretende fazer felizes seus Vassallos? Haverá no estado presente das cousas huma descoberta de que possam originar-se tantas venturas para o Estado, como aquellâ de formalisar as culturas melhores do terreno productivo? Veirão-se com attenção muitos dos artigos desta pequena Obra, e então se decidirá = que huma prudente e sabia Mão Poderosa chegará pelos meus planos a reter em Portugal muitos milhões de sahidas annuaes = Que fará aproveitar suas terras incultas; e que pôde fazer conter, e arrecadar milhares de moios de Pão que produzidos pelos trabalhos vão a consumir-se inutilmente. Então igualmente se pôdem aproveitar tantas mil arrobas de carnes, como se perdem nas debilhas; tantos mil Bois sacrificados antes de anno á glotoneria; e empregar tantos mil homens, extraviados dos trabalhos uteis, e occupados nos frivolos, e escusaveis. Que empresa! E que difficuldades! Protesto que a conquista de Barbaros Selvagens não he de maior gloria do que a instrucção de tantos ignorantes, e o regimen economico das maiores producções dos generos naturaes. Livrar hum Reino da annual contribuição de muitos milhões sacrificados á inercia, e á preguiça he empresa do maior, e mais humanal heroismo! Assim o entendi, e sem lisonja o declarei.

# INDICE

O U

RESUMOS DAS CAUSAS INDICADAS

C O M O

RUINAS DO ALEM-TEJO.

- |   | Pag. |
|---|------|
| ARTIGO I. <i>F</i> altas de estabilidades certas dos Lavradores pelos induráveis arrendamentos das Erdades, e ambições dos Senhorios, etc.                      | 6    |
| ART. II. <i>A</i> s poucas forças animaes dos Lavradores são causas de menores culturas em tempos favoráveis: dispoem os monopolios, e ruinas das Erdades, etc. | II   |
| ART. III. <i>F</i> altas de Bois, e seus grandes valores impedem os Lavradores de conseguir as forças animaes respectivas razões porque faltão, etc.            | 16   |
| ART. IV. <i>O</i> s homens são poucos. Faltão Trabalhadores. Razão disto.   | 22   |
| ART. V. <i>F</i> abricas de luxo prejudicão o Estado, e culturas.   | 29   |
| ART. VI. <i>M</i> attos, e suas sepas impedem as lavouras expeditas; e são prejudiciaes ás maiores culturas do Pão, arvoredos, etc.                             | 35   |

- ART. VII. *Profusão de Baldios, Coutos, e Maninhos, he perniciosa ao systema de culturas regulares, pelos abusos das Leis agrarias.* 41
- ART. VIII. *Quadrilhas de Bois prejudicão as culturas, e producções.* 49
- ART. IX. *Desprezos dos arvoredos naturaes pelo entusiasmo da conservação dos mattos, pelos fogos e rossadas; e pelas carvoarias de sobro, etc. tudo diminue a melhor producção de Alem-téjo.* 55
- ART. X. *Valles incultos são infinitos; e podendo ser productivos o não são conforme o expendido nos art. 1. e 2. e seguintes, etc.* 65
- ART. XI. *Obrigaçõ de Missa nos Dias Santos dispensados, prejudica a Plebe campestre; as culturas; retarda estas; etc.* 72
- ART. XII. *As Vinhas quando tantas, empattão os homens precisos ás Agriculturas de primeiras attenções porque pãõ compra-se vinho não.* 77
- ART. XIII. *As seifas communs, prejudicão os Lavradores ao Estado. Gadanhas são mais uteis que as foices; etc.* 84
- ART. XIV. *Debulhas feitas com Bois, e Vacas, são prejudiciaes, e muito.* 95

- ART. XV. *A falta de Canoes navegaveis na Provincia he prejudicante ao systema economico pelos estragamentos dos Bois, e emparte dos homens, etc.* 104
- ART. XVI. *As terras são exauridas de substancias vegetaes, pelas chuvas, e cheias. Precisão Diques para conter os lodos, e fertilisar Bachuras, etc. etc.* 115
- ART. XVII. *Fontes, e Poços, são precisos, e huma Policia relativa á melhor conservação das agnas, de que pendem saudes, e vidas, etc.* 127
- ART. XVIII. *Pirkaes são precisos, na Provincia (e no Reino). As suas faltas, e dos seus tratamentos limpezas, etc. tem consequencias de graves prejuizos.* 133
- ART. XIX. *Pastos artificiaes são precisos, e são uteis. Devem persuadir-se, e detreminar-se. Sem elles padecem os gados, e enfraquece a lavoura.* 140
- ART. XX. *Estradas, e pontes arruinadas são obstaculos ao giro negocial, difficultão as fertilidades, e modos que podia ter a Corte, etc.* 152
- ART. XXI. *Varias advertencias, criterios, e notas, que são uteis ao Estado.* 170

FINIS LAUS DEO.

ART. XVII.  
In the case of a...  
104

ART. XVIII.  
The...  
105

ART. XIX.  
The...  
106

ART. XX.  
The...  
107

ART. XXI.  
The...  
108

ART. XXII.  
The...  
109

ART. XXIII.  
The...  
110

FINIS LAUS DEO

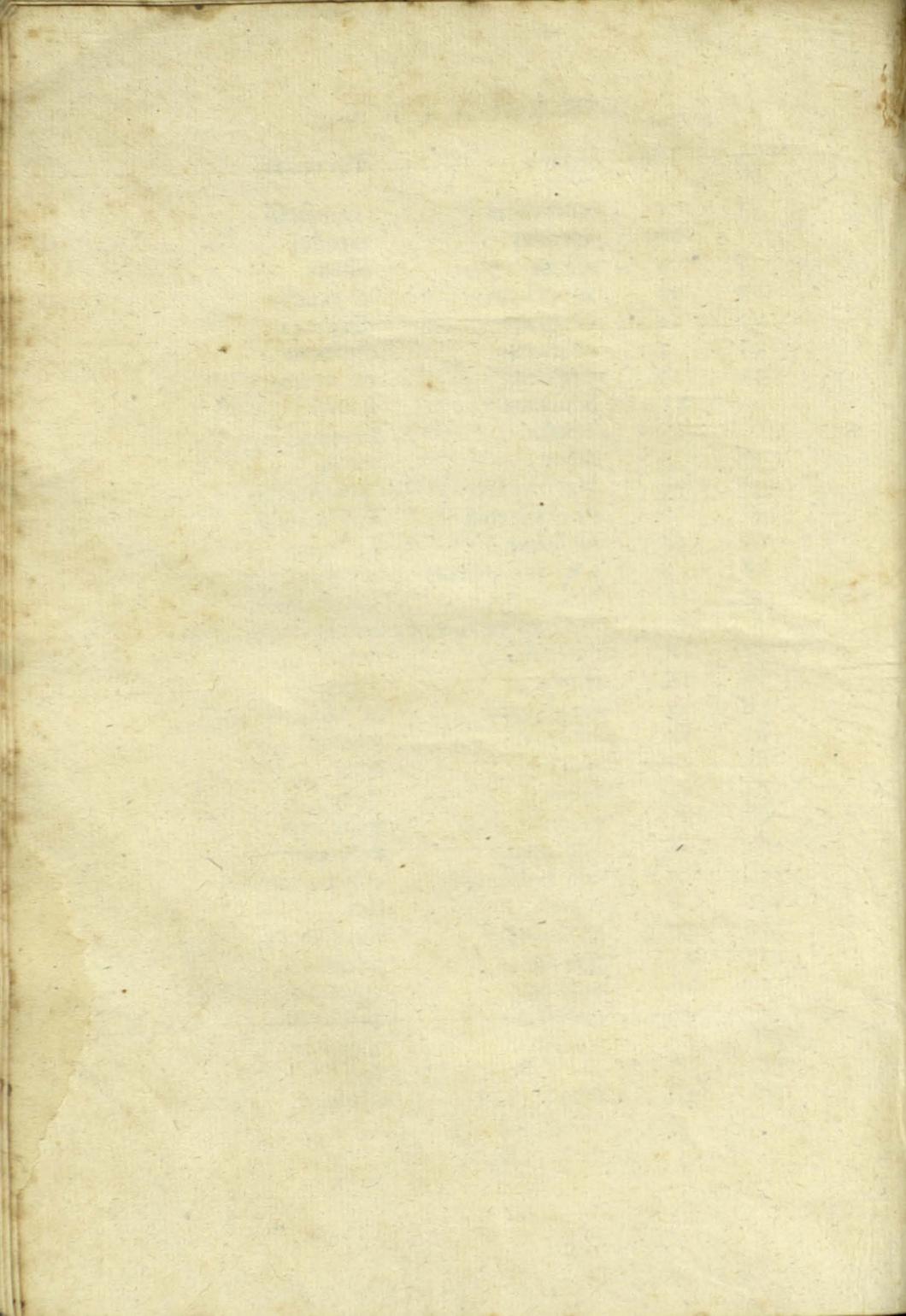
## E R R A T A S.

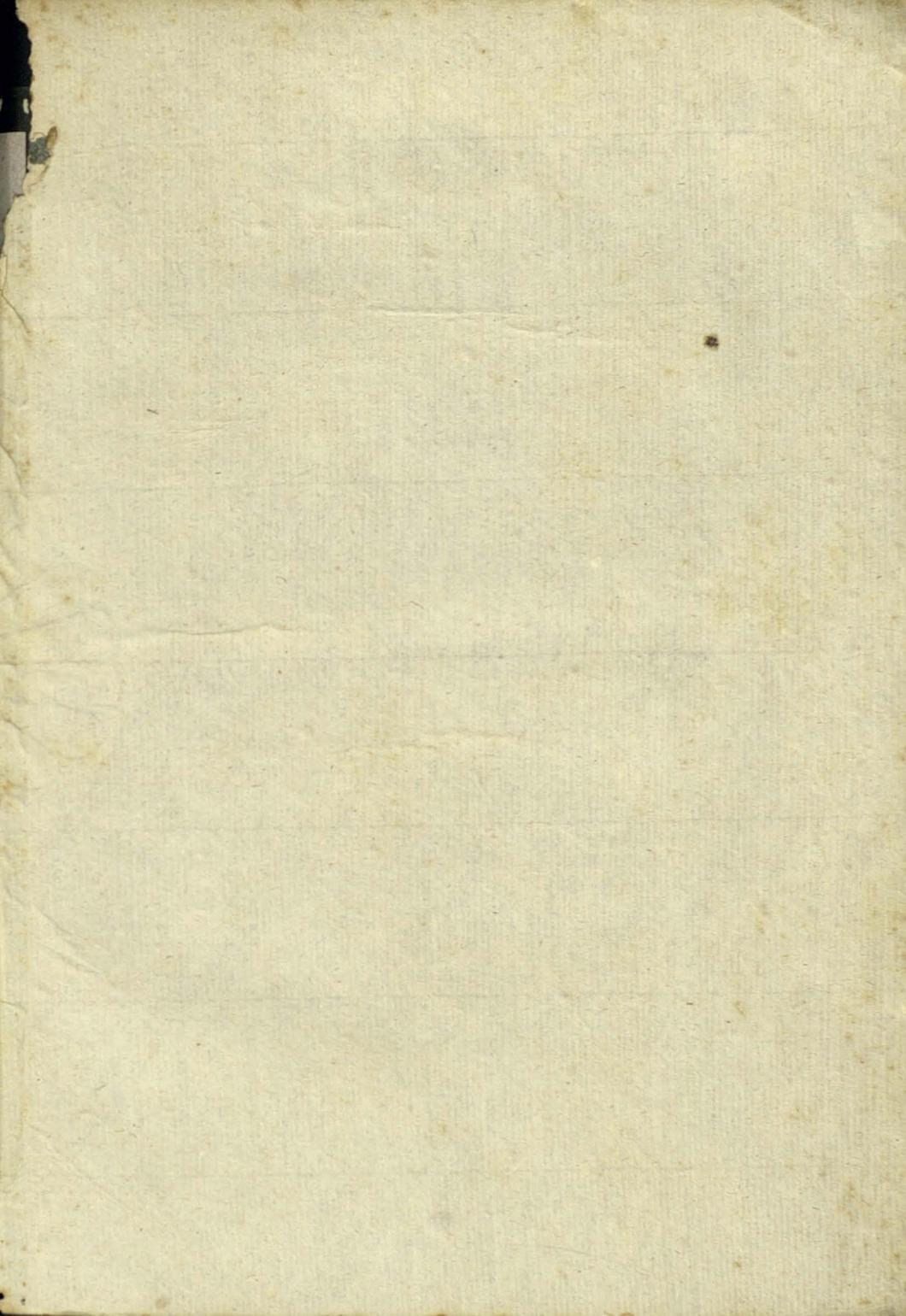
Pag.	Lin.	Erros.	Emendas.
5	15	embebem	embebaõ
	16	estudei	estudai
7	2	silvas	selvas
17	10	as couzas	as cauzas
23	12	desgracs	desgraça
30	2	custuzus	custozos
32	17	devertir	de vestir
	23	Roupões	Ruoês
	24	Beitões	Baetões
36	7	sciva	sceva
38	3	lhas tirárão	lhos tirárão
41	5	Por sistema	Por setima
47	39	se huma	he huma
48	3	e os moradores	a os moradores
50	19	Condições	Conduções
54	21	a os monopolistas	e os monopolistas
55	16	Roçadoiros	roçadeiras
77	16	trigos.	trigos ?
78	4	de alquẽre	de alquive
81	14	astutos	astutas
82	5	secas	suas
94	11	dobra	dobre
98	11	veldois	mais dois
103	8	dilatados	delatados
110	9	commonidades	comunicados
111	5	mares	rios
116	20	brilhantes	Constantes
117	11	pizadas	pezadas
123	16	anazasse	arrazasse
125	31	bacheiras	baichuras
126	5	publica	pequena
141	7	Há	hé
181	38	abra	a boa

ERRATA.

Page	Line	Words	Words
181	38	esta	esta
181	37	de	de
181	36	de	de
181	35	de	de
181	34	de	de
181	33	de	de
181	32	de	de
181	31	de	de
181	30	de	de
181	29	de	de
181	28	de	de
181	27	de	de
181	26	de	de
181	25	de	de
181	24	de	de
181	23	de	de
181	22	de	de
181	21	de	de
181	20	de	de
181	19	de	de
181	18	de	de
181	17	de	de
181	16	de	de
181	15	de	de
181	14	de	de
181	13	de	de
181	12	de	de
181	11	de	de
181	10	de	de
181	9	de	de
181	8	de	de
181	7	de	de
181	6	de	de
181	5	de	de
181	4	de	de
181	3	de	de
181	2	de	de
181	1	de	de







BIS